

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DA HISTÓRIA  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO “ENSINO DE HISTÓRIA”  
LINHA DE PESQUISA: NARRATIVAS HISTÓRICAS. PRODUÇÃO E DIFUSÃO

**NAS BATIDAS DOS BEATS E NA CADÊNCIA DO FLOW:  
HIP-HOP, ENSINO DE HISTÓRIA E IDENTIFICAÇÃO RACIAL**

PEDRO HENRIQUE PARENTE DE MESQUITA

**NATAL – RN**

**2018**

PEDRO HENRIQUE PARENTE DE MESQUITA

**NAS BATIDAS DOS BEATS E NA CADÊNCIA DO FLOW:  
HIP-HOP, ENSINO DE HISTÓRIA E IDENTIFICAÇÃO RACIAL**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa do Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória) do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal Do Rio Grande do Norte, área de Concentração em Ensino da História, Linha de Pesquisa: Narrativas históricas. produção e difusão como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino de História.

Orientador: Prof. Dra. Maria Emilia Monteiro Porto.

**NATAL – RN**

**2018**

BANCA EXAMINADORA

---

Dra. Maria Emilia Monteiro Porto  
(Orientadora)

---

Dra. \_\_\_\_\_ UF \_\_\_\_  
(Avaliador interno)

---

Dr. \_\_\_\_\_ UFRN  
(avaliador interno)

---

(Avaliador suplente)

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN  
Sistema de Bibliotecas - SISBI  
Catalogação de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes - CCHLA

Mesquita, Pedro Henrique Parente de.

Nas batidas dos beats e na cadência do flow: hip-hop, ensino de História e identificação racial / Pedro Henrique Parente de Mesquita. - Natal, 2019.  
103f.: il. color.

Dissertação (mestrado) - Centro de Ciência Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2019.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Emilia Monteiro Porto.

1. Ensino de História - Dissertação. 2. Hip-hop - Dissertação.  
3. Identidade - Dissertação. I. Porto, Maria Emilia Monteiro. II. Título.

RN/UF/BS-CCHLA

CDU 94:37

Elaborado por Heverton Thiago Luiz da Silva - CRB-15/170

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a minha maior incentivadora e entusiasta das minhas escolhas, minha mãe, que sempre me apoiou e esteve ao meu lado nos momentos bons e nos momentos de angústia sempre me incentivando do jeito dela.

À minha companheira de jornada, que assim como minha mãe sempre foi uma entusiasta do meu trabalho e do fazer histórico. Obrigado pelo apoio emocional nos momentos de dúvidas e pelo olhar de historiadora que tantas vezes me ajudou na construção do trabalho. Nesses dias atribulados, de idas e vindas a Natal, você foi e continua sendo luz em minha vida.

Agradeço imensamente à minha orientadora Maria Emília que tão pacientemente me acompanhou nessa trajetória do trabalho. Muito obrigado por toda compreensão e apoio.

Aos meus amigos, que carinhosamente nos auto intitulamos “Pessoal do Ceará” em homenagem ao álbum dos cantores cearenses, Ednardo e Belchior. Sem o apoio de vocês nessa trajetória esse trabalho teria sido bem mais pesado do que foi. Muito obrigado Marlia, Acácio, P.A, Ícaro, Thiego e Fernando. Sem vocês as viagens teriam sido mais longas e cansativas do que foram. Obrigado especialmente por me aceitarem no *kit-net*, ponto de apoio tão necessário em meio ao turbilhão de emoções de fazer um mestrado em outro estado com viagens semanais.

Aos colegas de Natal que tão bem me acolheram, seja indicando locais para almoçar, oferecendo caronas para locomoção na cidade ou em encontros após as aulas nas mesas de bares, onde tanto debatemos assuntos referentes a nossa pesquisa. Em especial Alessandra, Kaliene, Ildegarde e Daniel.

Agradeço meus alunos que toparam participar da oficina, sem os quais não teria sido possível desenvolver o trabalho, e também a todo o núcleo gestor da EEEP Dona Creusa do Carmo Rocha que durante as aulas do mestrado tão cordialmente organizaram os horários para que fosse possível cursar as disciplinas.

Agradeço também aos amigos da época da graduação da UFC, que de sua forma peculiar me apoiaram, fosse procurando saber sobre o andamento da pesquisa, fosse fazendo brincadeiras com as ausências nos encontros devidos às aulas no final de semana em outro estado.

Por fim agradeço aos incríveis professores do ProfHistória - UFRN que tanto nos incentivaram e contribuíram nessa trajetória desafiadora que foi produzir pesquisas no campo de Ensino da História.

## RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo trabalhar o ensino da história afro-brasileira dentro do complexo ambiente escolar diante da modernização do currículo no qual, se tem a obrigatoriedade de trabalhar o assunto dentro dos espaços de ensino (Lei 10.639/03). A sugestão da lei seria trabalhar o tema de africanidades durante todo o período de ensino, mas o que se percebe, na grande maioria das vezes é que se trabalha o assunto durante um dia ou através de um evento, mantendo a ideia de que esse seria um assunto à parte do conteúdo de História, um tema diferente, exótico, sem promover a naturalização do assunto. Muitas vezes, o que identificamos na prática é que o tema acaba sendo tratado de forma secundária e, ou pior, reforçando práticas que há muito são criticadas. Nessa perspectiva, de combate ao reforço de práticas racistas, uma das formas de mudar essa realidade seria trazer para o ambiente escolar a discussão de construção de identidade, proponho essa discussão através do diálogo com a cultura hip-hop. No Brasil o hip-hop ganha notoriedade na década de 1990 como um movimento que surge na periferia dando voz para os marginalizados da sociedade. Isso é feito através da poesia que, no movimento hip-hop, é chamada de *rap* (ritmo e poesia). Em diversos momentos identificamos nessa poesia a questão racial como um ponto central do seu discurso, problematizando o papel do negro dentro da sociedade. Como nos últimos anos percebeu-se uma difusão muito grande de artistas desse gênero, trabalhamos na perspectiva de como essa linguagem, analisada como fonte histórica, pode fornecer os elementos participantes da construção dessa identificação racial, já que esse gênero acaba sendo muito escutado e difundido no espaço escolar através dos alunos que consomem esse estilo musical. Esse trabalho foi feito através de uma oficina de história (Hip-hop, identidade e História), que aconteceu na escola EEEP Dona Creusa do Carmo Rocha, localizada na cidade de Fortaleza, no bairro Monte Castelo, nos Estado do Ceará. Ao final da oficina foi aplicado um questionário que procurou identificar como essa oficina teria provocado mudanças nas formas de interpretação dos fatos históricos para os alunos, buscando dialogar com o conceito de consciência histórica proposto por Jörn Jüsen em seus trabalhos.

**Palabras chaves:** Ensino de História, Hip-hop, Identidade, cultura afro-brasileira.

## **ABSTRACT**

This research aims to work on the teaching of Afro-Brazilian history within the complex school environment in view of the modernization of the curriculum in which it is mandatory to work the subject within the educational spaces (Law 10.639 / 03). The suggestion of the law would be to work on the topic of Africanidades throughout the teaching period, but what is perceived, most of the time is that you work the subject during a day or through an event, keeping the idea that this would be a subject apart from the content of History, a different theme, exotic, without promoting the naturalization of the subject. Often, what we identify in practice is that the issue ends up being treated in a secondary way and, or worse, reinforcing practices that have long been criticized. From this perspective, in order to combat the reinforcement of racist practices, one of the ways to change this reality would be to bring the discussion of identity construction to the school environment, I propose this discussion through dialogue with hip-hop culture. In Brazil hip-hop gained notoriety in the 1990s as a movement that appears in the periphery giving voice to the marginalized of society. This is done through the poetry that, in the hip-hop movement, is called rap (rhythm and poetry). At various points in this poetry we identify the racial question as a central point of his discourse, problematizing the role of the black people within the society. As in recent years we have seen a great diffusion of artists of this genre, we work in the perspective of how this language, analyzed as historical source, can provide the elements participating in the construction of this racial identification, since this genre ends up being very much heard and spread in the school space through the students who consume this musical style. This work was done through a history workshop (Hip-Hop, Identity and History), which happened at the EEEP Dona Creusa do Carmo Rocha School, located in the city of Fortaleza, in the Monte Castelo neighborhood, in the State of Ceará. At the end of the workshop a questionnaire was applied which sought to identify how this workshop would have caused changes in the way of interpreting the historical facts for the students, seeking to dialogue with the concept of historical consciousness proposed by Jörn Jüsen in his works.

**Key words:** History teaching, Hip-hop, Identity, Afro-Brazilian culture.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>CAPÍTULO I – Consciência Histórica, hip-hop e identidade.....</b>	<b>23</b>
1.1- Consciência Histórica e o Ensino de História.....	23
1.2 - Hip-hop no Brasil e o Movimento Negro.....	32
1.3 - A identidade e a música como fonte histórica.....	38
<b>CAPÍTULO II – Oficina: hip-hop, identidade e história.....</b>	<b>43</b>
<b>CAPÍTULO III – Aplicação do questionário e coleta de dados.....</b>	<b>70</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>86</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>94</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>97</b>



## INTRODUÇÃO

Queremos, através do ensino de História, problematizar a identificação racial dos jovens a partir da utilização de fontes históricas musicais presentes no seu cotidiano. A proposta é a utilização do *rap* como elemento cultural no combate à perpetuação da ideia de uma democracia racial. Na busca de atender aos objetivos propostos pelas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN's) que seria um ensino voltado para a problematização da questão racial no Brasil, no combate à perpetuação da ideia de uma democracia-racial. Diretrizes Curriculares Nacionais são normas obrigatórias para a Educação Básica que orientam o planejamento curricular das escolas e sistemas de ensino, fixadas pelo Conselho Nacional de Educação (CNE). As DCNs têm origem na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), de 1996, que assinala ser incumbência da União “estabelecer, em colaboração com os Estados, Distrito Federal e os Municípios, competências e diretrizes para a educação infantil, o ensino fundamental e o ensino médio, que nortearão os currículos e os seus conteúdos mínimos, de modo a assegurar a formação básica comum”.

Procuramos construir uma discussão a partir da forma como o negro está representado no livro didático. O debate de identificação racial dentro do espaço escolar se mostra desafiador, mas inevitável de ser adiado, pois é preciso que seja trazida para o cotidiano dos alunos a prática de reflexão sobre quem são e como se encontram na sociedade em que vivem. Através do exercício dessa reflexão poderão se tornar cidadãos mais críticos, que colaborem de forma positiva para a construção de uma sociedade mais igualitária, onde não haja distinções de pessoas por questão de sua raça ou etnia. Utilizo o termo raça, pois o mesmo é ressignificado pelo Movimento Negro como uma forma de potenciação de emancipação e não como regulação conservadora, como bem define Nilma Lino Gomes (Gomes, 2012).

Para que isso ocorra é necessário que o aluno se identifique como agente dessa modificação, onde a partir do desenvolvimento de novas práticas ele comece a modificar a realidade em que vive, construindo essas mudanças no espaço onde habita e as expandindo para um espaço maior. Isso só poderá ser feito quando deixarmos de perpetuar imagens já cristalizadas da História dos escravos africanos no Brasil, quando passarmos a trabalhar o respeito por suas representações culturais, sejam elas religiosas, artísticas, de vestimentas, entre outras. Pois ainda hoje presenciamos dentro do ambiente escolar a reprodução de práticas de intolerância, seja num olhar ou na construção de uma fala, ou na forma de construir o debate através dos conteúdos trabalhados em sala.

A apropriação do movimento *hip-hop* mostra-se desafiadora e necessária por ser uma linguagem que permeia o cotidiano do aluno no ambiente extra escola. Construir referências

do que ele escuta, dança e o que ele vê nos muros grafitados, fazendo um paralelo com a História se mostra um caminho que talvez possa efetivar o que tantas políticas públicas buscam, que é a identificação do jovem negro com sua cultura e a desconstrução da imagem estigmatizada que essa música e essa forma de vestir possui para alguns setores da sociedade.

Com a perspectiva de uma nova análise dos fatos históricos relacionados à história dos africanos no Brasil como contribuíram para a construção do nosso país, como suas práticas culturais influenciaram a cultura brasileira, como essa influência está presente em nossas práticas alimentares, juntamente com a apropriação do discurso construído e difundido pelo movimento hip-hop é que procuro discutir novas formas desse aluno se identificar enquanto ator social. Entendemos que isso pode ser alcançado através do desenvolvimento de uma análise crítica, que procura questionar o que é apresentado para ele como matéria de História, para assim entendermos um pouco melhor a realidade a qual nós fazemos parte. Paralelamente a isso trabalharemos na compreensão da representação dessa realidade nas músicas cantadas por artistas que fazem parte do movimento hip-hop. Na busca de compreender expressões utilizadas pelo movimento, pretendemos vivenciar-experimentar-exercitar o que se encontra nas entrelinhas das letras e batidas utilizadas pelo movimento.

Faremos um paralelo direto com a matriz da música africana, como sugere Macedo em seu texto que faz comparação das rimas do rap com os “griots” africanos que, nas tribos daquele continente, eram contadores de histórias, poetas e músicos que descreviam suas condições de vida e de seu povo, preservando a cultura do seu povo transmitindo as técnicas em versos de pai para filho. (MACEDO, 2008) Prática muito parecida a da juventude que escuta o rap na periferia, que acaba identificando as histórias contadas nas músicas com a sua própria história de vida, se apropriando de expressões e do vestuário desses artistas.

É na busca da construção de uma identificação mais real com a raça negra que buscamos desenvolver o diálogo do Ensino de História com o movimento hip-hop, mais especificamente com a música produzida dentro desse movimento. Buscamos assim uma mudança da forma como esse jovem se relaciona com o espaço que habita, onde ele deixa de ser um simples objeto desse espaço com um sentimento de não pertencimento e passa a ser um agente transformador, pois agora ele pode pensar e analisar, através de interpretações da história quem ele é, e porquê se encontra nesse lugar. Na busca de incentivar a apropriação desse espaço de pertencimento através da identificação racial, pensamos que isso só será possível através da ressignificação do desenvolvimento de conhecimento dentro da sala de aula e no ambiente escolar.

Procuramos efetivar o que é defendido na Lei no 11.645/2008 onde o assunto referente às matrizes afro-brasileiras devam perpassar todo o currículo escolar, principalmente nas

disciplinas de Artes, Literatura brasileira e História.

No decorrer da pesquisa me redescobri enquanto negro e passei a pensar em como eram minhas aulas antes de me interessar em pesquisar a questão racial no país, ou mesmo na minha escola: qual era a postura que defendia? Isso foi gratificante e me proporcionou um novo fôlego enquanto educador, pois pude buscar no meu fazer diário uma forma de ruptura com uma ideia eurocêntrica da história, sentimento que nunca havia problematizado na minha prática docente.

Minha experiência como professor se deu sempre em escolas públicas, desde quando me formei. Os primeiros dois anos em escolas na região metropolitana da cidade me proporcionaram o contato com uma realidade nunca vivenciada durante os anos de faculdade. Uma das minhas escolas não tinha fácil acesso, tendo que caminhar diariamente pelas ruas de uma região de invasão de terra do antigo abatedouro do frigorífico da cidade. Nos dias de chuva, a escola não funcionava, pois as ruas alagavam e as casas eram invadidas pela água da chuva. Vivenciei essa realidade entre os anos de 2010 e 2012, ano em que fui lotado na Escola Estadual de Ensino Profissionalizante Dona Creusa do Carmo Rocha, que fica localizada em um bairro próximo ao Centro da cidade de Fortaleza. Atuo na educação básica estadual há oito anos. A escola na qual atuo não possui PPP, apenas um modelo genérico que é enviado anualmente para a Secretaria Estadual de Educação do Ceará - SEDUC, e nesse modelo genérico em nenhum momento falam na questão racial. Modelo esse inclusive que não temos acesso, devido a ele não existir fisicamente. Existe apenas como uma informação oral da diretoria da escola.

O tema trabalhado por mim ganhou certa relevância dentro do espaço escolar, pois constantemente e com maior frequência nas turmas que iniciaram os anos letivos de 2016 e 2017 percebemos um aumento de comportamentos racistas por parte dos alunos nas séries iniciais, com tratamentos como “tinha que ser preto”, “mas se ele mesmo brinca com a cor deles”, entre outros, que acabavam evidenciando o racismo, que era justificado por alguns desses alunos como uma “brincadeira”.

Isso veio reforçar a importância do assunto dentro do universo escolar e de como é importante discutirmos a questão da identidade e da imagem do negro na História do Brasil, principalmente quando se fala no Estado do Ceará, onde é comum ouvir a expressão de que “aqui não existe negros”, fazendo uma alusão a expressão Terra da Luz, por ter sido a primeira província a libertar os escravos durante o período Imperial.

Na busca de construção de reflexão junto aos alunos fizemos uma aula, a pedido de alguns professores que sabiam que eu pesquisava o tema. Momento, que infelizmente só foi uma única vez e durou apenas uma hora-aula devido à dinâmica da escola profissionalizante.

Nessa ocasião trabalhei com vídeo, procurando exercer o diálogo com os alunos a respeito do que era ser negro no Brasil, de como eles se identificavam. Mesmo nesse momento foi perceptível a resistência por parte de alguns alunos.

Outro momento em que foi possível debater sobre a questão racial no espaço escolar foi em um sarau promovido mensalmente na escola e que no mês de novembro teve a temática “diáspora africana e consciência negra”. Mesmo nesse momento, onde houve uma fala por minha parte, foram tocadas algumas músicas da MPB e do samba, mesmo a escola possuindo alunos que tinham intimidade com o rap, com a poesia falada, o *slam*,<sup>1</sup> ainda percebemos a falta de aceitação e mesmo o desconhecimento da luta por parte das pessoas que fazem parte desse movimento social. O fato é que mesmo dentro de um evento voltado para a “consciência negra”, percebemos um reforço da imagem passada pelos colonizadores e não a construção de uma problematização. O que fortalece a importância do desenvolvimento de uma prática educacional emancipadora, pautada na ideia de alteridade, através do diálogo direto com a realidade dos alunos, para ao invés de reforçarmos determinadas práticas, possamos instrumentalizar nossos alunos através da análise do presente sob uma nova perspectiva, construindo pontes ao invés de muros.

O primeiro trabalho acadêmico que buscou construir um diálogo por esse caminho entre *Hip-Hop* e educação data de 1996 e recebe o título de “Movimento Negro Juvenil: Um Estudo de Caso sobre Jovens Rappers de São Bernardo do Campo” escrito por Elaine Nunes Andrade<sup>2</sup>. Desde então o número de trabalhos acadêmicos, sejam eles dissertações, teses ou mesmo artigos científicos tem aumentado em número e possibilidades de diálogo.

Irei listar alguns trabalhos que têm me referenciado em relação ao assunto e me ajudado a pensar sobre o tema em relação ao Ensino de História. Um dos textos que me ajudou a pensar nessa questão da identidade para além da questão racial, me possibilitando pensar também na perspectiva do meu aluno como um jovem adolescente foi “Adolescentes como autores de si próprios: cotidiano, educação e hip-hop”, escrito por Viviane de Melo Mendonça Magro. Nesse artigo a autora nos convida a refletir sobre o que é ser adolescente através da observação e não da imposição de uma imagem criada pelos adultos. É aí que o hip-hop se mostra como uma ferramenta de emancipação desse jovem, onde eles podem representar como se vêem no espaço escolar e social em que vivem. Como nos mostra no trecho a seguir.

---

<sup>1</sup> Campeonatos de poesia.

<sup>2</sup> Informação retirada da dissertação de William de Goes Ribeiro “Nós Estamos aqui!”: Hip-hop e a construção de identidades em um espaço de produção de sentidos e leituras de mundo. UFRJ 2008.

Alguns adolescentes também, ao falarem para nós sobre o seu envolvimento com o Hip Hop, apontam para a criação, através desse movimento, de um espaço de referência para os adolescentes, onde estes desenvolvem um sentido de comunidade que fundamenta um sentido de identidade radicalizado na experiência social, cultural e étnica. (MAGRO, 2002 Pág. 69)

O *hip-hop* aparece assim em seu trabalho com uma função emancipadora para os jovens, onde eles constroem um referencial de identidade e um espaço de desenvolvimento autônomo onde são construídos seus referenciais representacionais. Nesse espaço, segundo a autora, se desenvolveria uma educação não formal, muito rico, que poderia ser explorado pelos professores na tentativa de construção de um novo espaço de aprendizagem.

Outro trabalho que também me ajudou a construir um referencial para a pesquisa foi o de William Weller, onde a autora faz um comparativo de um grupo de rappers brasileiros com um grupo de rappers de Berlim, na busca de semelhança e diferenças no movimento brasileiro e alemão. A autora nos mostra a questão do preconceito racial de duas formas: uma por causa de sua etnia, ou país de origem (Berlim) e a outra por causa da cor da pele (São Paulo). Ambos buscam construir um meio para expor suas mazelas através do movimento hip-hop.

A partir da experiência e participação ativa no movimento Hip-hop, os rappers desenvolveram uma forma de discurso exclusiva e uma forma específica de argumentar contra a discriminação devido a cor ou descendência e de enfrentar o preconceito devido a origem social. O rap passou a ser visto como um instrumento de informação e mobilização da juventude negra dos bairros periféricos, criando a partir da valorização da história e cultura da população negra [...] uma forma de enfrentar a exclusão. O rap passou a ser visto como um veículo de comunicação ou de diálogo entre a periferia e o centro de São Paulo[...] A particularidade do Hip-hop está justamente nessa forma especial de relação com a público branco dominante, onde os MC's (Mestres de Cerimônia) é que estabelecem a ordem do dia ou a forma específica de comunicação. (WELLER, 2000 pág.228)

Por acreditar que o hip-hop constrói esse espaço de diálogo penso em utilizar as narrativas presentes em suas músicas para auxiliar a construção da identidade através do diálogo com o ensino de história e o desenvolvimento da consciência histórica, na tentativa de instrumentalizar os alunos com conceitos que os auxiliem na interpretação do presente de uma forma multifocal, encarando diversas possibilidades interpretativas.

Nesse sentido e na busca da compreensão do que seria a identidade e de como o Ensino de História pode ajudar na sua compreensão e influenciar em sua construção, desenvolvendo uma identificação racial levanto a seguinte possibilidade interpretativa do que seria identidade e de como o rap pode auxiliar nesse processo através das aulas de História no Ensino Básico, mais especificamente no Ensino Médio.

A proposta pensada para combater determinadas situações expostas anteriormente seria a construção de um diálogo através da temática de identidade junto aos jovens alunos com a cultura negra. Em um primeiro momento seria realizada uma oficina composta por aproximadamente dez horas aulas, onde seria desenvolvido um diálogo inicial e apresentado um questionário, aonde os alunos vão se identificar de acordo com as perguntas de múltipla escolha. Esse é o primeiro momento, e num segundo momento eles produziram um texto falando quais são suas impressões sobre a cultura negra e a representação do negro dentro da História do Brasil.

Durante os encontros seriam analisadas músicas, no caso específico, o *rap*, e seria apresentada a história do movimento *hip-hop*. As análises das músicas ultrapassariam o simples ato de ouvir, pois seriam encaradas como fontes históricas. Buscaríamos saber: quem foram os artistas que a produziram; quais as percepções sonoras que os alunos identificam, para além da letra; e o que mais lhes chamou a atenção. Procuramos com isso problematizar a situação da população negra no país na tentativa de desenvolver uma análise mais apurada da história do país, sob uma nova perspectiva. Sempre na busca da relação do presente com o passado, conscientes de e que essa relação é parte de um processo histórico.

Nos dois últimos encontros seriam debatidas as ideias do desenvolvimento de uma rádio na escola, que tem como foco o debate da temática racial e a reprodução de música do estilo *rap*. Nessa última fase seria aplicado novamente o questionário e a pergunta das aulas iniciais, para realizarmos uma comparação coletiva das respostas iniciais com as finais, na tentativa de quantificar até que ponto o olhar dos alunos mudou ou se sofisticou em relação à temática afro-brasileira. A problematização de como esse conteúdo está apresentado nos livros didáticos, a forma em que é trabalhado pelo profissional de História em sua prática cotidiana e a construção de uma experiência alternativa que o supere e promova o indivíduo e o grupo têm lugar central nesta pesquisa.

Tenho percebido que os livros didáticos, mesmo com suas modernizações, acabam repetindo interpretações já cristalizadas da questão racial, trazendo de uma forma apenas expositiva a ideia de uma democracia racial amplamente difundida desde a publicação da obra *Casa grande e Senzala*, do autor Gilberto Freyre, repetindo a imagem do Brasil como um país onde não há racismo, e da elite branca como sendo a protetora dos negros no processo de abolição da escravidão. É preciso repensar como esse período da história está cristalizado em nossa memória, como nos convida em sua dissertação Ana Luiza Pinheiro Flauzina.

Caminhando lado a lado com essa política, percebe-se desde o mesmo período a estratégia das elites em postergar uma abolição, já por um fio em 1850. O conjunto de leis promulgadas entre a década de 50 do século XIX e a década de 80, não

devem ser consideradas, ao nosso ver, na perspectiva de uma “abolição gradual”. Ao contrário, materialização dos últimos suspiros de um sistema que desabava frente às pressões internacionais, essas leis são uma tentativa de esticar ao máximo a vigência da escravidão, enquanto os trabalhadores europeus eram trazidos para o país. Era preciso garantir a vinda do maior número de trabalhadores brancos antes da abolição da escravatura. Sem a existência de uma outra fonte de mão-de-obra disponível, a inviabilização social dos negros poderia se comprometer, por uma entrada mais efetiva no mercado de trabalho. Era justamente à possibilidade de um maior equacionamento do poder que as elites brancas brasileiras tinham verdadeira aversão. (FLAUZINA, 2006 pág.62)

É na busca de promover uma releitura de alguns fatos cristalizados dentro da historiografia clássica, relacionando com a atual situação do negro no país, e na também na cidade de Fortaleza, que proponho a construção do diálogo entre ensino de história e o movimento cultural e social do hip-hop.

O material a ser produzido a partir dessa oficina pode fornecer uma proposta de como trabalhar essa temática em diversas realidades de outras escolas do ensino público, oferecendo uma forma de construção de diálogo com a cultura produzida na periferia, que muitas vezes acaba sendo vista de uma maneira preconceituosa, pois é associada à marginalidade. Essa cultura periférica possui muitas relações com o processo de globalização e está diretamente relacionada ao processo de diáspora africana vivida durante o processo de colonização do Brasil.

A pesquisa está diretamente direcionada a alunos que estão frequentando o segundo ano do Ensino Médio, pois é nesse ano específico que tratamos de assuntos como colonização da América e trabalhamos também com uma boa parte da História do Brasil, principalmente o período colonial e o período imperial. Escolhi esse recorte, pois é nessa série em específico que trabalhamos com a questão de escravidão no Brasil, o que nos fornece margem para trabalharmos assuntos como sincretismo religioso, cultura brasileira e construção da identidade nacional.

O debate que pode ser levantado durante a discussão desses temas nas aulas de história está diretamente relacionado com a lei 10.639/03 que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas, públicas e particulares, do ensino fundamental até o ensino médio. Ao me posicionar como negro, acredito que devemos reatar os nossos laços ancestrais com a cultura africana de alguma forma. A música, a danças são algumas das formas de tentar reconstruir nossa relação com raiz africana.

Os autores trabalhados até esse momento, na busca de embasar a pesquisa no quesito identidade negra foram Stuart Hall (2006), autor de origem haitiana que produz trabalhos relacionados à identidade e à questão da diáspora africana. Outro autor utilizado na construção desse diálogo foi Franz Fanon (2008), psiquiatra que trabalha a questão do

racismo como uma forma de patologia. Também procurei construir diálogos com autores da psicologia que pesquisam sobre a questão da identidade como Maíra Soares Ferreira (2012), que trabalha a questão da rima na escola, no auxílio da identificação racial por parte de alunos da escola pública. Luciano Magela Roza (2016), que trabalha a questão da música como fonte nos livros didáticos do Ensino de História tem lugar importante em minha pesquisa. Trabalhei também com a Ana Flauzina (2006), citada anteriormente, que é da área do Direito e produziu uma dissertação, que posteriormente virou livro, a respeito da construção do sistema penal brasileiro. Com a tese de doutorado de Glória Diógenes (1998), que fala das gangues na cidade de Fortaleza e de como o movimento hip-hop na cidade, ajudou a apaziguar o conflito entre essas gangues, temos outro referencial central para nosso trabalho. Outros autores serão apresentados no decorrer do texto.

A grande maioria dos estudantes matriculados na escola em que trabalho são provenientes de regiões periféricas próximas da escola. Em alguns casos temos alguns alunos provenientes de escolas particulares, mas esses alunos não permanecem muito tempo na escola, desistindo ainda no início do ano letivo, geralmente antes de encerrar o primeiro semestre.

A proposta pedagógica da escola é aliar o ensino técnico profissionalizante com a base comum do ensino e ao mesmo tempo desenvolver a pesquisa científica através do protagonismo do aluno. Pretendo desenvolver dentro da realidade escolar em que trabalho uma proposta de pesquisa baseada em uma perspectiva descolonizante, tentando evidenciar a ótica dos afrodescendentes dentro da historiografia. Para o desenvolvimento dessa perspectiva, procuro construir um diálogo com os seguintes autores que atuam no campo do Ensino de História: Isabel Barca (2006), e sua proposta de aulas oficinas; Jorn Rüsen (2010) e o desenvolvimento da consciência histórica; Peter Lee (2011) e a experiência vicária no ensino de história; Luis Fernando Cerri (2011) e a presentificação dos dias atuais por parte da sociedade contemporânea. São autores que foram referência durante o desenvolvimento dos questionamentos a respeito do Ensino de História e dos caminhos que pretendia seguir para o desenvolvimento do trabalho de pesquisa em ensino de História que apresentamos.

A dissertação será dividida em três capítulos e constará de alguns anexos que serão as letras das músicas utilizadas, os links dos clipes dessas mesmas músicas em endereço digital de sites como o *youtube* e o modelo de questionário que pretendo utilizar durante o desenvolvimento da minha aula oficina de História.

O primeiro capítulo busca desenvolver um diálogo entre as correntes de Ensino de História, a Teoria da história e a história do movimento hip-hop no Brasil e no mundo



promovendo com isso uma discussão a respeito do conceito de identidade e de música como fonte histórica.

O capítulo dois será composto dos dados produzidos durante a oficina planejada para discutir questões como identidade, movimento hip-hop, história e cultura dos afro-brasileiros. Ali apresentamos a análise desses dados, bem como explicamos a metodologia utilizada para ministrar as oficinas.

O capítulo três será a descrição de como o produto didático foi elaborado e de como ele pode ser utilizado no ambiente escolar para o Ensino da História nos anos de Ensino Médio da educação básica.

## **CAPÍTULO I – Consciência Histórica, hip-hop e identidade.**

### **1.1. Consciência Histórica e o Ensino de História**

O ensino de História tem se mostrado desafiador para os profissionais da educação da contemporaneidade. A relação do homem com o tempo mudou, as fronteiras diminuíram, a velocidade com que as informações circulam, a forma das pessoas se relacionarem, tudo isso graças ao desenvolvimento da tecnologia de comunicação que encurtou os espaços e aproximou os indivíduos. A tecnologia tem mostrado perspectivas interacionais que há tempos atrás eram apenas imaginadas e isso interfere diretamente no processo de como o indivíduo interage com o espaço a sua volta.

Em consequência dessa nova forma de se relacionar com o espaço e com as pessoas, a educação de uma forma geral tem presenciado novos desafios. Os espaços de aprendizagem como a escola e a sala de aula não têm se mostrado atrativos para os jovens. Na última década o Brasil presenciou um aumento de matrículas, mas mesmo assim segundo a pesquisa da “Education at a Glance”, estudo publicado anualmente pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE),<sup>3</sup> o Brasil apresenta um nível de abandono por parte dos estudantes do Ensino Médio de 26% dos alunos matriculados. Esse número é mais que o dobro da grande maioria dos países que participam da pesquisa. Além do abandono, tem se tornado frequente indagações como as seguintes: “Isso vai servir para minha vida em quê?”, “Para quê eu estou estudando isso?”. Isso tem demonstrado que para muitos alunos, a escola não é um ambiente agradável, ou pior, que eles não vêem significado em estarem cursando o Ensino Médio.

Na busca de responder essa e outras questões, o Governo Federal nas duas últimas décadas tem desenvolvido diversos programas na tentativa de reformular os conteúdos que são estudados no Ensino Médio e torná-lo mais atrativo para os jovens. Entre os anos de 1997 e 2000 foram criados os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN’s), que colocavam em destaque alguns aspectos fundamentais de cada disciplina. No ano de 2010 houve a Conferência Nacional de Educação (CONAE), onde especialistas discutiram a necessidade da criação de uma Base Nacional Curricular (BNC). Entre os anos de 2010 e 2012 foram elaboradas as novas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN’s). Em 2014 foi elaborado o Plano Nacional de Educação (PNE) através da Lei 13.005, de 2014, com vigência de 10 anos. São 20 metas para melhorar a qualidade da Educação Básica, sendo que quatro delas tratam da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). No ano de 2015 se iniciou o processo de

---

<sup>3</sup> Matéria publicada no site: <https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/indice-de-alunos-que-abandonam-ensino-medio-no-brasil-o-dobro-de-outros-paises-21810388> no dia 12/09/2017.

elaboração da BNCC e em 2016, através de uma Medida Provisória, se estabeleceu a Reforma do Ensino Médio que está atrelada à BNCC, que, até a presente data, não havia sido divulgada pelo Ministério da Educação (MEC).

Feita essa pequena introdução a respeito da Educação Básica no Brasil, começaremos a falar especificamente a respeito do Ensino de História. Os profissionais da História que trabalham com a Educação apontam alguns problemas para a disciplina no que diz respeito às dificuldades de aprendizagem e construção de significados. Um dos problemas apresentados por estudiosos do tema remete à utilização de alguns conceitos. Um dos conceitos mais utilizados, se não o mais utilizado dentro do ensino é o conceito de Tempo. A autora Ismênia de Lima Martins nos apresenta como um dos grandes entraves para o entendimento do conceito a concentração da atenção no presente. O passado está distante do presente quando as pessoas não identificam sua herança em razão da perda dos antigos padrões de relacionamento social e desintegração dos antigos laços entre as gerações (MARTINS, 2004). Com a perda do referencial de tempo, torna-se difícil possuir um sentimento de pertencimento à sociedade em que vivemos, o que torna o ensino de História pouco atrativo.

Identificado que um dos problemas para o ensino de História seja a apreensão de conceitos, surge a preocupação de desenvolvermos esses conceitos junto aos alunos, tornando-se assim um dos objetivos do professor a instrumentalização dos alunos através da construção de um vocabulário histórico que seja facilmente assimilável, mas que, principalmente, ele possa utilizar em diferentes situações de sua vida (SCHMIDT, 95).

Dito isso há importância em considerar o conhecimento prévio do aluno dentro do processo de ensino, mas com o cuidado de não focar apenas nesse conhecimento apreendido através do convívio social do aluno. Ele é importante, mas não como centro do processo. O processo de ensino aprendizagem deve ocorrer de forma dialógica, entre os conceitos a serem desenvolvidos em sala de aula e os conhecimentos prévios do aluno. O aluno é o responsável pela construção desse conhecimento, ou melhor, a instrumentalização dos conceitos históricos. Isso deve ocorrer mediante sua interpretação de determinados fatos históricos a serem estudados.

O conceito histórico não deve ser dado para o aluno, ele passa por um processo importante de construção, onde o aluno se apropria de formas para analisar a realidade social e associar definições como tempo e espaço. Na busca da instrumentalização dos alunos com conceitos históricos devemos atentar para esse não ser o único objetivo do ensino de História, como nos alerta Schmidt:

Se o trabalho com a construção de conceitos históricos deve fazer parte do processo ensino-aprendizagem de História, é preciso ter cuidado para não transformar este

objetivo no uso abusivo de termos técnicos ou na imposição de definições abstratas e memorizações formais de palavras e do seu significado. (SCHDMIDT, 1999 pág. 149)

A armadilha da falsa aprendizagem sempre está presente no cotidiano do professor pois a apreensão de conceitos históricos não é o simples enriquecimento de vocabulário, e sim um processo mais complexo. É algo inerente ao aluno, ele deverá significar ou ressignificar os conceitos que desenvolvem no processo de ensino-aprendizagem de História. Definimos conceitos como um corpo de conhecimentos, gerais ou específicos, abstratos ou concretos, que possuem relação intrínseca com objetos, acontecimentos, pessoas, ações, etc. Segundo Moniot (MONIOT, 1993, pág.86, apud Schmidt, 1999, pág.149): “Cada indivíduo tem a capacidade de agrupar e relacionar conhecimentos que ele selecionou, de acordo com a sua inserção social e cultural. Assim, os conceitos também podem ser tomados como “possibilidades cognitivas””.

O processo de atribuição de significados é pessoal e está diretamente ligado a forma como os conceitos foram construídos pelo sujeito. Onde a forma de interpretação e contatos com as teorias da história, são o que vão dar os ingredientes para a fermentação da atribuição de significados para determinados fenômenos sociais ou objetos sociais.

É importante que o aluno tenha a compreensão de que o histórico não é absoluto, mas que deriva de uma série de fatores do passado e que esse passado é explicado a partir da perspectiva interpretativa de um historiador que o analisou. O que significa que não possuímos apenas uma única versão de um fato histórico, mas que possuímos uma possibilidade plural de interpretação para esse passado. Para Luis Fernando Cerri é importante que o sujeito consiga se localizar no tempo e espaço para que possa assim criar perspectivas de uma mudança de realidade. Como nos apresenta a seguir:

Orientar-se no tempo é similar a orientar-se no espaço, ao menos nas estruturas. O primeiro passo é "o ponto onde estou": no tempo, esse ponto se compõe da definição da própria identidade(...). As minhas coordenadas são a percepção e a definição do meu presente, cruzadas com as minhas origens pessoais, minha família e minha comunidade. Mas um ponto não basta; é preciso uma reta que, como se sabe, é constituída de um alinhamento infinito de pontos, embora possa ser definida por apenas dois deles. Passado e presente assumidos por alguém dão os dois pontos mínimos para que identifiquemos uma reta. Mas uma reta, embora já estabeleça uma direção, não tem ainda um sentido; esse sentido não é apenas do passado para o presente (afinal, muitas vezes o passado se faz presente), mas o plano individual e coletivo, pelo qual nos projetamos para além de nossa condição de hoje. O saber sobre o tempo permite a navegação segundo um "mapa" de significados que a reflexão sobre o tempo ajudou a dar os elementos que fazem parte do nosso "entorno cronológico". (CERRI, 2010 pág. 64-65)

Nesse sentido, o ensino de História será o responsável por como os indivíduos se relacionam com o mundo a sua volta. A análise de tempo e espaço é essencial para que se

entenda a construção do sentido histórico, pois o sujeito tem que se reconhecer como sujeito do seu tempo. Na sociedade contemporânea, essa relação com o passado acaba sendo esquecida, o que pode gerar um problema de identidade, ou a percepção de que todos os problemas são recentes e imediatos, empobrecendo assim a análise dos acontecimentos históricos.

A significação do ensino é um caminho, pois torna muito mais importante o estudo dos métodos de produção (entenda-se escrita da história), do que o simples acúmulo de conhecimentos da história. A questão de instrumentalizar os alunos para uma consciência significativa da história é importante, pois a História se relaciona com o sujeito para além do espaço escolar; ela está presente no seu dia-a-dia.

Ao considerar a história como um fator presente no nosso cotidiano, estamos falando da importância do desenvolvimento da Consciência Histórica. Esse é um conceito desenvolvido pelo historiador alemão Jörn Rüsen, que tem se dedicado à produção de estudos sobre teoria da história. O autor nos alerta sobre a importância da instrumentalização de jovens e adultos em geral com os métodos de escrita da História. Mas, não podemos reduzir a ciência histórica apenas a um conjunto de métodos, considerando a metodologia como um livro de receitas: “A cientifização da História no século XIX e conseqüentemente o seu desenvolvimento, fez com que ela perdesse de vista o princípio do seu enraizamento nas necessidades sociais para orientar a vida prática no tempo” (RÜSEN, 2011).

A proposta do autor é que pensemos na História como uma ciência complexa que possui um número diverso de fatores para sua produção, pois essa está diretamente relacionada com a política, com a cultura e com a arte. Nos mostra dessa forma o caráter pluricultural e multifocal que a história enquanto ciência possui, nos convidando a pensar a História como vida, ou como uma ciência inerente à vida. Em um diálogo direto com a obra de Rüsen, Cerri reforça a ideia de que a cultura está diretamente ligada com a história, reforçando a característica multifocal defendida pelo autor alemão.

Cerri apresenta, por exemplo, que a importância do estudo da mitologia grega está para além da análise do mito, mas devemos entender a importância que a religião trouxe para aquela sociedade, pois, a partir, do momento em que se construiu o conceito de finitude, em que se toma conhecimento da morte como o fim, o tempo passa a organizar as decisões dos homens e mulheres pertencentes a essa sociedade. Por isso, é importante instrumentalizar os alunos com conceitos históricos. Instrumentalizar significa antes de tudo mostrar a possibilidade de mudança de realidade dentro do tempo e espaço social que ocupam, já que a história tem como definição o estudo da ação do homem, no tempo e no espaço.

A mudança seria proporcionada pelo desenvolvimento da consciência histórica: “a

suma das operações mentais com as quais os homens interpretam sua experiência da evolução temporal de seu mundo e de si mesmo, de forma tal que possam orientar, intencionalmente, sua vida prática no tempo” (RÜSEN, 2001, p. 57).

Para que a consciência histórica se desenvolva, é importante trabalharmos com conceitos bem específicos, um deles já foi apresentado anteriormente no texto, que é o conceito de tempo. Além desse conceito, Rüsen nos mostra como essencial para o desenvolvimento da consciência histórica o domínio da narrativa histórica, que está diretamente ligado à escrita da história: a forma como as pessoas vão contar determinados acontecimentos é o que vai auxiliar o historiador a identificar que tipo de consciência histórica a pessoa tem desenvolvida.

Outro conceito a ser trabalhado pelo autor é o de identidade histórica. Em relação à consciência histórica o autor elenca quatro tipologias possíveis para o processo de aprendizagem da história, são elas a forma tradicional, exemplar, crítica e genética. Esses processos vão colaborar para a construção da identidade histórica do sujeito, que está diretamente ligada ao conhecimento histórico e ao fazer história. O autor define a explicação das tipologias da seguinte forma:

Tradicional: Na forma de aprendizado da construção tradicional do sentido da experiência temporal, as experiências temporais serão processadas em tradições possibilitadoras e condutas de ação.

Exemplar: Nesta forma de aprendizado se constrói a competência de regra em relação à experiência histórica: os conteúdos da experiência serão interpretados como casos de regra e isolamento de casos, como condição necessária para um emprego prático na vida adquirida competência de regras e juízo.

Crítica: As experiências temporais serão empregadas de modo que o afirmado modelo de interpretação da vida prática será anulado e será feito valer as necessidades e interesses subjetivos. O aprendizado serve aqui à obtenção da capacidade de negar a identidade pessoal e social do modelo histórico firmado.

Genética: Os sujeitos aprendem, na produtiva aquisição da experiência histórica, a considerar a própria autorrelação como dinâmica e temporal. Eles compreendem sua identidade como "desenvolvimento" ou como "formação", e ao mesmo tempo, com isso, aprendem a orientar temporalmente sua própria vida prática de tal forma que possam empregar produtivamente a assimetria característica entre experiência do passado e expectativa do futuro para o mundo moderno nas determinações direcionais da própria via prática. (RUSEN, 2010, pág. 45-46)

Explicadas as quatro tipologias, e como essas se relacionam com o tempo e com a construção da identidade histórica, é importante salientar que o aluno pode não desenvolver apenas uma tipologia, mas várias ao mesmo tempo. Estudos que relatam experiências de professores que tentaram trabalhar com o conceito de consciência histórica mostram resultados diversos. Os alunos em determinados assuntos demonstram uma experiência exemplar e em outro assunto podem demonstrar uma experiência crítica. Isso não significa que o objetivo do ensino-aprendizagem não tenha sido cumprido; apenas que naquele

momento o indivíduo conseguiu desenvolver o que o resultado mostra. Entendido isso, é de extrema importância não se desanimar, mas compreender que o ensino foi realizado em determinados parâmetros, por isso obteve tais resultados. O professor dentro do processo de ensino-aprendizagem também é um aprendiz.

Lana Castro (2005), em seu artigo intitulado “Representações e memórias sociais compartilhadas: desafios para os processos de ensino e aprendizagem da história”, nos apresenta algumas experiências interessantes de serem analisadas. A autora realiza uma atividade com um grupo de jovens alunos, onde tenta identificar a forma como esses alunos interpretam a presença do negro na História. Para isso ela pede que os alunos desenhem imagens de como seria o modo de vida do negro no Brasil. Em sua grande maioria os alunos apresentaram desenhos do negro sendo castigado e relacionado ao trabalho escravo. Ela chama a atenção para o fato de que as imagens de castigos estavam sempre relacionadas aos âmbitos privados e não demonstravam mediadores entre o negro e o patrão.

Nessa experiência é ressaltado que muito antes dos alunos chegarem à escola e terem acesso ao ensino de história, eles estão se relacionando com a sociedade e frequentando determinados espaços que têm relação direta com a construção da identidade desse indivíduos. Nessa busca pelo desenvolvimento da consciência histórica a autora nos chama atenção para a construção do ensino de história, processo no qual devemos levar em consideração um conceito muito utilizado na psicologia social, que é o conceito de representação social: “uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, tendo uma visão prática e concorrendo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (Jodelet. 1998. Pág 36, apud Lana Siman, 2005, pág. 351).

Nesse sentido os profissionais do Ensino de História devem encarar a tarefa de desconstrução de representações sociais que disseminem juízos de valor negativo, como o racismo, o machismo, entre outros, pois essas representações exercem papel de mediadoras dos indivíduos com a sociedade, como nos apresenta a autora:

As representações depois de construídas realizam um trabalho de mediação entre o indivíduo e a sociedade. Portanto, o sujeito constrói representações individuais que não são simples reflexo das representações sociais, mas fruto de processos de construção e reconstrução de símbolos socializados e internalizados. (SIMAN, 2005, p.352)

A partir dessas representações sociais que dialogam com o meio social no qual o indivíduo está inserido é construída a sua identidade, tornando necessário o diálogo da História com a psicologia social se almejamos mudar a relação que nossos alunos desenvolvem com o meio em que vivem. Torna-se essencial levar em consideração dentro do

ensino de História a valorização da alteridade que seria o respeito às diferenças como um dos pilares centrais da formação das identidades das novas gerações e das finalidades do ensino da história.

Mesmo levando em consideração todos esses fatores, o resultado da experiência não foi o esperado pela autora, pois na segunda fase foi desenvolvida uma oficina apresentando outras imagens dos negros na História do Brasil através de fontes históricas, filmes e debates. Seu intuito era instrumentalizar os alunos com outras representações, para que no processo eles construíssem novas interpretações históricas. O resultado infelizmente continuou muito parecido com o inicial. Porém os alunos apresentavam nos novos desenhos algumas relações inexistentes nos primeiros, tal como a ideia de que nem todos os negros viviam daquela forma, ideia de resistência, conhecimento de brancos racistas entre outros.

Mesmo com práticas e leis que tentem reorganizar ou reconstruir o conhecimento a respeito do negro no Brasil, isso se mostra desafiador, tendo em vista que a representação que os alunos constroem, parte de um núcleo central, que para ser desconstruído se mostrou uma tarefa árdua.

Dessa forma podemos identificar outra questão relacionada ao ensino da História e à produção de consciência histórica. A da experiência vicária, trabalhada por Peter Lee, em seu texto “Por que aprender História?”:

Experiência é usada para indicar alguma coisa pessoal (mas não meramente subjetiva) é alguma coisa acumulada como que se torna mais experienciada. O que é adquirido não é necessariamente codificável e não dará a fórmula nem a receita para a ação. Há paralelos aqui com a arte e o ofício ou com a prática de habilidades complexas. Alguém que tem experiência no significado em questão pode ter dificuldade para articular com princípios gerais, ou, se ele puder, sentirá que eles não são aplicáveis sem a experiência de qualquer um que procure segui-los. Um professor experiente é capaz de ver coisas que um sem experiência iria perder e saberá com que tipo de situação terá de lidar. Um homem do mar pode saber que clima será favorável sem ser capaz de explicar como o sabe. Não há nada misterioso aqui. Muitas coisas são envolvidas: ter as concepções corretas, reconhecer exemplos, saber princípios, reconhecer condições sob as quais eles são aplicáveis, ser capaz de identificar tendências contrárias e assim por diante. Com tempo, prática e experiência, paciência, e um leque de experiências, a maioria das pessoas pode aprender o que é requerido. Mas sem experiência, mesmo se os princípios gerais fossem considerados e isto poderia ser feito de um jeito formal, eles seriam de pouco uso. Eles não poderiam ser mecanicamente aplicados. A experiência adquirida pela história é vicária: de maneira óbvia, é de segunda mão. Pessoas que leem sobre (ou mesmo pesquisam) modos diferentes de vida não os vivem por causa disto e seguir o caminho de negociações diplomáticas não significa estar engajado na diplomacia. Mas, procurando entender por que as pessoas fizeram como fizeram e por que a diplomacia procedeu de tal forma, uma pessoa pode expandir o leque de situações com que está equipado para reconhecer e o leque de possibilidades que está preparado para encontrar. (LEE, 2011, p.37-38).

A experiência vicária seria assim, algo inerente à vida, onde vivemos diversas situações, tiramos aprendizados, muitas vezes reproduzimos esses aprendizados, mas não



conseguimos sistematizá-los. Se relaciona diretamente com a matriz representacional identificada por Lana Siman, tornando essencial para o ensino-aprendizagem de história a questão da identidade.

Antes de falarmos em identidade mais profundamente, gostaria de voltar à questão do ensino de História na contemporaneidade. Uma das pesquisadoras que tem desenvolvido uma ampla pesquisa no âmbito do ensino tem sido Isabel Barca, apontando alguns questionamentos em relação à postura do professor em sala de aula. A autora questiona que para além de conteúdos ensinados e currículos, o problema da disciplina de História se encontra também na formação dos professores. Seu trabalho nos sugere que o professor deve ser um pesquisador, a redução do ensino apenas ao desenvolvimento da habilidade de narrativa histórica é um perigo, pois reduz as possibilidades do desenvolvimento da consciência histórica.

Se apenas se se propuser, por exemplo, o ‘uso da narrativa na aula de História’, sem que isto seja discutido nas suas implicações epistemológicas e educacionais, corre-se o risco de contribuir mais para uma confusão conceptual do que para a qualidade da aprendizagem histórica. (BARCA, 2007, p.54)

Nesse sentido a autora fala que é de fundamental importância que os professores tenham amplo conhecimento de teoria da história, pois correntes historiográficas em diferentes momentos produziram abordagens diferenciadas a respeito da escrita da História. Se o professor não tiver clareza disso pode ao invés de ajudar, acabar confundindo o aluno.

Barca nos apresenta um novo caminho para a análise do conhecimento histórico a partir da historiografia e suas implicações discursivas na escrita da História:

Volta-se ao conceito de narrativa mas sob novas perspectivas: num sentido amplo, e por influência do *linguistic turn*, ela significa qualquer discurso, qualquer produção historiográfica. Nesta acepção, até mesmo as histórias marxistas e estruturalistas são consideradas narrativas do passado, no pressuposto de que qualquer delas se arroga do estatuto de verdade única – “a grande narrativa”. E, com base na constatação de que existem várias narrativas do passado, concorrentes, tem surgido um saudável debate acerca dos novos contornos da objectividade histórica. Este debate reflecte uma mudança de paradigma do conhecimento, em que o ideal positivista de neutralidade “absoluta” é desacreditado, ganhando relevo a assumpção de que a interpretação do sujeito é incontornável em qualquer área do conhecimento e, por isso, a subjectividade em História é algo genuíno, desde que distanciada de interesses propagandísticos sejam de carácter político, religioso, económico ou outro. O movimento de aproximação da História aos ideais de neutralidade das “ciências exactas” dá-se agora em sentido inverso: são as ciências da natureza que rejeitam a designação de “exactas” e que reconhecem a subjectividade inerente a qualquer processo de produção do saber. Estas novas tendências têm tido eco no seio da historiografia portuguesa, conforme Torgal, Amado Mendes e Catroga reportaram (1996). (BARCA, 2007 pág.56)

A autora nos apresenta uma discussão que tem seu foco na análise da escrita, da

utilização da língua como forma de comunicação e disseminação do conhecimento histórico. Nesta ideia de narrativa encontra-se uma mudança filosófica implícita quanto ao devir humano: os quadros estruturais condicionam, mas não determinam, as ações humanas, sendo o ser humano, como indivíduo, um agente do seu próprio tempo. Por isso, a História-ciência deve atribuir-lhe a relevância correspondente. (BARCA 2007).

Nessa perspectiva percebemos que o Ensino de História se mostra multifacetado, sendo importante, ao abordar determinados assuntos em sala de aula estar atento às diversas possibilidades de abordagens conceituais (identidade, narrativa histórica, alteridade entre outros). O professor para atingir seus objetivos e auxiliar no desenvolvimento do raciocínio histórico necessita expandir seu campo de conhecimento realizando diálogos com outras áreas das ciências como a antropologia, psicologia e também estar atento para os debates desenvolvidos no campo de Teoria da História.

Como nos fala Margarida Dias em seu texto:

Produzir conhecimento histórico na dimensão do ensino escolar é construir coletivamente conhecimentos históricos (que serão novos apenas para os alunos) a partir do conjunto de saberes aceitos pela tradição historiográfica. É preciso ter em mente que a forma de construção do conhecimento histórico na pesquisa serve como referência na produção do conhecimento histórico escolar. Suas particularidades justificam sua necessidade como saber específico, que dialoga com um código disciplinar construído pela tradição escolar. (OLIVEIRA, 2011 p.11)

Na tentativa de se construir um novo modo de como se encara o ensino de História é necessário rever e trazer para o centro do processo de ensino-aprendizagem a discussão sobre metodologia do ensino, que ao contrário do que muitos pensam, não está dissociada do processo metodológico da pesquisa histórica. O que diferencia é que na pesquisa historiográfica isso é produzido por um historiador através de uma narrativa histórica de uma única pessoa. No ensino de História essa narrativa, ou melhor, o conhecimento histórico, vai ser construído através de diversas visões (a visão do professor e as diversas visões dos alunos), construindo dessa forma um conhecimento histórico que se mostra multifocal.

O ensino baseado na relação professor-aluno que tantos pedagogos nos apresentam como saída para uma aprendizagem significativa deve estar diretamente associado com aos conhecimentos específicos das ciências, nesse caso a História. Reforçando o que foi falado anteriormente, na busca desse ensino significativo, concordando com a fala de tantos pesquisadores anteriormente citados, acredito que é necessário voltar o olhar para o espaço escolar como um espaço de pesquisa, tendo atenção especial para o aluno, não acreditando mais que dominar os conhecimentos históricos seja a única necessidade de quem deseja ensinar, mas apenas umas das competências exigidas para tal função. Como Caimi nos sugere a seguir,

Se é correto afirmar que ninguém ensina, qualificadamente, um conteúdo cujos fundamentos e relações desconhece, também é possível supor que a aprendizagem poderá ficar menos qualificada, se o professor desconsiderar os pressupostos e os mecanismos com que os alunos contam para aprender e os contextos sociais em que estas aprendizagens se inserem. (CAIME, 2006, p.21)

É na busca de tais mecanismos e voltando o olhar para os contextos sociais dos meus alunos que acredito que o diálogo com o movimento hip-hop, possa nos ajudar na construção de uma aprendizagem significativa, que respeite a individualidade de sua realidade social aliada ao embasamento teórico da História. Na tentativa de tornar o espaço escolar, mais especificamente a aula de História, em um local que não fuja da sua realidade, mas que dialogue diretamente com seu dia-a-dia.

## 1.2. Hip-hop no Brasil e o Movimento Negro.

A escolha do hip-hop se deu pelo fato de muitos alunos escutarem o gênero, ou seja, o ato de escutar, cantar ou mesmo dançar está presente no cotidiano desses alunos. Ao lado disso, estudiosos do movimento negro no Brasil acreditam que o movimento *hip-hop* talvez esteja no centro da construção de uma nova etapa da luta racial no país. Como nos apresenta Domingues em seu artigo:

Trata-se de um movimento cultural inovador, o qual vem adquirindo uma crescente dimensão nacional; é um movimento popular, que fala a linguagem da periferia, rompendo com o discurso vanguardista das entidades negras tradicionais. Além disso, o hip-hop expressa a rebeldia da juventude afro-descendente, tendendo a modificar o perfil dos ativistas do movimento negro; seus adeptos procuram resgatar a auto-estima do negro, com campanhas do tipo: Negro Sim!, Negro 100%, bem como difundem o estilo sonoro rap, música cujas letras de protesto combinam denúncia racial e social, costurando, assim, a aliança do protagonismo negro com outros setores marginalizados da sociedade. E para se diferenciar do movimento negro tradicional, seus adeptos estão, cada vez mais, substituindo o uso do termo negro pelo preto. (DOMINGUES, 2007, p. 119-120).

O movimento negro no Brasil tem início nos final do século XIX com a proclamação da república. De seu início até os dias atuais ele passou por algumas fases. O movimento negro utiliza o conceito de raça para pautar o discurso de seu movimento social e cultural, mas não no âmbito biológico, e sim no social. Nesse sentido nos fala Edward Telles:

O conceito de raça é definido como uma construção social, com pouca ou nenhuma base biológica. A raça é importante porque as pessoas classificam e tratam o “outro” de acordo com as idéias socialmente aceitas. Referenda-se, aqui, a posição de Edward Telles: “o uso do termo raça fortalece distinções sociais que não possuem qualquer valor biológico, mas a raça continua a ser imensamente importante nas interações sociológicas e, portanto, deve ser levada em conta nas análises sociológicas [e históricas]”. (TELLES, 2003 apud DOMINGUES, 2007, p.101).

Nesse sentido, no Brasil ser negro, para além da cor está diretamente relacionado à sua posição social, onde a maioria da população mais pobre é negra e onde a maioria da população carcerária também é negra. Isso evidencia que a questão racial no país está diretamente atrelada à questão social, e sendo uma questão social é necessário que se faça uma análise crítica da construção desse cenário na história brasileira.

O movimento negro inicia sua luta de forma organizada no início da República. Isso não se deu por acaso, mas porque ao acabar a escravidão surgiu o problema de uma grande parcela da população estar desassistida, pois não houve uma preocupação por parte do governo em inserir os negros recém libertos das senzalas na sociedade republicana que surgia. Pelo contrário, na primeira constituição republicana fica claro que a ideia era criminalizar determinadas práticas culturais desse negro -a vadiagem, a capoeira-, o que obriga esse negro recém liberto a ocupar as prisões ou viver à margem da sociedade.<sup>4</sup>

A primeira fase do movimento negro organizado se deu através do surgimento de agremiações, clubes ou associações que tentaram de maneira assimilacionista a integração à sociedade brasileira, tentando dessa forma serem reconhecidos como parcela da população. Alguns jornais surgiram nesse mesmo período tentando mostrar que a sociedade brasileira era uma sociedade racista, pois os “homens de cor” (termo usado no período) não possuíam as mesmas oportunidades de emprego, educação e etc. Muitos grupos surgiram e ao mesmo tempo deixavam de existir, lutando para que o Brasil se tornasse um país mais igual.

A segunda fase do movimento no país coincide com o governo ditatorial de Getúlio Vargas. Nesse período o movimento negro seguiu uma tendência mundial, onde havia um forte apelo para a nacionalidade com o intuito “elevar o nível econômico, e intelectual das pessoas de cor em todo o território nacional, para torná-las aptas a ingressarem na vida social e administrativa do país, em todos os setores de suas atividades”.<sup>5</sup> Nesse período surge o Teatro Experimental do Negro (TEN) que em um primeiro momento tentava ser um grupo composto somente por negros, e que tinha como objetivo lutar pelos direitos civis para essa parcela da população.

O terceiro momento do movimento negro seria durante a Ditadura Militar vivida no país entre (1964-1985). Então o movimento negro se inspirava em movimentos internacionais, como os Panteras Negras, e em alguns nomes, como Marthin Luther King e Malcom X. Nesse período o movimento negro se aproximou dos ideais socialistas,

---

<sup>4</sup> Essa discussão é apresentada na dissertação: “Corpo negro caído no chão: o sistema penal e o projeto genocida do Estado brasileiro.” de Ana Luiza Pinheiro Flauzina defendida no ano de 2006 pela Universidade de Brasília, Faculdade de Direito.

<sup>5</sup> Idem

começando a encarar a mestiçagem como uma forma de enfraquecer a luta pela igualdade racial existente no país. Afirmava que a prática seria uma armadilha ideológica alienante defendendo a ideia de negros se casarem com negros.<sup>6</sup>

O *hip-hop* surge como uma possibilidade para o quarto momento da luta do Movimento Negro no país. Me refiro ao *hip-hop* enquanto movimento social, que utiliza a cultura como um meio de reivindicação de melhorias para a parcela da sociedade que representam em suas músicas. Tenho clareza de que para além de um movimento social, hoje o *hip-hop* é uma expressão cultural. No entanto, sua gênese, que se inicia com sua construção histórica como expressão cultural, sempre esteve ligada a questões sociais. No Brasil se reivindica um olhar diferenciado para o espaço que ocupam.

A expressão *hip-hop* significa mexa o quadril em uma tradução literal da expressão em inglês. Mas para além da tradução literal, o Hip-hop foi um movimento que surgiu na década de 1970 nos bairros da periferia da cidade norte-americana de Nova Iorque. Como o próprio nome sugere, no início eram festas dançantes que reuniam pessoas para celebrarem um novo estilo musical que surgia, com danças acrobáticas que receberam o nome de *break* e eram realizadas por dançarinos que recebiam o nome de *B'boys*.

Com o passar do tempo essas festas foram adquirindo outros significados: começaram a marcar um tipo de resistência e uma forma de se expressar para as pessoas que residiam nesses bairros. As festas dançantes que eram marcadas por um som com batidas marcantes e trechos de músicas famosas da época começaram a contar com a presença de outros personagens que eram os *DJ's*, pessoas que comandavam as *pick-ups* de discos criando esse novo estilo de música. Ao mesmo tempo desenvolviam novas técnicas, como *scratch* (sons tirados do vai-e-vem dos discos, aquela impressão de arranhar, que encaixado com as batidas e os tempos produzem efeitos), *Back Spin* (consiste em voltar o disco com velocidade. Geralmente, é usado nas viradas das mixagens), colagem (interferência feita pelo o DJ de juntar partes de músicas diferentes) entre outras.

Além dos *DJ's* existiam também os *Mc's* (Mestres de Cerimônia), que no começo apenas faziam alguns comentários e mandavam algumas mensagens, mas que, com o passar do tempo, passaram a comandar a festa através de poesias cantadas em cima das batidas dos *Dj's*.

Com a junção das batidas e a poesia começava a surgir o *Rap* (ritmo e poesia) que são as músicas do movimento Hip-hop. Essas músicas trazem narrativas do dia-a-dia desses jovens, angústias dos problemas que existiam no seu bairro. Aos poucos, essas festas se

---

<sup>6</sup> A ordem de desenvolvimento do Movimento Negro aqui utilizada é retirada do texto de Petrônio Domingues (2007), onde ele faz uma construção do percurso histórico do movimento negro no Brasil.

tornaram um espaço para expressar suas histórias de vida e questionar a sua posição na sociedade americana da década de 1970.

O quarto elemento do movimento da cultura hip-hop são os grafites (pinturas) presentes em prédios, muros e vagões de metrô da cidade. Suas formas chamativas e cores vibrantes querem passar uma mensagem para as pessoas que trafegavam no espaço urbano no dia-a-dia. As mensagens tentavam problematizar a situação que eles viviam de segregação racial e social através de imagens e mensagens escritas.<sup>7</sup>

Após seu início na década de 1970 nos E.U.A, o *hip-hop* começa a ganhar espaços para além do território americano. No Brasil as primeiras menções ao movimento surgem na década de 1980 na cidade de São Paulo. Num primeiro momento o hip-hop no Brasil era atribuído há um estilo de dança. Como fala Contier:

No Brasil, o Hip Hop chegou nos inícios da década de 80, através do break (dança), paradoxalmente trazido por agentes sociais pertencentes às camadas sociais mais ricas da sociedade. Alguns brasileiros que viajavam para o exterior ao retornarem para o Brasil introduziram o break nas danceterias dos chamados bairros nobres de São Paulo. Essa dança logo tornou-se num forte modismo entre os jovens de classe média. (CONTIER, 2005, p.02)

O movimento *hip-hop* brasileiro iniciou pela dança e teria sido introduzido no país pela classe média. Contier aponta que geralmente os encontros eram constantemente interrompidos pela polícia, já que no período vivíamos o final da Ditadura Militar no país. A partir desses encontros de dança que tiveram início na rua 24 de maio e posteriormente transferiram-se para o Largo da São Bento, começam a surgir pessoas interessadas em conhecer e se apropriar desse movimento.

Em um determinado momento esse movimento que se aglutinava em torno da dança *break* se dividiu dando origem a uma nova vertente que foi o *rap*. Nesse momento muitas pessoas que frequentavam o espaço urbano onde os encontros aconteciam entraram em contato com a cultura *hip-hop* o que ajudou a difundir o estilo musical que até então era pouco conhecido. As pessoas que entravam em contato com o estilo geralmente eram trabalhadores urbanos, que frequentavam os ambientes do centro da cidade de São Paulo.

Nessa fase o movimento hip-hop deixa de ser conhecido por um público exclusivamente de classe média e ganha adeptos pertencentes às classes excluídas da sociedade. Ganhando força nos espaços marginalizados pela sociedade nesse período final da

---

<sup>7</sup> Esse breve histórico do surgimento do movimento hip-hop foram uma mescla de informações obtidas, a partir, da leitura dos seguintes textos: “O rap brasileiro e os Racionais Mcs” (texto publicado 1º Simpósio Internacional do Adolescente em 2005), “Rima na escola, o verso na História”(livro), “Cartografia da cultura e da violência:gangues, galeras e o movimento hip-hop” (Tese de doutorado) entre outros.

década de 1980 é registrado o primeiro registro fonográfico do estilo no Brasil e também surge uma iniciativa de organização do movimento. Como nos fala Contier.

Em 1988 foi lançado o primeiro registro fonográfico de Rap brasileiro através da coletânea "Hip-Hop Cultura de Rua" pela gravadora Eldorado. (...) Em agosto de 1989, foi criado o MH2OSP (Movimento Hip Hop Organizado), (...). O MH2OSP organizou esse movimento no Brasil, definindo as posses, as gangues e as suas respectivas atribuições. E, fundamentalmente, estruturou e organizou grupos de rap oriundos de facções que dançavam o break. Agora, o objetivo do movimento hip hop, tendo o rap como o ponto nodal incidia em transformar o MH2O num movimento de música de protesto e de combate social. (CONTIER, 2005 pag.02)

A partir desse período percebemos que o *rap* ganha adeptos por todo o país, deixando de ser um movimento exclusivo da região de São Paulo. O *MH2O* foi responsável por essa difusão do estilo, pois passa a atuar em diversas regiões do país, com uma missão de difundir o estilo musical e seu caráter social, apresentando músicas sempre em tom de protesto em busca de um combate contra a desigualdade social. Ainda nesse momento que corresponde ao final dos anos 1980 e início dos anos 1990 surge um grupo de rap que vai dar força ao movimento, o grupo é o *Racionais Mc's*.

Esse grupo encarava o hip-hop como um movimento social e viam na música uma forma de comunicar a situação de exclusão social, buscando desenvolver através dela uma forma de autovalorização de suas origens africanas e numa tentativa de negar a violência e a marginalidade. Ainda no início da década de 1990, mais especificamente no ano de 1993, a Secretaria de Educação de São Paulo, percebendo que o movimento ganhava força, inicia um projeto que se chamava “RAPensando a Educação”, onde são convidados diversos grupos de rap, entre eles o Racionais MC's, para desenvolverem nas escolas públicas uma série de debates a respeito da discriminação racial, violência e o movimento hip-hop. Era uma tentativa de construção do diálogo das ruas com o espaço escolar na busca de solucionar problemas que ultrapassam os muros das escolas e que estão presentes no cotidiano dos alunos e professores.

Na cidade de Fortaleza o movimento *MH2O* tem origem também na década de 1990 e teve participação ativa no apaziguamento das brigas de gangues em alguns bairros, como nos apresenta em sua tese Diógenes:

É como se o Hip Hop “operasse” uma transmutação de valores “por dentro” do mesmo campo de significado em que se movimentam a juventude da periferia de Fortaleza; o funk é substituído pelo rap; a coreografia funk substituída pelo break; as “pichações” pelo “grafite” e as turmas de gangues pelos companheiros do movimento. A idéia de inimigo e de confronto assume, no Movimento Hip Hop Organizado-MH2O, uma conotação essencialmente política: “Para o MH2O o mundo é dividido entre pobres e ricos, uma minoria que tem tudo e uma imensa maioria que não tem nada, os ricos só são ricos porque nós somos pobres, pois toda a riqueza que eles acumulam é, na verdade, a parte que cabe a nós (...) O MH2O trabalha para tomar o que nos pertence e acabar com as desigualdades sociais e a opressão, tornando a humanidade igual, justa e feliz. Por isso dizemos que estamos em guerra contra os ricos, até conseguirmos derrotá-los e repartir as riquezas para

todos os seres humanos igualmente...” ( Texto base para o Iº Seminário de contracultura do Movimento Hip Hop Organizado do Ceará ). (DIÓGENES, 1998 pág. 191-192)

Na tentativa da construção de um diálogo com a juventude de periferia o movimento *Hip-Hop* em Fortaleza buscou construir uma luta de classes entre oprimidos e opressores, pois para quem fazia parte da construção do movimento a luta de gangues existente no período não passava de uma prática autofágica de destruição dos oprimidos por eles mesmos. Nessa perspectiva o movimento começa a ganhar forças e adentrar os bairros periféricos na cidade.

Através da história do movimento percebemos sua força aglutinadora em discutir através da representação cultural -seja na linguagem corporal através da dança com o break, como na música com o rap, ou nas artes visuais com o grafite-, uma forma do jovem expressar o que sente e questionar a realidade que vivencia no seu cotidiano. Nessa pluralidade de linguagens surgem diversas possibilidades de diálogo com o jovem dentro do espaço educacional através de suas experiências na busca do desenvolvimento de uma educação baseada na interação social da realidade desses jovens e os conteúdos trabalhados em sala de aula.

### **1.3 A identidade e a música como fonte histórica.**

A identidade se mostra hoje como algo difícil de ser definida, como já dito no começo do texto. Alguns autores acreditam que isso seja porque nossa sociedade vive um momento de presentificação. Outros defendem que a identidade é processo de representação, e seria construída num espaço definido como “entre”, onde ocorre o diálogo, entre o sujeito e a sociedade, sendo então essencial para a análise da identidade identificar e trabalharmos, á busca do “entre.” Jovchelovitch nos apresenta o “entre” da seguinte forma:

A psicologia social é, no meu entendimento, a ciência do “entre”. Isso significa dizer que o lugar privilegiado do inquérito psicossocial não é nem o indivíduo nem a sociedade, mas precisamente aquela zona nebulosa e híbrida que comporta as relações entre os dois. O foco no “entre” é, obviamente, um dispositivo teórico, já que empiricamente nos deparamos sempre com instancias objetivadas produzidas pelo espaço relacional que constitui o “entre”. (JOVCHELOVITCH, 2004 pág.21)

O “entre”, seria o local onde se desenvolve a identidade do indivíduo. Seria nesse mesmo espaço que surgiriam também as representações e os discursos. Na busca por uma definição de identidade, que para a psicologia social é compreendida como permeada de representações sociais, construímos um diálogo com a sociologia, mais especificamente com o conceito desenvolvido por Stuart Hall em seu livro “A identidade cultural na pós-modernidade”, onde o autor nos apresenta um caminho para definirmos o que é identidade.



Em seu livro o autor elenca três tipos de sujeitos desenvolvidos ao longo do tempo. Esses sujeitos seriam o sujeito do iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno. Todos desenvolvem determinado tipo de identidade que está diretamente atrelada ao tempo em que viveram. Nos deteremos no sujeito pós-moderno, pois é a definição que mais se aproxima dos homens da contemporaneidade. O sujeito pós-moderno é definido pelo autor da seguinte forma:

A identidade do sujeito pós-moderno torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. (HALL, 2006 pág.13)

O autor nos apresenta a ideia de a identidade não ser uma característica única e estática, mas que no decorrer da vida possuímos mais de uma identidade. Quando acreditamos que essas várias identidades são apenas uma é porque criamos uma estória para que elas se pareçam uniformes. Mostrando assim que a identidade realmente passa por uma questão de representação social, mas nos traz um elemento novo, que dependendo da situação ou da fase da vida, essa identidade pode ser mutável. Nos mostrando que a construção de uma definição para identidade é muito complexa.

Um dos fatores que influencia essa característica flutuante da identidade seria o processo de globalização que ganhou incrível força ao final do século XX por uma série de fatores. Um dos mais marcantes foi a redução de distâncias causadas pelo desenvolvimento de tecnologias da informação e da comunicação (TIC's) que nos permite ter acesso a informações de todo o mundo em um curto espaço de tempo. Toda essa velocidade de comunicação e informação acabou diminuindo as fronteiras entre os países e continentes, facilitando o fluxo e o acesso a novas culturas. Sobre a globalização Hall nos apresenta a seguinte definição.

A “globalização” se refere àqueles processos, atuantes numa escala global, que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo, em realidade e em experiência, mais intercalado. A globalização implica um movimento de distanciamento da ideia sociológica clássica da “sociedade” com um sistema bem delimitado e sua substituição por uma perspectiva que se concentra na forma como a vida social está ordenada ao longo do tempo e do espaço. Essas novas características temporais e espaciais, que resultam na compressão de distâncias e de escalas temporais, estão entre os aspectos mais importantes da globalização a ter efeito sobre as identidades culturais. (GIDDENS, 1990, pág. 64, apud, HALL 2006, pág. 68)

Essa nova realidade do mundo imposta pela globalização acaba gerando identidades que vão misturar aspectos globais e locais, fazendo com que ocorram diversos processos de apropriações culturais que acontecem em muitos espaços, como a música, a arte e até mesmo na identidade nacional. Hall nos convida a pensar a identidade como uma característica híbrida, desenvolvendo um conceito denominado de hibridismo cultural.

É nesse ponto de hibridismo cultural que começamos a relacionar a questão da identidade com o *hip-hop*, e a relacionar o *hip-hop* com o ensino de história na tentativa de realizar uma valoração da cultura negra dentro do espaço escolar.

Maíra Soares Ferreira apresenta o movimento cultural como possuindo um grande potencial para ser utilizado no espaço escolar pelo fato de o movimento *hip-hop* envolver dança, pintura, música, poesia, rima, improviso e etc., ajudando assim a desenvolver um ensino interdisciplinar, envolvendo diversas áreas do ensino, como por exemplo História e Educação Física, entre outras possibilidades. (FERREIRA, 2012 pág.143)

Ferreira nos apresenta o *hip-hop* como partícipe de um movimento de hibridismos “glocais”,<sup>8</sup> construindo uma relação do movimento em espaços diferentes, no caso entre o global e o local, mostrando o período em que o movimento surgiu nos E.U.A na década de 1970, com características do movimento no Brasil, apresentando semelhanças e diferenças.

O movimento em si já apresenta o hibridismo como sua principal característica por se desenvolver em diversos vertentes ao mesmo tempo, como a dança, grafite, o rap entre outros. A cultura *hip-hop* apresenta diversos tipos de reapropriações, pois surge em meio a uma crise social e econômica, se apropriando do meio em que vive e criando uma nova forma de diálogo com o espaço que ocupa. Nesse quesito percebemos uma relação direta com a diáspora africana, onde os negros vindos da África ao chegarem o Brasil acabam recriando algumas de suas características culturais, se apropriando do espaço em que vivem dando origem a uma nova forma cultural.

A apropriação do espaço público, seja para batalhas de rimas, nos grafites dos muros, ou na batalhas de break<sup>9</sup> fazem com que outras pessoas que frequentam os mesmos espaços tenham conhecimento da mensagem que o *hip-hop* quer passar. Ao analisar diversos aspectos do movimento percebemos a questão da experiência vicária falada anteriormente e a importância do estudo da história africana. As características do movimento como a improvisação, a linguagem corporal, as formas como os eventos são organizados, demonstram exemplos de apropriações culturais de matriz africanas, que no movimento acabam sendo utilizados para comunicar e representar a realidade em qual grande parcela da periferia vive.

---

<sup>8</sup> Expressão que aponta simultaneidade do local e do global. A autora nos apresenta a expressão em seu livro, mas o conceito foi criado Massimo Canevacci.

<sup>9</sup> Estilo de dança de rua, criado pelo hip-hop na década de 1970

Através da utilização das músicas dos rappers como fonte, em paralelo ao estudo da História da África, surge uma proposta de ensino significativo da História na busca de um ideal de educação emancipadora e que relacione a história com a vida. Uma singela tentativa de superar uma imagem dos negros na História do Brasil, que os apresenta apenas como mão-de-obra escrava e extrativista, que por muito tempo insistiu em silenciá-los, defendendo a ideia de um Brasil, onde não existe racismo, criando uma falsa ideia de democracia racial.

Outro aspecto importante quando falamos de identidade é pensar que nesse momento estamos falando para além da identificação racial, pois estamos lidando com outra categoria que também deve ser levada em conta, a faixa etária dos alunos. A discussão nesse momento tem que levar em conta o aspecto da juventude desses alunos. A juventude pertence a uma categoria complexa e heterogênea que compõe diferentes modos de construção social de realidade sempre com base em seu estilo de vida e visões de mundo. (FERREIRA, 2012 pág.156)

Ao encararmos essa característica da idade, reforçamos a ideia de identificação dos alunos com movimentos culturais que repensem a estética e fuja do convencional. Nessa perspectiva, a ideia de utilizarmos o *hip-hop* como forma de construir um diálogo com a realidade dos alunos é uma tentativa de promover um ensino emancipador e que encare o Ensino de História como uma possibilidade real de mudança, já que muitas vezes a escola como instituição acaba não se preocupando com determinados aspectos como nos mostra Ferreira.

O desenho desse contexto social cujo futuro “desfuturizado” está governado pelo princípio da incerteza aparece, por exemplo, no destino incerto a que estão sujeitos os alunos dessa escola pública, que se encontra mais preocupada em atender às exigências da burocracia do que às necessidades da formação juvenil periférica. (FERREIRA, 2012 pág.157)

O *hip-hop* nesse momento se apresenta como uma forma de denúncia da realidade vivida por esses jovens da periferia que frequentam escolas públicas, através de uma transgressão criativa que se daria através da produção poética, musical e estética focada na construção de uma mensagem de contestação da realidade vivida. Essa mensagem através do desenvolvimento da consciência histórica pode trazer uma interpretação que essa realidade vivida por eles nos dias atuais está inserida num processo histórico de longa duração, que agora começa a ser problematizado. Nesse sentido:

As juventudes provenientes de comunidades da diáspora africana, deportadas e escravizadas em diferentes locais do mundo, como a afro-americana e a afro-brasileira, encontraram na cultura maneiras de recriar suas respectivas tradições musicais. Em seu proveito, utilizam as formas de reprodutibilidade técnicas da arte de modo a traduzir para a poesia do rap, do grafite, do recorte e colagem e da dança

do break as angústias e revoltas vivenciadas em seus guetos e favelas. (FERREIRA, 2012 pág.162)

A idéia de utilizar o *hip-hop* como forma de ajudar na construção da identidade se mostra possível dentro de diversas perspectivas, quando falamos especificamente do Ensino de História, devemos nos atentar de que forma vamos utilizar as músicas e clipes como fontes históricas dentro do universo da sala de aula.

A discussão de utilizar a música como fonte extrapola o universo da sala de aula e chega ao universo da academia numa discussão de como essa fonte deve ser analisada. Recordamos que a história escolar estabelece uma forte ligação com a produção acadêmica e nessa perspectiva estabelece também uma forte ligação com a produção cultural, tendo em vista que a música é uma produção cultural inserida numa dinâmica própria de produção e circulação, ao seu contexto de uso e veiculação. (ROZA, 2013 pág.25)

Isso demonstra que a utilização da música no campo de ensino produz novos questionamentos, novos problemas e sinaliza uma mudança na forma de como o ensino a deve relacionar com a produção cultural da contemporaneidade. Encarando-a como fonte nos possibilita o desenvolvimento de uma problematização das simbologias produzidas a partir da sua reprodução: qual mensagens carrega? Em qual contexto foi produzido? Quem canta?, entre outros questionamentos.

Na busca de realizar uma análise mais profunda da música devemos atentar principalmente no caso do *hip-hop* para a estética sonora utilizada pelos artistas, não realizando em sala de aula uma análise pura e simples de sua letra, mas atentando para as técnicas utilizadas, os recortes feitos, os diálogos produzidos com outras músicas, tendo em vista que essa é uma técnica muito utilizada pelos *dj's* dos grupos de rap. A música deve ser encarada como uma linguagem musical (letra – verbal e música – não verbal) sempre com a percepção de que

A música não exprime conteúdo diretamente (...) mesmo quando acompanha da letra, no caso da canção, o seu sentido está cifrado em modos muito sutis e quase sempre inconscientes de apropriação dos ritmos, timbres, das intensidades, das tramas melódicas e harmônicas dos sons. (CONTIER, apud. ROZA, 2013 pág.35)

Nesse sentido é necessária a construção de uma análise da música dentro do universo da sala de aula que ultrapasse a visão da historiografia clássica, que apenas está preocupada na análise da letra escrita. Não devemos utilizar a música como uma simples ilustração, mas como uma produção cultural que naquele momento é analisada como uma fonte histórica e por isso necessita de uma metodologia específica de análise para, a partir disso, produzirmos conhecimentos históricos.

O *rap* é produzido através de colagens de músicas, feitas através de mesas de sons, *pick-ups* de tocas discos, alto-falantes e discos de vinil. Mas é importante entender que essas técnicas foram desenvolvidas porque durante o governo Reagan houve um corte financeiro nas escolas, impossibilitando-as de comprar instrumentos musicais e dificultando, desse modo, o ensino e o acesso à música. (BÉTHUNE apud FERREIRA, 2012 pág.147) É importante perceber a apropriação da realidade e das tecnologias pertencentes ao seu tempo presente por parte dos jovens que participaram no início do movimento para poder relacioná-las com as produções atuais.

Através da compreensão da complexidade da análise a ser produzida junto aos alunos dessas fontes históricas delimitamos a trabalhar com seis músicas, que tratassem da temática negra, cultura afro-brasileira e relações históricas brasileiras, produzida por seis artistas de algumas regiões do país que abordassem essas temáticas de alguma forma em suas produções.

As músicas escolhidas para serem trabalhadas estão em anexo ao final do texto. São as músicas: “coisas de Brasil”<sup>10</sup> do rapper paulista Rincon Sapiência, “eu só peço a Deus”<sup>11</sup> do rapper mineiro Inquérito, “Boa esperança”<sup>12</sup> do rapper paulista Emicida, “Black Star”<sup>13</sup> do rapper mineiro Flávio Renegado, “negro drama”<sup>14</sup> do grupo de rap paulistano Racionais Mc’s e “Bate a poeira”<sup>15</sup> da rapper curitibana Karol Conka.

No próximo capítulo discutirei a metodologia de trabalho, e as experiências dos alunos ao analisarem as músicas e clipes selecionados. Onde discutiremos se houve ou não impacto de identificação com as músicas e qual o tipo de consciência histórica os alunos apresentaram quando o assunto é História afro-brasileira e identificação racial.

---

<sup>10</sup> SAPIÊNCIA, RINCON. **Coisas de Brasil**. São Paulo: Boia Fria, 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Kwpb6zJqeKY>>. Acesso em 05 de abril de 2019.

<sup>11</sup> INQUÉRITO. **Eu só peço a Deus**. São Paulo: SaxSoFunny, 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=GJpvK7CjIvo>>. Acesso em 05 de abril de 2019.

<sup>12</sup> EMICIDA. **Boa Esperança**. São Paulo: Laboratório Fantasma, 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=AauVal4ODbE>>. Acesso em 05 de abril de 2019.

<sup>13</sup> RENEGADO, FLÁVIO. **Black Star**. Rio de Janeiro: SomLivre, 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Z34nHgrzUQA>>. Acesso em 05 de abril de 2019.

<sup>14</sup> RACIONAIS. **Negro Drama**. São Paulo: Boogie Nipe, 2006. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3pTzAo-FnMQ>> Acesso em 05 de abril de 2019.

<sup>15</sup> CONKA, KAROL. **Bate Poeira**. Rio de Janeiro: DeckDisc, 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fJavt47hpk8>>. Acesso em 05 de abril de 2019.

## **CAPÍTULO II- Oficina: hip-hop, identidade e história.**

A oficina se desenvolveu na Escola Estadual de Ensino Profissionalizante Dona Creusa do Carmo Rocha, durante os meses de março, abril e parte de maio do ano letivo de dois mil e dezoito. Teve a duração de doze horas aulas e foi realizada com um total de seis encontros. A oficina acontecia às sextas-feiras no horário da primeira e segunda aula dos estudantes. O horário e o dia foram definidos pela escola, que no primeiro semestre dedica as duas primeiras aulas das sextas-feiras para o desenvolvimento de oficinas ministradas pelos professores da escola que buscam desenvolver projetos dentro da sua área de atuação. Existem oficinas de educação ambiental, libras, capoeira, jogos matemáticos, entre outras. Os alunos fazem parte da oficina por adesão.

O nome dado à oficina foi “Hip-hop, identidade e história”. Em um primeiro momento houve uma grande procura por parte dos alunos, que tinham curiosidade de saber como seria essa oficina, mas devido a trâmites legais de lotação, o núcleo gestor impossibilitou a realização da oficina porque extrapolaria minha carga horária na escola. Tentei negociar propondo uma troca de parte da carga horária semanal de planejamento com a oficina, tendo em vista que seriam apenas duas horas, mas foi negado, pois segundo os gestores isso abriria precedentes para outros professores pedirem a mesma concessão. Na metade do mês de março a secretaria de educação me concedeu uma licença onde eu estava liberado de metade da minha carga horária para dedicação ao mestrado e mais uma vez entrei em negociação com o núcleo gestor, que dessa vez acabou permitindo que eu realizasse a oficina.

Devido a esse desencontro tivemos uma procura um pouco menor que a inicial, pois a outras oficinas já haviam começado. No primeiro encontro tivemos a presença de vinte alunos, mas no processo de realização e aplicação permanecemos com um número de treze alunos. Como acontece por adesão, há uma rotatividade de alunos no período inicial das oficinas, pois eles procuram aquelas oficinas que mais se encaixem em seus interesses.

A metodologia utilizada foi inspirada nas *aulas-oficinas*, desenvolvida por Isabel Barca. Nesse modelo de aula apresentamos um assunto a partir de um planejamento prévio que busque desenvolver o conhecimento histórico através da análise de fontes históricas, onde se busca fazer o aluno interagir com algum tipo de fonte histórica, para que desse modo ele possa ao final da oficina produzir análises das fontes com o conhecimento histórico prévio. Por isso, no ato da inscrição sugerimos que os alunos que fossem cursar essa oficina estivessem no segundo ano do Ensino Médio, pois além disso é nesse período que eles estudam o processo de colonização do Brasil e também o período do Império. Nessas atividades procuramos observar como as narrativas históricas são construídas pelos alunos na busca de produzir um conhecimento histórico contextualizado que busque novas

interpretações de conhecimentos prévios dos alunos. Esse seria um dos objetivos buscados nesse modelo de aula:

entender – ou procurar entender – situações humanas e sociais em diferentes tempos, em diferentes espaços; relacionar os sentidos do passado com as suas próprias atitudes perante o presente e a projeção do futuro; levantar novas questões, novas hipóteses a investigar – o que constitui, em suma, a essência da progressão do conhecimento. (BARCA, 2004, pág. 134)

No planejamento das aulas e das atividades procurou-se levar em conta os conhecimentos prévios dos alunos. Nesse sentido, parte dos alunos que se inscreveram na oficina demonstraram que de alguma forma tinham interesse no gênero musical hip-hop, seja por curiosidade ou pelo fato que de alguma forma o gênero está presente no seu dia-a-dia. Nesse sentido:

aprender a interpretar o mundo conceitual dos seus alunos, não para de imediato o classificar em certo/errado, completo/incompleto, mas para que esta sua compreensão o ajude a modificar positivamente a conceitualização dos alunos, tal como o construtivismo social propõe. Neste modelo, o aluno é efetivamente visto como um dos agentes do seu próprio conhecimento, as atividades das aulas, diversificadas e intelectualmente desafiadoras, são realizadas por estes e os produtos daí resultantes são integrados na avaliação. (BARCA, 2004, pág. 132)

Procurando construir esses desafios no primeiro encontro foi apresentado aos alunos que aquela oficina se tratava de parte do meu trabalho de mestrado, onde expliquei que a pesquisa consistia no ensino de história e que tinha como temática central a utilização de música do estilo hip-hop como fonte histórica e também como recurso didático para as aulas de história. Me posiciono dessa forma pois acredito que a partir do momento em que introduzo uma fonte histórica dentro do ambiente da sala de aula ela passa a exercer a função de recurso didático, que auxilia na construção do conhecimento histórico.

Esse primeiro encontro foi destinado à exposição de forma dialógica do que seria o movimento sociocultural chamado hip-hop. A aula começou com a exposição para a apreciação de uma música do grupo de rapper mineiro Inquérito, a música se chama “Lição de casa” e traz trechos como esse:

O Rap é a comunidade enchendo a laje  
É ir no cinema ver um filme e tá lá o Sabotage  
É quando um moleque da Fundação contraria (quem diria)  
E ganha um concurso de poesia  
....  
O Rap é Halls preto não é bala de Tutti Frutti  
É um carrinho de dog que virou food truck  
A caneta do GOG, a agulha do KL Jay  
Os pés do Nelsão, as mãos dos Gêmeos no spray

Quer saber o que é Rap puro?  
A escola ocupada pelos aluno!  
Marighella, Mandela, Guevara, Dandara, Zumbi  
Foram Rap antes do Rap existir

Um texto do Ferréz, um samba do Adoniram  
São Rap tanto quanto qualquer som do Wu Tan Clan  
E as tia que leva sopão pros mendigo  
É Rap até umas hora, mais que os MC umbigo  
....  
Rap é Milton Santos, é Paulo Freire, é escola  
Tem uns que estuda e outros que só cola  
É a mãe de família que vira freestalyera  
E improvisa com o pouco "dendá" geladeira<sup>16</sup>

Após a execução da música comecei a aula com três perguntas: a primeira era quem gostava de rap? A segunda era se eles conheciam a história de como o rap havia surgido? E a terceira se eles conheciam alguns personagens que estavam presentes naquela música?

As respostas foram heterogêneas em relação à primeira pergunta. Uma parte dos alunos disse que gostava e outra parte disse que não gostava, mas que estavam na oficina porque gostavam de história. Já a segunda resposta foi mais homogênea, ninguém conhecia a história do rap. A terceira pergunta apresentou ~~respostas~~ diversas posturas: alguns não conheciam os personagens presentes na letra da música e outros conheciam o nome do Sabotage<sup>17</sup>.

Nessa forma de diálogo comecei a apresentar a história do movimento Hip-hop e falar da situação em que a cidade de New York se encontrava na década de 1970, relacionando o gênero com o funk, o soul, o blues, construindo um conjunto de informações sobre os gêneros e como eles se relacionavam com o hip-hop e a cultura musical negra.

Apresentei também algumas linguagens específicas do gênero como o *flow*, o *beat*, a questão da utilização nessa primeira fase de *pick-ups* e vinis, de como o gênero musical e posteriormente movimento social havia chegado ao Brasil, falando da sua trajetória e citando alguns personagens importantes para o desenvolvimento do gênero no Brasil. Nessa apresentação falei de Nelson Triunfo<sup>18</sup> e sua importância para o *Break* no Brasil, relacionando

---

<sup>16</sup> INQUÉRITO. **Lição de Casa**. Campinas, SP. Groove Arts Studio, 2017. Disponível em: <  
<https://www.youtube.com/watch?v=bfX7OXyqXhM>> Acesso em 05 de abril de 2019.

<sup>17</sup> Mauro Mateus dos Santos Filho (São Paulo, 3 de abril de 1973 — São Paulo, 24 de janeiro de 2003), mais conhecido pelo seu nome artístico Sabotage, foi um rapper, cantor, compositor e ator brasileiro. Nasceu na Zona Sul de São Paulo, onde, depois de ter sido assaltante e gerente de tráfico encontrou a saída no rap, entrando na música e percebendo o seu verdadeiro dom. A origem do apelido Sabotage deu-se por estar sempre conseguindo burlar as leis com tremendo êxito, como entrar em bailes, festas e boates sem permissões, e saindo ileso de inúmeras confusões. Também fez parte de dois filmes, "O Invasor", e o premiado "Carandiru", além de ter recebido vários prêmios, como personalidade, revelação e outros no Hútus, o grande festival de premiação de rap no Brasil. Morreu com 4 tiros pelas costas em 24 de janeiro de 2003.

<sup>18</sup> Nelson Gonçalves Campos Filho, (Sítio Caldeirão, Triunfo, Pernambuco, 28 de outubro de 1954) é um dançarino de breaking e ativista social brasileiro, tendo ganhado notoriedade como um dos precursores da cultura hip-hop no país,



com o final da ditadura civil militar e alguns obstáculos oferecidos pelas forças policiais do período em relação aos encontros dos B'boys. Apresentei brevemente os gêmeos<sup>19</sup> (Otávio e Gustavo Pandolfo) uma dupla de grafiteiros brasileiros que ajudaram a definir o estilo desse tipo de arte no Brasil. Discuti sobre como foi gravado o primeiro cd do gênero no país<sup>20</sup>, e como surgiu assim um dos grupos mais influentes do gênero no país, o Racionais Mc's<sup>21</sup>.

Feita essa relação da origem do Hip-hop e como ele chega ao Brasil expliquei como a oficina funcionaria: que seria através das análises de músicas do estilo, algumas estariam acompanhadas de vídeos e outras não, pois os artistas não haviam produzido tal material.

Após essa exposição apresentei a primeira música que seria analisada, essa música recebe o título de “Negro Drama” é de autoria do grupo que mencionei anteriormente, o Racionais Mc's. A música foi gravada no ano de 2001 e lançada no ano de 2002. Estava presente no álbum “Nada Como Um Dia Após O Outro Dia”, e é de autoria de dois integrantes do grupo Mano Brown e Edi Rock, possuindo cerca de sete minutos de duração. Esse é o quarto álbum do grupo que quando foi gravado estava na ativa já por treze anos, sempre trabalhando em suas músicas a questão racial e a condição de vida das pessoas que moram na favela e vivem marginalizadas na sociedade. Durante a trajetória da banda eles produziram diversas músicas que receberam muitas críticas por fazerem menção à violência e de serem interpretadas como apologia ao crime. Escolhi essa música por que para muitos críticos é o momento que o grupo apresenta uma maior maturidade em relação às músicas que produzem, tendo o cuidado de não passar nenhuma mensagem ambígua para os jovens que iriam analisar essa fonte histórica em sala de aula.

A análise da música consistiu de três momentos: o primeiro pedi para eles não olharem o papel com a letra que foi distribuída no início do encontro, mas apenas escutassem a música. O segundo momento escutamos a música, mas dessa vez com o auxílio da letra. O terceiro momento foi para eles observarem a música novamente, mas dessa vez tentando escutar que tipo de batidas a música trazia. Procurei ter o cuidado de não analisar a música

---

<sup>19</sup> Os Gêmeos são uma dupla de irmãos gêmeos grafiteiros de São Paulo, nascidos em 1974. Formados em desenho de comunicação pela Escola Técnica Estadual Carlos de Campos, começaram a pintar grafites em 1987 no bairro em que cresceram, o Cambuci, e gradualmente tornaram-se uma das influências mais importantes na cena paulistana, ajudando a definir um estilo brasileiro de grafite. Os trabalhos da dupla estão presentes em diferentes cidades dos Estados Unidos, Inglaterra, Alemanha, Grécia, Cuba, entre outros países. Os temas vão de retratos de família à crítica social e política; o estilo formou-se tanto pelo hip hop tradicional como pela pichação.

<sup>20</sup> O disco é uma coletânea de alguns rappers que frequentavam os encontros no largo da São Bento nos anos 1980, intitulado “Hip-hop cultura de rua” lançado em 1988 lançou alguns nomes como Thaide e DJ Hum.

<sup>21</sup> A banda teve início em 1989, gravou seu primeiro disco em 1990 intitulado de Holocausto Urbano, gravaram 8 discos no total, sendo dois EP's, dois ao vivos e quatro em estúdio. Construíram uma trajetória de 30 anos, chegando ao fim de suas atividades no ano de 2018. Onde não se sabe se foi o término de uma história ou apenas uma parada estratégica, já que entre os anos de 2017 e 2018 parte de seus integrantes lançaram trabalhos solos.

somente pela letra, pois se assim fosse feito seria uma análise incompleta como nos sugere Napolitano.

Em minha opinião, esse vícios podem ser resumidos na operação analítica, ainda presente em alguns trabalhos, que fragmenta este objeto sociológica e culturalmente complexo, analisando “letra” separada da música, “contexto” separado da obra, “autor” separado da sociedade, “estética” separado da ideologia. (NAPOLITANO, 2002 pág.8)

Na tentativa de não incorrer no erro apontado por Napolitano, pedi que os meninos atentassem para alguns detalhes no momento da análise. No início eles estranharam, mas concordaram em fazer a experiência. Após tocar três vezes, segui com algumas indagações na forma de diálogo para realizarmos a análise da fonte apresentada. E perguntei quais partes da música haviam chamado mais atenção para eles? Qual a relação da letra com as batidas? A partir, dessas perguntas deixei o espaço aberto para eles falarem, e foi uma experiência muito gratificante ouvi-los.

Esse registro foi feito em um diário de bordo onde eu descrevia todas as impressões relatadas pelos alunos, nesse mesmo diário eu já levava uma análise feita por mim previamente de alguns pontos que eu considerava importantes de serem trabalhados. Após a exposição feitas por eles se não houvessem sido abordados eu iria comentá-los. Esse segundo encontro estava acontecendo na última semana do mês de março

Logo de início um dos alunos disse: “a batida fica mais forte quando ele quer dar ênfase na mensagem.” Nesse momento foi uma profusão de falas. Outra aluna disse que a música “mostrava pro outro de onde ele veio, que depois do dinheiro queriam chegar nele.” Outro aluno falou de “mostrar a realidade.” A música é dividida em dois momentos, o primeiro que é a parte cantada por Edí Rock, que apresenta um tom de voz mais amena e os trechos mais gerais que falam do negro em geral e de sua posição na sociedade.

Negro drama  
Entre o sucesso e a lama  
Dinheiro, problemas  
Inveja, luxo, fama

Negro drama  
Cabelo crespo  
E a pele escura  
A ferida, a chaga  
À procura da cura

Negro drama  
Tenta ver  
E não vê nada  
A não ser uma estrela  
Longe, meio ofuscada

Sente o drama

O preço, a cobrança  
No amor, no ódio  
A insana vingança

Negro drama  
Eu sei quem trama  
E quem tá comigo  
O trauma que eu carrego  
Pra não ser mais um preto fodido

O drama da cadeia e favela  
Túmulos, sangue  
Sirene, choros e vela

Passageiro do Brasil  
São Paulo  
Agonia que sobrevivem  
Em meia às honras e covardias  
Periferias, vielas e cortiços  
Você deve tá pensando  
O que você tem a ver com isso

Os alunos interpretaram como nessa parte da música a batida tinha um “teor de drama” e “ajudava a fixar a mensagem da música”. Nessa primeira parte enquanto estávamos realizando a análise, alguns alunos se identificaram com a mensagem presente na música e começaram surgir relatos referente a preconceitos que eles viveram tanto em ambiente escolar como em abordagens policiais. Uma aluna relatou que um professor da escola chegou a perguntar em sala de aula o porquê dela não cortar o cabelo. Outra aluna relatou que depois que havia colocado seus rastafáris ela passou a ser abordada pela polícia constantemente. Já na análise da primeira fonte vários relatos de identificação com o que era cantado surgiram, e em meio aos relatos continuamos analisando a música para chegarmos no momento de construir um elo com a História que está presente no livro didático e repensá-la. Nessa parte da música:

Histórias, registros  
Escritos  
Não é conto  
Nem fábula  
Lenda ou mito

Não foi sempre dito  
Que preto não tem vez  
Então olha o castelo e não  
Foi você quem fez cuzão

Um aluno identificou esse trecho com uma “referência ao passado” e começamos a falar de História do Brasil. Perguntei se eles se lembram como os negros são representados no

livro didático<sup>22</sup> que usamos em sala de aula. Nesse momento falamos sobre o silenciamento histórico que muitas vezes passa despercebido por quem utiliza esse material didático. Pois os negros aparecem no período Colonial como uma mão de obra necessária para a implantação da cana-de-açúcar no país, mas não é aprofundado nem analisado o impacto que isso causa ao continente africano e como a chegada dessa mão de obra escrava ressignifica as relações existentes no Brasil. Dentro do texto não se faz referência à cultura africana, nem à pluralidade de etnias existentes no continente africano, representando-os apenas como uma mão de obra necessária, numa relação hierárquica de que ser explorado era um fim natural para essas almas. Essa foi uma tentativa de construir uma visão crítica e reflexiva de como algumas informações acabavam chegando para eles, colocando-os como parte ativa do processo de ensino e aprendizagem.

Outro fator interessante ainda na análise dessa primeira fonte foi que um dos alunos chegou a afirmar “que eles contavam a realidade de uma favela que não existia mais dessa forma”. Esse foi um momento em que muitos alunos se manifestaram através de uma postura de repreensão ao colega, perguntando se ele não conhecia a cidade onde morava e o bairro onde a escola estava inserido. Como falei anteriormente, a escola em que trabalho e desenvolvi a oficina é uma escola de ensino profissional, onde parte das turmas é composta por alunos vindos de escolas particulares, o que explica algumas vivências diferentes por partes dos alunos.

E é interessante essa afirmação dele, pois realmente a realidade nas localidades mais carentes modificou um pouco, principalmente em relação à questão do consumo. Vale ressaltar que a música foi gravada em 2002, ano em que o governo do PT chegava ao poder pela primeira vez com o presidente Lula. Realmente a realidade pode ter se modificado um pouco, mas isso não significa que as diferenças e as desigualdades sociais deixaram de existir, talvez elas tenham mudado um pouco o figurino de como são representadas, mas o cenário da desigualdade ainda se faz presente.

Continuando a análise da fonte, os alunos ainda falaram da questão do tratamento policial com quem vive nas comunidades mais carentes, “que muita gente vê, mas finge que não vê” a condição em que essas pessoas vivem. Falaram ainda do papel do Estado a respeito dessa situação. Como a música é de um grupo de rapper paulista, falaram do estado de São Paulo, mas que poderia ser facilmente transportado para qualquer outra região do Brasil.

---

<sup>22</sup> Braick, Patrícia Ramos. História: das cavernas ao terceiro milênio / Patrícia Ramos Braick, Myriam Becho Mota. – 3. Ed. – São Paulo: Moderna, 2013.

Outra questão presente na mensagem da música é a de não se envolver com o crime presente neste trecho, que tenta passar a mensagem que apesar de toda as dificuldades o crime não compensa e nem soluciona facilmente esses problemas.

Que Deus me guarde  
Pois eu sei  
Que ele não é neutro  
Vigia os rico  
Mas ama os que vem do gueto

Eu visto preto  
Por dentro e por fora  
Guerreiro  
Poeta entre o tempo e a memória

Ora  
Nessa história  
Vejo o dólar  
E vários quilates  
Falo pro mano  
Que não morra e também não mate

Essa seria uma das mensagens que fecha essa primeira parte da música, já construindo uma ponte para o que seria cantado/contado na parte final da música.

A segunda parte da música que é a parte cantada por Mano Brown, recebe outra entonação de voz; parece mais como um desabafo, tanto pelo tom que seria mais rasgado, como pelo teor da letra. Se na primeira parte houve uma profusão de ideias e menções a sua história de vida pessoal, essa segunda parte se mostrou bem entranhada no seu dia-a-dia. Logo no começo quando ela fala

Negro drama

Crime, futebol, música, caraio  
Eu também não consegui fugir disso aí  
Eu sou mais um  
Forrest Gump é mato  
Eu prefiro conta uma história real  
Vô conta a minha

Daria um filme  
Uma negra  
E uma criança nos braços  
Solitária na floresta  
De concreto e aço

Veja  
Olha outra vez  
O rosto na multidão  
A multidão é um monstro  
Sem rosto e coração  
(...)  
Família brasileira  
Dois contra o mundo  
Mãe solteira  
De um promissor

Vagabundo

Luz, câmera e ação  
Gravando a cena vai  
Um bastardo  
Mais um filho pardo  
Sem pai

Muitos deles apontaram esse trecho como sendo um dos que mais lhe chamaram a atenção, pois alguns eram criados só pela mãe, pela avó ou suas mães acabavam sendo as responsáveis por gerir e sustentar a casa. Esse foi um momento de muita reflexão, pois eles perceberam o papel importante que as mães deles têm em suas casas. Nesse momento perguntei quem deles possuía pai e mãe casados? E a grande maioria era filho de pais separados, e que morava com a mãe ou com a avó materna. Esse foi um momento de reflexão de qual seria o padrão da grande maioria da família brasileira que a mídia tenta nos impor? E consequentemente o papel da mulher negra dentro da sociedade brasileira. Foi inevitável não fazer referência ao capítulo dois do livro de Frantz Fanon (2008), “Pele Negra e máscaras brancas” que recebe o título de “A mulher de cor e o branco”, problematizando o papel da mulher na sociedade brasileira atual e convidando os estudantes a reflexão de qual seria o padrão mais comum da família brasileira. E como isso se relaciona com a construção histórica das famílias de escravos durante o período Colonial do Brasil.

Nesse capítulo Fanon analisa o comportamento das mulheres negras de Martinica, a partir do livro de Mayoette Capécia, *Je suis Martiniquaise*, onde de maneira indireta ela acabava por representar alguns comportamentos que refletiam o papel da mulher negra dentro da sociedade martinicana e que pode facilmente ser transportado para o Brasil, tendo em vista o processo colonizador por qual passamos e como a mulher negra é vista em nossa sociedade. Nesse trecho do texto de Fanon ele tenta nos mostrar:

No início, eis como o problema se apresentava a Mayotte, aos cinco anos de idade, na terceira página de seu livro: “Pegava o tinteiro na carteira e o jogava como uma ducha em cima da colega”. Era seu modo de transformar os brancos em negros. Mas percebeu logo de cedo a inutilidade de seus esforços; e depois, Loulouze e sua mãe lhe diziam que a vida para a mulher de cor é difícil. Então, não podendo mais enegrecer o mundo ela vai tentá-lo embranquecê-lo no seu corpo e no seu pensamento. (FANON, 2008 pág.56)

Na música isso se mostra através da sua definição como pardo, que faz referência à questão da miscigenação racial, e como mais um filho de mãe solteira, pois é comum a mulher negra ser atribuída apenas como um caso extra-conjugal. Prática que vem desde os tempos da colonização quando os senhores de engenho mantinham relações sexuais com suas escravas forçosamente, para não chamar de estupro deliberadamente. O que originava

diversos filhos bastardos, interessante fazer essa referência pois Mano Brown, recentemente em uma entrevista disse que seu pai possuía descendência italiana e como foi alvo de brincadeiras por parte dos amigos devido a sua cor de pele.

Ainda na análise dessa primeira fonte os alunos apresentaram mais algumas impressões a respeito de relaciona-la com a história e a condição social do negro na sociedade.

Ei, Senhor de engenho  
Eu sei bem quem você é  
Sozinho, cê num guenta sozinho  
Cê num entra a pé  
(...)  
Atrasado  
Eu tô um pouco sim  
Tô, eu acho  
Só que tem que

Seu jogo é sujo  
E eu não me encaixo  
Eu sô problema de montão  
De carnaval a carnaval  
Eu vim da selva  
Sou leão  
Sou demais pro seu quintal

Problema com escola  
Eu tenho mil, mil fitas  
Inacreditável, mas seu filho me imita  
No meio de vocês  
Ele é o mais esperto  
Ginga e fala gíria  
Gíria não, dialeto

Nesse trecho eles destacaram a questão “a relação de atraso dos negros na sociedade” fazendo referência ao trabalho escravo. Nesse momento fiz uma pequena revisão historiográfica com os alunos baseada no trabalho citado anteriormente de Ana Luiza Flauzina, comentando sobre o processo de libertação dos escravos no Brasil e de suas lutas por direitos, buscando mostrar como essa situação se relaciona com o processo histórico de formação da sociedade brasileira e como podemos identificar a presença desse processo na mensagem passada pela música.

Os estudantes ainda apontaram a questão da situação da escola pública, citada no trecho acima, como a falta de estrutura vivenciada por eles em seu dia-a-dia, como suspensão de aula em dia de chuva por causa de vazamentos, entre outros problemas. Mesmo com todo esse processo histórico de que fazem parte, tendo que lutar para ter seus direitos reconhecidos, conseguem se destacar de alguma forma. No caso da fonte estudada seria através da música de estilo rap, como apresentada no trecho a seguir.

Esse não é mais seu  
Ô, subiu  
Entrei pelo seu rádio  
Tomei, cê nem viu  
Nós é isso ou aquilo

O quê?  
Cê não dizia?  
Seu filho quer ser preto  
Rááá  
Que ironia

Essa primeira fonte rendeu muitas discussões que acabaram se estendendo por dois encontros devido ao seu tamanho e o processo utilizado por nós para a análise. As próximas fontes a serem trabalhadas passaram pelo mesmo processo, mas demoraram menos tempo por se tratarem de músicas menores.

A segunda fonte a ser analisada foi a música “Eu só peço a Deus”, do grupo de rapper também paulista, mais especificamente da região de Campinas, “Inquérito”. O grupo existe desde 1999, mas seu primeiro álbum foi lançado no ano de 2005. A música analisada na oficina está presente no quinto álbum da banda que recebe o título “Corpo e Alma”, lançado no ano de 2014. Esse disco marca a trajetória de quinze anos da banda, e é recheado por questões raciais em suas músicas. Além do tema trabalhado na oficina, a música “Sonhos” faz referência a Martin Luther King, e a música “Rosa do morro” faz uma homenagem à escritora Carolina Maria de Jesus<sup>23</sup>.

O vocalista do grupo além de MC é professor e possui trabalhos na área da literatura em escolas e unidades da Fundação Casa. Também realiza um evento que envolve poesia no estado de São Paulo que recebe o nome de “Parada Poética”, que visa levar a poesia para locais públicos no interior do estado.

Seguindo o mesmo modelo da análise anterior, comecei a discussão da fonte perguntando o que as batidas da música de rap lembravam, tanto na anterior, como na que iríamos analisar agora. Eles ficaram pensativos com a pergunta e me devolveram ela com frases como essa: “não sei professor, diz logo”. Eu pedi que eles tentassem relacionar com coisas que eles conheciam.

Passado alguns minutos, vendo que eles não respondiam, acabei por convidá-los a pensar um pouco do que havia falado no primeiro encontro, sobre a origem do hip-hop e como ele se relacionava com a cultura africana. Disse pra eles que as batidas faziam referência aos tambores africanos, e nesse momento eles concordaram que realmente

---

<sup>23</sup> É considerada uma das primeiras escritoras negras do Brasil a ter seu trabalho reconhecido. Ganhou notoriedade no ano de 1958 quando seu diário virou livro que recebe o título de “Quarto do despejo”, após ter sido publicado com a ajuda do jornalista Audálio Dantas.



lembrava muito. Continuei conversa falando também um pouco sobre os Griots, que mencionei no primeiro capítulo e de suas semelhanças com as letras de rap, que geralmente contavam alguma narrativa sobre a história de quem cantava.

Deixei para incluir essas informações na análise dessa fonte, pois a sua letra nos convida em determinados momentos a repensar alguns conhecimentos históricos, e senti a necessidade de instrumentalizar os alunos com essas informações para que o caminho percorrido na construção dessas análises não se distanciasse do ensino história. A música foi analisada, a partir, da reprodução do clipe, mas por questão de linha metodológica analisamos somente a letra e a música em si, o vídeo acabou ficando em segundo plano, mais como apreciação, pois se fossemos analisar todos os elementos letra, música e vídeo teriam que ser utilizados diferentes métodos, como existiu um roteiro a seguir, que limitava nossos encontros a um pouco mais de uma hora e meia, optei por não fazê-lo.

O início da música começa com uma reflexão do artista fazendo perguntas de porque nunca parou e o que move suas escolhas. Essa música, diferente da anterior, nenhum aluno conhecia, pois esse grupo não possui a projeção como do Racionais, mas o sentimento após ter sido executada a primeira vez foi de expressões como “que música foda”, “pesado hein, professor!?”. Eles foram impactados e convidados para a reflexão histórica. Logo na primeira parte da música ela traz o seguinte texto.

Quer saber o que me move? Quer saber o que me prende?  
São correntes sanguíneas, não contas correntes  
Não conta com a gente pra assinar seu jornal  
Vocês descobriram o Brasil, né? Conta outra Cabral  
É um país cordial, carnaval, tudo igual  
Preconceito racial mais profundo que o Pré-Sal  
Tira os pobre do centro, faz um cartão postal  
É o governo trampando, Photoshop social  
Bandeirantes, Anhanguera, Raposo, Castelo  
São heróis ou algoz? Vai ver o que eles fizeram  
Botar o nome desses cara nas estrada é cruel  
É o mesmo que Rodovia Hitler em Israel

A música começa com um som que lembra um violoncelo e é acompanhada por um *sample* falando o título da música, algo que se repete em algumas partes da música com uma batida de percussões presente na cultura afro-brasileira, que marcam a mensagem, mas que em alguns momentos são cessados para a entrada de *back vocals* em alguns trechos. Esses efeitos principalmente do início dão a música um clima tenso e ao mesmo tempo de protesto por determinadas situações.

Um dos alunos no início da análise junto com o grupo disse que a parte que mais havia chamado sua atenção foi a parte “correntes sangüíneas, contra as contas correntes”, pois diz que hoje a sociedade acaba valorizando o material (capital) em detrimento de outros laços.

Uma aluna disse que achou “massa” a parte que falou do “preconceito racial enraizado”, pois já havia sofrido muito com essa questão de preconceito e que muitas vezes esse preconceito se manifestava de maneira indireta. Essa foi a mesma aluna que um professor havia feito a pergunta do por que ela não cortava o cabelo.

Outro aluno disse que a parte que mais chamou a sua atenção e fez ele lembrar das aulas de história foi “Governo e photoshop social”, onde ele disse que havia se lembrado da Revolta da Vacina no Rio de Janeiro no início do séc. XX. O que nos remeteu a problematizarmos a questão do processo de favelização do país, questionando o porquê da maioria da população desses locais serem negros. Esse foi um momento muito gratificante, pois essa reflexão foi proposta por um deles. Na análise dessa segunda fonte já foi perceptível o protagonismo dos alunos na construção de análises históricas. No primeiro encontro, na análise da primeira fonte eles apresentavam mais receio de falar, mas ao fim a experiência demonstrou que o ambiente da oficina era um local de protagonismo por parte deles.

Continuando a análise, duas alunas fizeram referência ao momento que eles falam dos bandeirantes. Uma disse que achou interessante procurar saber “quem eram as pessoas que davam nomes às rodovias”, demonstrando que a história está presente no dia-a-dia deles, convidando-os a refletirem nas coisas mais simples como o nome das ruas e avenidas de nossas cidades. Outra aluna falou que isso é uma “homenagem a quem faz sofrer”. Nesse momento, a partir da fala dessa aluna foi possível pensar através da fonte analisada que a história possui diversas interpretações, fazendo uma referência direta ao que foi discutido no início do capítulo um, a respeito do ensino de história e da produção de narrativas históricas. Os alunos começaram a desenvolver uma postura mais crítica ao que está presente nos seus livros didáticos, refletindo para quem esses personagens são heróis.

A fala dessa aluna ao remeter ao entendimento de que fazemos homenagem a quem faz sofrer, foi muito forte. Não cabia no momento da oficina fazer essa reflexão de todos os nomes de ruas, pois isso daria um outro trabalho. Mas no momento político que o país vive é interessante se pensar isso: quantos nomes de ruas fazem menções a torturadores da ditadura? Provocar esse tipo de reflexão aos alunos através da música me fez renovar as forças e acreditar que a educação realmente é um caminho para a mudança, e que a História tem papel fundamental nesse caminho.

A análise da segunda parte da música nos remeteu a um diálogo do passado com o presente, fortalecendo a ideia de que tudo o que fizemos hoje faz parte de um processo histórico. Não quero aqui remeter à questão do ídolo das origens, tão bem trabalhado e problematizado por March Bloch (2001) em seu livro “Ofício do historiador”, mas refletir que o local que o negro ocupa na sociedade brasileira hoje é resultado de um longo processo

histórico de silenciamento. A segunda e última parte da música que segue logo abaixo provocou as indagações nos alunos:

Também quero a revolução, mas não sou imbecil  
Quem não sabe usar um lápis, não vai saber usar um fuzil  
Por isso os mic, as Mk e os spray pra mostrar  
(...)  
Violência vicia soldado e eu sei bem (Bem!)  
A guerra não é santa nem aqui e nem em Jerusalém  
É o Brasil da mistura, miscigenação  
Quem não tem sangue de preto na veia deve ter na mão  
Eu só peço a Deus!

Nesse segundo trecho o que mais chamou a atenção para alguns alunos foi a expressão “sangue de preto na mão e veias”. Ao mencionarem essa parte eles fizeram a referência de que todos teríamos relação com os negros, já que o brasileiro seria um resultado da miscigenação de diversas raças. Nesse momento convidei à reflexão com a seguinte pergunta: no Brasil é mais fácil ser negro ou branco? A resposta foi unânime, todos disseram seria mais fácil ser branca. Refletindo que muito se fala da questão da mistura das raças, mas na contemporaneidade ainda existem algumas práticas racistas.

Os alunos ainda atentaram para a questão da importância da educação presente neste trecho com as seguintes falas: “quem não estuda não vai saber confrontar a sociedade” e que “a revolução não vai ser através da luta armada”. Nesse sentido, podemos perceber que nesse ponto a música conseguiu passar a mensagem do quinto elemento presente no movimento hip-hop, que seria o conhecimento. Os alunos desenvolvem a interpretação de que é importante conhecer a história para assim poder lutar contra a perpetuação de algumas práticas de preconceito racial presentes em nossa sociedade.

Para concluir a segunda música trabalhada, os alunos ressaltaram a questão da violência no trecho que diz: “a guerra não é santa nem aqui e nem Jerusalém” numa menção às abordagens policiais presentes nas regiões mais marginalizadas da sociedade e fizeram uma analogia do seguinte trecho:

Nosso esporte predileto ainda é lotar os bares  
Esvaziar os lares, mano, nós somos milhares  
Miseráveis na arquibancada se matando  
E os 22 milionários se divertindo em campo

Como se o campo de futebol fosse a sociedade e a arquibancada fosse a população, que em muitos momentos só assiste, sem conseguir participar efetivamente na luta para mudar a realidade em que vivemos, fortalecendo a importância do conhecimento da história para lutarmos contra essa realidade encontrada em nossa sociedade nos dias de hoje.

A terceira fonte analisada foi a música do rapper também paulista Rincon Sapiência, que inicia sua carreira no ano 2000, participando em sua trajetória de diversas bandas, mas ganhando notoriedade somente no ano de 2010 quando foi indicado para o prêmio VMB (Video Music Brasil). Nesse período se manteve ativo gravando participações com outros artistas ou lançando singles<sup>24</sup>. Seu primeiro disco só foi lançado no ano de 2014 recebendo o título de “SP Gueto BR”<sup>25</sup>, onde o artista apresenta uma série de críticas à sociedade paulista e brasileira em músicas como “Transporte público”, mas também procura valorizar a cultura afro-brasileira em música como “Estilo maloca”, constantemente fazendo referência à cultura brasileira e às batidas das músicas afro-brasileiras.

A música escolhida está presente nesse álbum e recebe o título de “Coisas de Brasil”. Seguindo o mesmo método anterior começamos com a sua apreciação e depois abrimos para o debate junto com os alunos. Essa fonte apresenta diversas referências à cultura afro-brasileira. Logo em sua introdução escutamos a batida de um berimbau, que segue com batidas de percussões, com vozes de mulheres que também fazem referência aos coros das igrejas protestantes norte-americanas que utilizavam vozes negras fazendo referência direta às músicas cantadas pelos escravos durante o seu trabalho.

Em sua letra podemos perceber diversas referências à cultura brasileira que vão desde lendas a alimentação e práticas presentes em nossa sociedade. Logo de início ele já faz alusão à questão da miscigenação e da heterogeneidade da cultura brasileira fazendo referência à alimentação:

É o cinza, é o verde, é o quente, é o frio  
É a seca, é o rio, bem vindos ao Brasil  
O preto, o branco, o indígena, mixa  
Europa, África, acarajé, pizza  
Música, lenda, os fato e as fita  
O crime, Lampião, Maria Bonita  
Fazendo avião, os menor tem o dom  
Pera lá, não confunda com Santos Dumont  
São coisas de Brasil, arte sem cachê  
São coisas de Brasil, sem forçá, sem clichê  
Tio Sam insinua que as mina anda nua  
Que os caras tão armado e os macaco tão na rua  
Câmeras, gruas, filmou, põe na tela  
Cinemas, novelas, bundas e favelas  
Elite no comando, aproveitadores lucram  
O povo se virando, trabalhadores lutam

---

<sup>24</sup> Músicas soltas sem necessariamente fazerem parte de um álbum, essa prática tem se tornado muito comum entre os artistas de hip-hop, pois divulgam seus trabalhos e gastam menos do que se fossem gravar um disco.

<sup>25</sup> SAPIÊNCIA, RINCON. **Coisas de Brasil**. São Paulo: Boia Fria, 2014. Disponível em: <  
[https://www.youtube.com/watch?v=jbXntTiKozM&list=OLAK5uy\\_n0BxpNxTerDYK4alfcuLwtDq0I4I822Vw](https://www.youtube.com/watch?v=jbXntTiKozM&list=OLAK5uy_n0BxpNxTerDYK4alfcuLwtDq0I4I822Vw)  
>. Acesso em 05 de abril de 2019.

A primeira referência percebida pelos alunos após a execução da música e início do diálogo foi a “Sátira do tráfico de drogas, os meninos que são avião”. Essa foi a primeira fala, mostrando que essa realidade é bem conhecida por eles. No decorrer da oficina pude perceber que essa questão da droga é bem comum no dia-a-dia deles. Essa percepção de deu através de conversas informais com os alunos, ondes muitos relataram já ter experimentado, ou ser usuário de algum tipo de droga. Muitos disseram fazerem uso de bebida alcóolica e que já haviam experimentado a maconha.

O segundo apontamento feito por ele foi o de “mixer de raças”. Como essa já era a terceira fonte, começou a ficar perceptível que essa questão da miscigenação é uma constante quando se fala de questões raciais. Não como uma coisa boa, como foi defendido muito tempo pela ideia de democracia racial, mas que mesmo sendo uma realidade brasileira, mesmo assim enfrentamos problemas com práticas de intolerância racial.

O terceiro ponto apresentado pelos alunos foi a questão dos Estados Unidos da América ser citado na música “tio Sam”, pois muitas vezes a imagem passada da realidade brasileira acaba sendo deturpada. Os alunos também fizeram o seguinte apontamento “sofrimento como uma forma de espetáculo”. Na perspectiva deles os problemas sociais enfrentados por essa parte da população muitas vezes ganha notoriedade não como problema, mas como uma forma de espetáculo, o diferente, o exótico, na busca de uma naturalização. Um exemplo disso é que muitas vezes em filmes americanos o Brasil é sinônimo de um país sem lei, o filme de velozes e furiosos 5, mostra isso em seu roteiro e suas cenas.

São coisas de Brasil, os pretos, os dreads  
Zumbi vive, não é Walking Dead  
Não procede o pensamento fútil  
Que resume o Brasil em futebol e glúteo  
Luta! Tivemos os nossos guerrilheiros  
Salve Marighella, Antônio Conselheiro!  
Pega no batente a mão do povo pobre  
Que a alegra povo nobre, batendo no pandeiro

Nesse segundo trecho podemos perceber que o autor continua trazendo elementos históricos do país, quando apresenta alguns personagens como Zumbi, Marighella, entre outros. Os alunos identificaram esse trecho com o seguinte comentário “Zumbi vive, e a luta continua”. Mais uma vez percebemos que eles começam a se apropriar da questão do processo histórico e da narrativa histórica quando eles tem a interpretação de que a luta continua.

Outra referência que percebemos nesse trecho da música é a questão do samba, que possui uma origem negra, mas que hoje, nas palavras dos alunos é “samba, que alegra o povo rico.”, fazendo uma alusão direta à questão da “valorização da cultura brasileira”. Há uma

valorização da cultura quando interessa, por exemplo na questão do samba que muitas vezes está ligado à diversão, mas passado esse momento o povo pobre é esquecido de novo.

Essa questão da referência ao samba é interessante, pois ela remete diretamente à difusão da cultura afro-brasileira na sociedade brasileira, como nos mostra Napolitano em seu livro, e agora passa a ser evocada através do hip-hop no momento que faz menção ao samba como cultura da periferia.

A vida musical das ruas, senzalas e bairros populares era intensa, embora tenha deixado poucos registros impressos ou escritos. Seu legado é basicamente oral e preservado através das canções folclóricas, festas populares e danças dramáticas. (...) A princípio, a palavra samba designava as festas de dança dos negros escravos, sobretudo na Bahia do séc. XIX. Com a imigração negra da Bahia para o Rio de Janeiro, as comunidades baianas se estruturaram de forma espacial e cultural e tiveram nas “tias”, velhas senhoras que exerciam um papel catalisador na comunidade, seu elo central. A primeira geração do samba, João da Baiana, Donga e Pinxiguinha, entre outros tinha a marca do maxixe e do choro, e a partir das comunidades negras do centro do Rio, (...), irradiou esta forma para toda a vida carioca e posteriormente para, toda a vida musical brasileira. (NAPOLITANO, 2002 pág.44-49)

A valorização da cultura brasileira fazendo referência direta à cultura negra afro-brasileira e indígena continua na letra do rapper, que tenta de diversas formas, como foi percebido pelos alunos, construir uma valoração dessas referências que em meio ao processo de contato com outras culturas através da globalização, acaba muitas vezes por ser silenciada. No trecho a seguir podemos identificar claramente a intenção do autor para chamar atenção para esse quesito.

É Tupi Guarani, é Tupiniquim  
Taco o fogo no bruxo, que se foda o Halloween  
Educação nosso adversário  
Estádios perfeitos, ensino precário

Localizando a produção em seu tempo, que no caso foi o ano de 2014, vemos uma crítica à realização da Copa do Mundo da FIFA que era sediada no Brasil nesse ano, chamando atenção para a questão da educação. Nesse trecho os alunos também atentaram para a questão da educação dizendo que a música de alguma forma falava da “realidade desejada e da realidade vivida”. Onde se tenta construir a imagem de um país desenvolvido através dos Estádios e das reformas feitas para a Copa do Mundo, mas que na realidade acabam apenas mascarando a situação precária em que grande parte da população vive.

Para concluirmos a análise da terceira fonte os alunos chamaram a atenção para a descrição feita em “Crítica feita a televisão”, que muitas vezes acaba mostrando apenas uma versão dos fatos, a questão do “alcoolismo e das Igrejas” que são dois ambientes muito presente na periferia e para a questão do futebol como sendo um meio de fuga por parte

desses moradores, seja no momento de sonhar em mudar de vida, ou no momento de aliviar a realidade.

Mãos à obra, na mão o calo  
Acordar antes da cantiga do galo  
Água fria vai da cabeça ao ralo  
Retrato do meu povo, é dele que eu falo

À procura da paz, sempre pronto pra guerra  
Atrás dos seus sonhos, no campo de terra  
No bar dia de jogo, é olho na tela  
Tem gol do rapaz que nasceu na favela  
(...)  
Igrejas e bar, cultos e doses  
Conclusão: bendita seja a neurose  
Massa de manobra, não, mãos à obra  
Quero mão na massa, não mão na sobra  
(...)  
Entre quatro paredes o meu limite  
Pior é tá no limite dos madeirite  
Ow! Silêncio na hora do protesto  
Gol! O grito que gera amidalite  
Elite, controla o ensino da escola  
No livro são leigos e gênios com a bola  
Brasil, vivemos à margem desse lugar  
Onde os Marcola surgem à Beira-Mar

A mensagem presente no verso final, juntamente com o restante do trecho nos ajudou a construir um caminho reflexivo a respeito da educação em nosso país e serviu como uma ponte para a próxima fonte, que além de trabalhar essa questão da cultura brasileira e da realidade, vai tentar construir uma relação com a ancestralidade africana ao trazer em sua letra e batidas referências diretas à religiosidade afro-brasileira.

A quarta fonte analisada na oficina foi uma música do rapper mineiro Flávio Renegado, que iniciou sua carreira em 1998 participando de um grupo de funk da localidade onde morava, o bairro Alto Vera Cruz localizado na região leste da capital, Belo Horizonte. Seu primeiro álbum foi gravado em 2008 (Oiapoque a Nova York), mesmo ano em que ganha o prêmio de artista revelação na Hutúz<sup>26</sup>. Desde então gravou três discos e um DVD em 2011, “Minha tribo é o Mundo”, em 2013 o DVD “Suave ao vivo”, no ano de 2015 o Ep<sup>27</sup> “Relatos de um conflito particular” e em 2016 o disco “Outono Selvagem”, de onde utilizamos a música “Black Star” para ser analisada como fonte de análise na oficina.

---

<sup>26</sup> Foi a principal premiação do hip hop brasileiro. Fez parte do Festival Hutúz, criado pela *Central Única das Favelas (CUFA)*, organização que surgiu através de reuniões de jovens de várias comunidades do Rio de Janeiro. Foi idealizado pelo produtor Celso Athayde. Entre 2000 e 2003, o evento foi realizado no Teatro Carlos Gomes, na cidade do Rio de Janeiro. A partir de 2004, passou a ser realizado no Canecão. Em 2009 foi realizada a última edição do evento, chamada "Prêmio Hutúz 10 Anos"

<sup>27</sup> O “extended-play” (EP) não chega a ser um álbum completo, é uma gravação de trabalho que possui normalmente de quatro a oito músicas. É geralmente visto como uma prévia do seu próximo álbum, ou como um item promocional enviado aos críticos.

Essa é a música que abre o disco. A sua letra logo de início é marcada por referências à cultura afro-brasileira, acompanhada de batidas digitais que lembram muito as batidas de um bumbo. As mensagens da letra acabam por remeter a relações do passado e do presente, como se as mudanças ocorridas dentro do tempo histórico não tivessem sido tão profundas, como se houvesse uma mudança de cenário, mas não da história e dos atores sociais nela presentes. No trecho a seguir podemos perceber algumas dessas características.

Pra justiça, chama Xangô  
Pra batalha, Ogum é o mais forte  
Ontem fui caça hoje, caçador  
Quem me guia nessa trilhas é Oxóssi

Sou pele preta vigiada  
As sentinelas estão montadas  
Pensam que vão me deter  
Não sabem nada  
Já venci a fome e a farda

Cara feia dos caretas não me faz tremer  
Sobrevivente no Brasil  
Putá de país hostil  
Aonde é crime preto e pobre ter poder  
Meu passado é meu presente  
Já arrastei corrente  
Mas hoje entrei no game pra vencer

Os alunos logo no momento inicial da discussão falaram da referência “as raízes ancestrais” que estão presentes na música, falaram dessas raízes tanto pela questão das batidas como pelas referências aos orixás que logo no primeiro verso aparecem confirmando essa hipótese levantada por eles. Xangô é o orixá da justiça, que é evocado para que a justiça seja feita. Ogum é o orixá da guerra, do ferro, muitas vezes representado como São Jorge, que acaba sendo lembrado para que lhe traga forças para enfrentar os problemas por eles vividos. Oxóssi é o senhor das florestas, matas e da caça, que também é lembrado para guiá-lo nos melhores caminhos.

Ainda reforça a questão da perseguição policial para com os negros, com uma forte referência aos tempos da senzala onde eram vigiados, como se a mudança não tivesse ocorrido como se esperava, pois continua sendo vista com maus olhos as conquistas das pessoas negras no país. A música segue na mesma perspectiva nas estrofes seguinte.

Ecoou  
Grito forte na senzala  
Negro canta, negro dança  
Não existe mais chibata

Querem que a humildade  
seja a virtude de todo negão  
Migalhas pro meu povo  
a pauta desse jogo presidio e prisão



Sou preto rebelado  
que não aceitou ser chamado de ladrão  
Hoje BlackStar  
sonho de consumo da filha do patrão

Nessas estrofe os alunos perceberam a questão da “hostilidade da sociedade a respeito das suas conquistas”. Como a cobrança “de humildade por parte dos negros” é uma constante, esses trechos foram representados com exemplos vividos por eles ou por amigos próximos a eles. Outra, e na minha perspectiva uma das mais importantes percepções levantadas pelos alunos, foi nessa frase “afirmação enquanto negro, para além da senzala”. No refrão da música eles começam a perceber que o negro na História do Brasil e no Brasil existem para além da senzala, mostrando a sua importância para a nossa cultura, e como em diversos momentos só fazemos referência a eles quando estamos falando de escravidão. Mas nesse momento eles falaram que existe negritude para além do trabalho escravo.

Outro ponto também apontado por eles foi a questão da “mascaração do preconceito”, que vai ser tema da quinta fonte a ser analisada. Mas antes de entrar na análise feita da próxima música, queria relatar que foi nesse momento que percebi a importância da oficina para os alunos, e também para mim enquanto professor deles. Ao terminar esse encontro muitos deles postaram a música trabalhada naquele dia em suas redes sociais, e muitos agora passavam a apresentar para os amigos que não participavam da oficina as músicas lá trabalhadas.

No início do outro encontro onde iríamos analisar a música da rapper Karol Conká, duas alunas me pararam no birô e vieram me mostrar que a música trabalhada na aula passada fazia referência a uma música da umbanda “ecoou um canto forte na senzala”, que estava presente no refrão da música anterior. Pude perceber nesse momento que a ideia deles serem protagonistas de seu próprio saber estava acontecendo dentro do ritmo deles. Ao me apresentarem propuseram fazermos uma apresentação artística a respeito do preconceito racial, e desse momento em diante as discussões passaram a ter um significado maior, pois era constante eles se colocarem como objetos da análise a partir da realidade vivida por eles.

A quinta música foi da rapper curitibana Karol Conká. A escolha dessa cantora se deu para além da questão de seu engajamento racial, mas também porque nos últimos anos ela tem ganho destaque na questão da luta feminista. Ela e um grupo de outras cantoras estão abrindo caminhos na cena do hip-hop nacional que durante muito tempo foi predominantemente de homens. Algumas alunas quando falei que iríamos analisar uma de suas músicas ficaram muito empolgadas.

Ricardo Teperman, pesquisador do movimento hip-hop, nos apresenta esses dados em seu livro, falando não apenas de como as mulheres vêm lutando por espaço em um meio

predominantemente masculino, mas como outras minorias como os LGBT's, nesse momento mais especificamente vamos falar das mulheres e de seu ganho de visibilidade.

No início de 2010, houve um pequeno boom de MC's mulheres, que conquistaram mais do que nunca fãs e repercussão na crítica. Nomes como Flora Matos, Lurdez da Luz, Karol Conká e Dryca Rizzo trazem projetos muito autorais, cada um com seu coquetel de influências. (...) o salto qualitativo que suas produções deram, assumindo tanto batidas pesadas e rimas agressivas quanto vocais sensuais e letras com novas temáticas e sensibilidades, sinaliza que começa haver uma mudança no panorama geral de um estilo musical marcado por fortes clivagens de gênero. (TEPERMAN, 2015 pág.106)

Karol Conká nasceu em Curitiba em 1987. Deu início a sua carreira no ano de 2004 fazendo parte de um grupo da sua cidade e fazendo pequenos show. Aos 19 anos se descobre grávida o que a faz dar uma parada na carreira por alguns anos. Em suas entrevistas sempre conta como foi difícil em determinados momentos por ser mulher, negra e mãe solteira conciliar sua carreira e ter que enfrentar de frente esses preconceitos. Superado esses problemas ela lançou algumas música na internet acompanhadas de clipes e lançou seu primeiro EP intitulado “promo” no ano de 2011. Dois anos depois ela lançou seu segundo disco que recebe o título de “Batuk freak”, onde traz em diversas das suas letras a questão racial e também a luta pelo reconhecimento de direitos iguais para as mulheres. A música escolhida para ser trabalhada se encontra nesse álbum e recebe o nome de “bate poeira”.

É a sexta faixa do disco e tem uma sonoridade bem peculiar ao apresentar batidas mais densas. Das quatro fontes trabalhadas até o momento essa talvez seja a que apresente uma sonoridade mais direta e facilmente relacionável aos sons africanos. Logo no início escutamos o som de uma cuíca, que marca o ritmo da música, seguido por batidas que fazem referência aos tambores africanos, seguindo com alguns sons eletrônicos que combinados dão um clima denso a música. O conjunto de sons faz referência direta ao título do disco. Realmente é uma batida difícil de definir, mas que dá todo um peso diferenciado para a música. A música na sua segunda estrofe apresenta a seguinte mensagem:

Negro, branco, rico, pobre  
O sangue é da mesma cor  
Somos todos iguais  
Sentimos calor, alegria e dor  
Krishna, Buda, Jesus, Alá  
Speed Black profetizou  
Nosso Deus é um só  
Vários nomes pro mesmo criador  
Pouco me importa sua etnia  
Religião, crença, filosofia  
Absorvendo sabedoria  
Desenvolvendo meu dia-a-dia

Os alunos nesse momento da oficina já se sentiam mais à vontade para se expressar, sem medo de serem questionados pelo que falavam. As meninas principalmente se sentiam muito mais à vontade para expor sua opinião, já que algumas escutavam as músicas da artista escolhida. As primeiras falas foram que a música falava da “vergonha da beleza natural”, que estava presente a “questão da religião” e também falaram de “miscigenação social e racial, várias cores”.

Se a sonoridade da música evoca os laços ancestrais dos tambores africanos e traz referência ao samba brasileiro com o som da cuíca, o que é cantado busca passar uma mensagem de respeito, que não importa sua crença e religião, que devemos nos respeitar. De forma direta a artista prega a questão da alteridade, de nós nos colocarmos em uma posição de entender o outro antes de julgar, mostrando que temos muito mais semelhanças do que diferenças.

A música continua evocando essa questão da humanidade, fazendo referência aos diferentes continentes do planeta e de forma inteligente conecta essa mensagem para a realidade brasileira tocando numa forma de racismo mais sutil, mas que apresenta os mesmos efeitos.

O preconceito velado  
Tem o mesmo efeito, mesmo estrago  
Raciocínio afetado  
Falar uma coisa e ficar do outro lado  
Se o tempo é rei vamos esperar a lei  
Tudo que já passei nunca me intimidei  
Já sofri, já ganhei, aprendi, ensinei  
Tentaram me sufocar mas eu respirei  
Há tanta gente infeliz  
Com vergonha da beleza natural  
É só mais um aprendiz  
Que se esconde atrás de uma vida virtual  
Gorda, preta, loira o que tiver que ser  
Magra, santa, doida somos a força e o poder  
Basta, chega, bora, levanta a cabeça e vê  
Vem cá, viva, sinta, o que quiser você pode ser

Essa foi uma das partes em que muitos se manifestaram, falando que um gesto muitas vezes ofende mais do que uma palavra e nossa sociedade está cheia desses gestos. O discurso do país das diferenças e da miscigenação só é aceito quando você é adepto do cristianismo e dos padrões aceitos da sociedade. Uma das alunas se manifestou “dizendo que às vezes tem medo de dizer que sua família é da Umbanda, por temer a reação dos outros”. Essa preocupação com o que outro vai pensar é uma das mensagens que música passa como sendo um fator de retrocesso.

Os alunos ainda falaram das seguintes impressões “tempo rei, esperar a lei, a questão da história”, a importância da “liberdade de se expressar, ‘respirar’”, que apesar dos “estereótipos físicos, de cor, somos todos iguais. Ir para além da aparência”. A questão de associarem o tempo à História, e que ele seria a lei que cobraria certas cobranças me fez acreditar que nesse ponto da oficina, eles começavam a encarar a História como algo importante para a promoção de mudança em nossa contemporaneidade.

Na busca de apresentar elementos identitários para os alunos acho que a mensagem mais forte veio na estrofe final da música analisada, “Seja o que tiver que ser, seja o que quiser ser”. Com esse trecho nós acabamos a análise da penúltima fonte e partimos para a última música apresentada na oficina que foi o momento de conversas onde foram abordados muitos temas referentes à questão racial.

A última música é de um dos artistas que mais ganhou visibilidade nos últimos anos no cenário nacional do hip-hop, não apenas pelo seu som, mas por sua inovação no quesito de organização e produção musical no meio. Estamos falando de Emicida, também conhecido como Leandro Roque de Oliveira. Sua carreira tem início no ano de 2005 quando ele gravou sua primeira música chamada de “Triunfo” e por ganhar notoriedade nas batalhas de *freestyle*. No ano de 2009 gravou seu primeiro disco “Pra quem já Mordeu um Cachorro por Comida, até que eu Cheguei Longe...”<sup>28</sup> de forma independente, e vende cerca de treze mil cópias de maneira informal no boca a boca. Esse feito rende uma indicação para o prêmio VMB (vídeo musica Brasil)-2009, prêmio organizado pela MTV para escolher os artistas revelação daquele ano. Emicida não ganhou o prêmio, mas ganhou visibilidade.

O artista gravou um total de sete discos sendo três EP’s, duas mixtape<sup>29</sup> e dois álbuns de estúdio. A música escolhida para encerrar a oficina está presente no seu último disco “sobre crianças, quadris e lições de casa” e é a décima faixa do disco, a música “Boa Esperança”. Esse disco é repleto de referências à cultura africana, tanto na sua sonoridade, como nas suas letras e na arte da capa do disco. Emicida produziu esse disco após viajar por diversos países do continente africano. Essas referências são perceptíveis em seus *beats* e a mensagem que ele tenta passar é clara de uma valorização e aproximação da cultura africana.

A música escolhida trabalha em diversos trechos e em sua sonoridade muito dessas referências. Logo em sua introdução ela traz um *back vocal* que faz referência aos cantos

---

<sup>28</sup> EMICIDA. **Boa Esperança**. São Paulo: Laboratório Fantasma, 2009. Disponível em: <<https://www.deezer.com/album/6490520>>. Acesso em 05 de abril de 2019.

<sup>29</sup> É geralmente uma compilação de canções do mesmo artista ou artistas diferentes ou de diferentes álbuns. As canções da mixtape podem encontrar-se de forma sequencial ou agrupadas por características comuns como ano de publicação, gênero e outros aspectos mais subjetivos. Hoje mixtapes pode ser lançadas em qualquer formato, incluindo vídeo, mas no geral consistem em músicas que já foram publicadas.

africanos, acompanhado por batidas de tambores bem marcantes. Ao mesmo tempo traz em sua letra referência aos orixás e a símbolos sobre a condição com a qual os escravos eram tratados e com a situação atual do negro, problematizando o papel da polícia e da periferia brasileira como podemos ver no seguinte trecho.

Por mais que você corra, irmão  
Pra sua guerra vão nem se lixar  
Esse é o xis da questão  
Já viu eles chorar pela cor do orixá?  
E os camburão o que são?  
Negreiros a retrafficar  
Favela ainda é senzala, Jão!  
Bomba relógio prestes a estourar

Esse primeiro trecho que aparece na música como uma mensagem sem ser cantada, mas sendo falada em cima das batidas já causa um impacto para o receptor da mensagem e os alunos se sentiram muito impactados, tanto que no início da análise surgiram várias referências a essa parte da música. Uma das alunas disse o seguinte “ ‘Os camburões são negreiros a retrafficar’ são negros brigando com negros. Polícia negra prendendo o povo preto”. Nesse momento em minha percepção eles começaram a perceber que ambos estão do mesmo lado, mas acabam não percebendo que tem mais semelhanças que diferenças. Começo a identificar uma problematização por parte dos alunos, que trata a questão de uma maneira mais crítica, do que o simples certo e errado.

Prosseguindo com a análise outro aluno destacou esse seguinte trecho, dessa vez fazendo referência direta com a história “ ‘Favela ainda é senzala jão’ A história se repete, a sociedade continua a mesma”. No seu protagonismo ele começou a perceber a questão do processo histórico, como as mudanças são lentas; começou a dominar a categoria tempo e sua concepção cíclica e não mais linear, como em muitos momentos foi passado para ele em sua estadia no ensino básico. À sua maneira, os alunos demonstravam que, a partir daquelas fontes trabalhadas na oficina, começavam a ressignificar sua relação com a História e consequentemente como tempo.

A segunda estrofe da música continua com o mesmo estilo de mensagem ácida que presenciamos na primeira estrofe. Como podemos ver no trecho a seguir.

O tempero do mar foi lágrima de preto  
Papo reto como esqueletos de outro dialeto  
Só desafeto, vida de inseto, imundo  
Indenização? Fama de vagabundo  
Nação sem teto, Angola, Keto, Congo, Soweto  
A cor de Eto'o, maioria nos gueto  
Monstro sequestro, capta-tês, rapta  
Violência se adapta, um dia ela volta pu cêis  
Tipo campos de concentração, prantos em vão  
Quis vida digna, estigma, indignação

O trabalho liberta (ou não)  
Com essa frase quase que os nazi, varre os judeu – extinção  
Sério és, tema da faculdade em que não pode por os pés

Dessa vez as referências dos alunos foram para além da História, e passaram pelo universo da cultura pop atual. Uma das alunas ao falar sobre esse trecho da música lembrou que essa frase em específico “‘tempero do mar, foi lágrima de preto’, lembrava uma fala do vilão do filme Pantera Negra”. A aluna ao se referir a essa lembrança demonstra que o conhecimento presente em história está constantemente em relação com a produção cultural da sociedade. Seja numa música do estilo hip-hop, que é lembrado como música de protesto, ou em um filme blockbuster. É uma maneira de começar a encarar o que tanto tentamos passar em sala de aula: que a História faz parte da vida.

Os alunos ainda comentaram que esse trecho faz referência a “xingamentos que utilizam com os negros”, chamando atenção para o fato de que “violência volta, se adapta, volta para o explorador”, de que o “trabalho é difícil e está ligado a liberdade”, concluindo esse trecho problematizando o espaço da “universidade que fala a história, mas eles não podem fazer parte”. Nesse momento, diversos assuntos ligados à temática vieram à tona. Foi discutida a questão das cotas raciais, que mesmo depois de sua implementação passam por questionamentos constantes. Da necessidade do trabalho, que para muitos é um fator de liberdade, mas que muitas vezes a liberdade financeira que se faz tão necessária acaba por limitar as oportunidades de estudo.

Essas questões aparecem na discussão, pois estão presentes no seu cotidiano. Uma aluna relatou nesse momento que sua mãe estava desempregada, e que por isso em muitos momentos ela pensava em começar a trabalhar, e isso estava diretamente relacionado à sua presença na escola, pois a escola funciona em tempo integral. Outra aluna falou que a questão da violência tinha chamado muito a atenção dela não só nessa música, como nas outras que falavam desse tema, pois ela tinha um irmão que estava preso por se envolver com o tráfico.

Nesse momento diversas questões relacionadas à educação aparecem no espaço escolar e muitas vezes não estando diretamente ligadas à questão racial. É dentro desse universo heterogêneo que tentamos desenvolver um ensino de história significativo e que busca insemear sementes que venham promover a mudança social que tanto almejamos em nosso fazer historiográfico. O espaço da oficina acabou se tornando, nas palavras dos alunos, um local onde eles se sentiam à vontade para expor seus pensamentos, que esses encontros semanais eram o momento em que eles se sentiam identificados com a escola, que em muitos momentos parecia um ambiente estranho a eles, pois não se identificavam com algumas práticas.

Para terminar a análise da última música os alunos ainda apresentaram que muitas vezes a sociedade só lembra do negro quando vai fazer referência à questão da sexualidade com o “ estereótipo que todo negro é bom de cama”. Nesse momento foram citados diversos tipos de brincadeiras e memes que tratam desse assunto e acabam por cristalizar essa imagem na sociedade brasileira. Fazendo referência a esse trecho da música.

Aê, nessa equação, chata, polícia mata – Plow!  
Médico salva? Não!  
Por quê? Cor de ladrão  
Desacato, invenção, maldosa intenção  
Cabulosa inversão, jornal distorção  
Meu sangue na mão dos radical cristão  
Transcendental questão, não choca opinião  
Silêncio e cara no chão, conhece?  
Perseguição se esquece? Tanta agressão enlouquece  
Vence o Datena com luto e audiência  
Cura, baixa escolaridade com auto de resistência  
Pois na era Cyber, cêis vai ler  
Os livro que roubou nosso passado igual alzheimer, e vai ver  
Que eu faço igual burkina faso  
Nóiz quer ser dono do circo  
Cansamos da vida de palhaço  
É tipo Moisés e os Hebreus, pés no breu  
Onde o inimigo é quem decide quando ofendeu  
(Cê é loco meu!)  
No veneno igual água e sódio (vai, vai, vai)  
Vai vendo sem custódio  
Aguarde cenas no próximo episódio  
Cês diz que nosso pau é grande  
Espera até ver nosso ódio

O trecho acima ainda trata de assuntos referentes à sociedade moderna como espetacularização da violência, falando sobre o silenciamento histórico sofrido pelos negros nos livros. Os alunos chamaram atenção para os trechos que falam que o inimigo é quem decide quando ofendeu, trazendo para a discussão o discurso de que muitas vezes as pessoas não se reconhecem como preconceituosas, mas acabam apresentando práticas baseadas no preconceito.

Uma aluna apresentou uma reflexão a respeito da letra quando fala sobre o ódio, como sendo um combustível para a luta contra o preconceito, “acho que para lutar, não precisamos de violência”, fazendo referência à questão do ódio presente na última estrofe. Esse foi um posicionamento muito interessante, pois enquanto todo o resto do grupo concordou com toda a mensagem da música, ela mostrou que mesmo se tratando do mesmo assunto podemos ter interpretações e formas diferentes de encarar o problema. Assim como na história um determinado tema pode apresentar uma infinidade de abordagens diferentes enquanto sua narrativa histórica.

Chegado o fim da análise da última fonte foi aberto um momento para eles falarem suas impressões sobre a oficina. Nesse momento muitos falaram sobre após a oficina perceberem a questão de que a maioria das famílias era composta por pessoas de raças diferentes, geralmente um é branco e outro negro. Lembrando que o conceito de raça aqui utilizado se baseia nas questões sociais e não biológicas. Muitos alunos disseram que suas próprias famílias eram compostas dessa forma, e que isso gerava alguns desconfortos, como perguntas como: “Essa é sua mãe?”, “Mas você não parece com ela”, entre outras questões.

Nesse momento pude perceber mais uma relação com o livro do Fanon citado anteriormente e também com o trabalho da Lia Schuman(2017) sobre família inter-raciais. Fanon discute em uma parte do seu trabalho como o negro tenta se inserir no mundo do branco, através dos relacionamentos. Já Schuman analisa como é o funcionamento dessas famílias em relação à questão racial, que muitas vezes podem ter em suas dinâmicas internas comportamentos que perpetuem uma negação a respeito da identidade racial do outro.

O que me levou a refletir junto aos alunos, o porquê de esse ser um modelo comum, perguntando a eles qual era o padrão de beleza legitimado em nossa sociedade. A grande maioria das respostas fizeram referência ao padrão de beleza do mundo branco. Não me aprofundei muito, pois essa seria uma discussão que levaria à outra oficina a respeito do assunto, mas tentei sugerir uma reflexão junto aos alunos a respeito do tema.

Passado esse momento de discussão e posicionamentos, expliquei que haveria um outro momento onde eles iriam responder a um questionário a respeito de alguns temas que foram abordados na oficina. As respostas desse questionário serão analisadas no próximo tópico.



### **CAPÍTULO III - Aplicação do questionário e coleta de dados.**

Chegado ao final da oficina resolvemos aplicar um questionário na tentativa de coletar algumas informações e tentar mensurar até que ponto houve mudança ou não da percepção dos alunos a respeito da questão racial na História do Brasil. As perguntas foram pensadas na tentativa de obter informações, como idade, gênero e se os alunos gostavam ou não de determinado estilo de música. Construir compreensão com perguntas de como descreveria a participação do negro na História do Brasil, a partir de uma determinada imagem e encorajar a reflexão com perguntas como se essa é a única versão da história e a quem essa versão interessa.

A imagem utilizada para o questionário foi do artista alemão Johann Moritz Rugendas, que esteve no início do século XIX em uma missão científica e acabou reproduzindo em suas pinturas informações sobre botânica e também sobre o cotidiano no país. Muitas de suas pinturas são encontradas em livros didáticos nos capítulos referentes ao Brasil Colônia. A pintura escolhida retratava o interior de um navio negreiro, com escravos sendo transportados para as colônias.

O questionário foi feito através dos formulários do *google*, pois essa ferramenta nos auxiliou na elaboração de gráficos e tabulações de dados. É construído um endereço eletrônico onde os alunos acessam on-line e respondem as perguntas que você pode classificar com respostas de múltipla escolha ou respostas longas. No nosso caso, defini previamente que as respostas referentes às questões históricas fossem longas e que para obtenção de dados como idade, fossem de múltipla escolha.

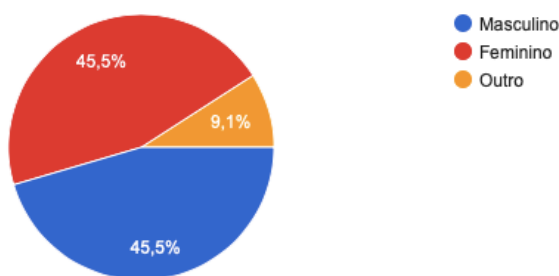
As informações coletadas chegaram ao autor do formulário por e-mail. Como se tratavam de alunos da escola pública de realidades bem diversas e alguns não possuíam computadores ou não possuísem acesso à internet em casa, reservei o laboratório de informática da escola para que no dia da aplicação todos pudessem responder ao questionário sem interrupções. Foram destinadas duas horas-aulas para a aplicação. O questionário foi aplicado em uma outra turma que não participou da oficina para que fosse realizado uma análise comparativa das respostas dos dois grupos, um que participou da oficina e outro que não.

A respeito das perguntas para obtenção de informações as respostas obtidas foram as seguintes. Na primeira pergunta referente à qual gênero os alunos se identificavam, as respostas foram as seguintes: quarenta e cinco por cento se identificaram com o gênero masculino, o mesmo valor se identificaram com o gênero feminino e nove por cento com outro gênero que não o masculino e o feminino. Em números foram seis alunos do gênero

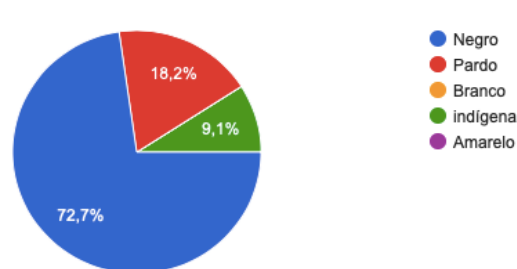
masculino, seis alunas do gênero feminino e um aluno que não se identificava com nem um dos dois.

Em relação à pergunta sobre com qual cor ou etnia os alunos se identificavam as respostas foram: setenta e dois por cento se identificavam como negros, dezoito por cento como pardos e nove por cento como indígenas. Não houve nenhuma identificação com a cor ou etnia branca ou amarela. Em números foram nove alunos que se identificaram como negros, três como pardos e dois como indígenas.

*Gráfico da identificação de gênero*

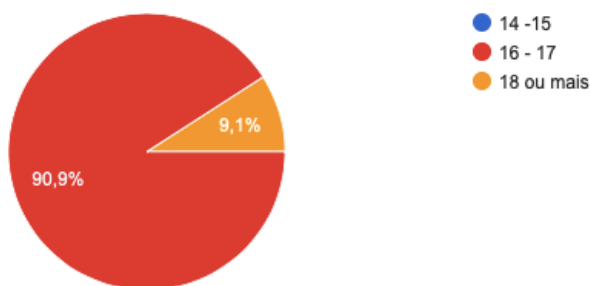


*Identificação de cor/etnia*

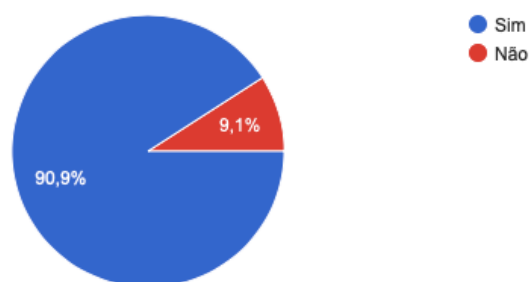


A faixa etária dos alunos que participaram da oficina em sua grande maioria foram alunos que se localizavam entre os dezesseis e dezessete anos, com apenas dois alunos se encontrando fora dessa faixa etária. O que nos mostra que a grande maioria dos alunos que participaram da oficina estavam cursando o segundo ano do ensino médio na idade regular que seria entre quinze e dezesseis anos. Em porcentagem foram noventa por cento dos alunos entre a idade de dezesseis e dezessete anos e nove por cento com idade de dezoito anos ou mais.

No questionário a pergunta referente de quem escutava o gênero hip-hop nos mostrou uma porcentagem diferente em relação às respostas obtidas verbalmente no primeiro dia da oficina, o que nos leva a acreditar que alguns alunos passaram a escutar o gênero durante o processo de análise das letras realizado na oficina. A porcentagem foi a seguinte noventa por cento responderam que escutavam o gênero musical e nove por cento responderam que não escutavam o gênero. A seguir seguem os gráficos das respostas.



*Qual sua faixa etária?*



*Você escuta o gênero musical hip-hop?*

A última pergunta para obtenção de informações foi a se eles consideravam o Brasil um país racista. As respostas referentes a essa pergunta foram unânimes: todos os alunos que participaram da oficina concordavam que o Brasil era um país racista. Após essa pergunta a próxima do questionário era, “se sua resposta anterior foi positiva, quais mudanças poderiam ser feitas para mudar essa realidade?”. Houve respostas mais longas, outras mais breves, mas todas tocavam na importância do respeito para com o outro. Isso demonstrou que a ideia de alteridade que buscamos no início do projeto através das discussões sobre teoria da história e ensino, acabou sendo desenvolvida nos alunos durante o processo da oficina. A resposta mais curta que tivemos foi a seguinte: “respeito pelo próximo, procurar conhecer a pessoa”. A grafia está tal qual estava presente no questionário, mesmo em poucas palavras esse aluno(a) demonstrou que antes de julgar devíamos tentar conhecer o outro, sem valores construídos previamente, que são a base para a construção do preconceito.

Outra resposta foi que “as pessoas devem mudar seus conceitos, pelo fato de a maioria temer o negro, achar isso ruim, devemos ter respeito pelo próximo, tratar todos da mesma forma de igual para igual.” Essa resposta já mostra em alguns aspectos a presença de uma das temáticas trabalhadas na oficina na música da rapper Karol Conká, onde falamos sobre a questão do preconceito velado, quando ele apresenta com suas palavras de “temer o negro”, colocando em evidência a importância de uma mudança de conceito, questionando alguns valores presentes na sociedade ainda na contemporaneidade. Reforçando que todos deveriam ser tratados “de igual para igual” há uma valorização do outro, e uma reflexão em relação à situação que o outro passa.

Uma das respostas mais interessantes desse item foi a resposta a seguir, pois o aluno(a) tratou de assuntos já citados em outras respostas, mas de uma forma mais direta, afirmando na sua forma de escrita que um dos fatores para o Brasil ser um país racista está na forma em que as pessoas julgam o outro pelo simples fenótipo da pele. O estudante ainda sugere que seja revista a concepção de cor e raça.

As pessoas deveriam mudar mais seus conceitos diante de cor e raça, e julgar menos pela a cor, por que as pessoas sempre diz que ser "negro" é ladrão, é isso, é aquilo, eles nunca reparam na personalidade ou no caráter, e sim a cor, e isso deveria ser o fato principal de mudança, por que se eles reparassem mais na personalidade, no caráter, no jeito de ser das pessoas, a questão de julgar só pela a cor, iria ser mudada.

A próxima resposta leva em consideração que um dos fatores importantes para combater o racismo seria repensar em determinados pontos como o conhecimento a respeito dos negros estão presentes na escola, falando da importância que o intercâmbio cultural com práticas africanas possuíam na formação da cultura brasileira, como foi discutido na oficina, quando falamos sobre o samba, que estava presente na referência da letra do Rincon Sapiência e nos *beats* de algumas músicas, sugerindo a importância das mídias na difusão desse conhecimento, para que chegassem ao maior número de pessoas possíveis, para que através do conhecimento essa realidade fosse transformada.

Poderia começar, em falar mais nas escolas sobre as culturas dos povos africanos e mostrar que essa cultura foi de grande importância para a construção dessa nação. Também utilizar das mídias para difundir a história dos negros e assim fazer com que as pessoas mudem sua concepção sobre eles.

Um dos alunos (as) sugeriu que essas questões não deviam ser discutidas apenas na escola pública, mas que também estivessem presentes na escola particular. Em sua percepção ela demonstra que um dos problemas para se acabar com o racismo seria a questão da representatividade, não somente nos meios de comunicação, mas também no mundo do trabalho, fazendo uma referência direta a que os negros geralmente ocupam posições de trabalho que não são tão bem remuneradas. Apresentando assim que o problema do racismo está para além de representatividade.

Incluindo a história dos negros desde o início e todas as origens na escola. Fazendo oficinas, promover rodas de conversas e debates sobre tais assuntos. Trabalhar não só em escolas públicas mas também (principalmente) nas particulares, que é onde essa massa menos se encontra. O assunto deveria ter maior repercussão possível, de pessoas que sofrem racismo pelas diversas formas possíveis. Introduzindo mais negros e mulheres na política, nas escolas, faculdades, televisão, trabalhos com salário justo.

Ao chegar a essa resposta, me perguntei se esse estudante vivenciou alguma situação de racismo envolvendo alunos de escola particular alcançando assim uma percepção desse espaço que poderia ir mais além da conclusão apenas visual, pois numericamente se percebe a ausência de negros em escolas particulares. Me chamou também a atenção o fato dele falar que isso deveria ser feito através de oficinas, o que mostra que em algum ponto a oficina teve um significado para ele enquanto aluno.

Para concluir o bloco de respostas dessa pergunta, apresento a resposta de um dos estudantes que participaram na oficina, que se apresenta não apenas como resposta, mas como uma forma de protesto, pois nos relata a aflição presente nessas palavras, afirmando que uma das piores consequências desse comportamento preconceituoso seria a morte. Essa situação, que se manifesta de forma muito pior para a mulher negra, está enraizado em nossa sociedade e a oficina nos apresentou os diversos níveis em que se faz presente em nosso cotidiano, desde a alimentação até as práticas religiosas que acabam sendo desrespeitadas.

Primeiro o reconhecimento disso, pois uns dos maiores problemas é o racismo mascarado, tem aumentado cada vez mais, pessoa que se afirmam não racista, que praticam esse racismo todos os dias. logo após desse reconhecimento devemos procurar a conscientização do que é racismo e define esses tipo de racismo mascarado. depois dessa conscientização já podemos passar pra um processo além, como, igualdade de oportunidade em universidades, o reconhecimento da mulher negra e não só o reconhecimento mais principalmente, o respeito, que era algo que já era pra ser enraizado. porém o racismo não existe só na fala ou na falta de oportunidade, mas, também, em religiões de origem negra, músicas, roupas, costumes e até comida. o racismos mata!

Podemos identificar a partir da análise das respostas que os alunos apresentaram diferentes tipos de ações para a solução do problema, e que muitas das soluções apresentadas haviam de forma direta ou indireta sido discutidas na oficina. Algumas foram mais aprofundadas por eles, como a que propunha uma reformulação da educação. Como foi discutido anteriormente, muitas vezes ocorre a criação de leis, mas que mesmo assim elas não chegam ao chão da escola por diversos motivos, desde desconhecimento até por existir uma estrutura curricular que não permite que os temas sejam trabalhados livremente. Um exemplo disso são os livros didáticos que trabalham os temas de História da África e da cultura afro-brasileira apenas em boxes, ou textos complementares, como se fossem assuntos periféricos e não fizessem parte do capítulo central onde se encontram.

A próxima pergunta a ser analisada foi a referente à da imagem<sup>30</sup> dos negros africanos sendo transportados em um navio negreiro. “Como você descreveria a participação dos negros na História do Brasil a partir dessa imagem?” Obtivemos respostas mais complexas e algumas que apenas transcreviam o que era visto na imagem. Analisaremos a seguir algumas dessas respostas.

---

<sup>30</sup> A imagem referida no corpo do texto encontra-se no apêndice localizado no final desse trabalho. Se refere a pintura do artista alemão Johann Moritz Rugendas, que recebe o título "*Negres a fond de calle*" ("Navio negreiro") pintado no ano de 1830. A imagem foi retirada no seguinte endereço: [https://www.google.com.br/url?sa=i&rct=j&q=&esrc=s&source=images&cd=&ved=2ahUKewinqPyCndXhAhXBirkGHQUVCHMQjRx6BAGBEAU&url=https%3A%2F%2Fpt.wikipedia.org%2Fwiki%2FFileiro%3ANavio\\_Negreiro\\_by\\_Johann\\_Moritz\\_Rugendas\\_\(1830\).jpg&psig=AOvVaw19cPdIbB5kcZAl-jA0MBTu&ust=1555525177019251](https://www.google.com.br/url?sa=i&rct=j&q=&esrc=s&source=images&cd=&ved=2ahUKewinqPyCndXhAhXBirkGHQUVCHMQjRx6BAGBEAU&url=https%3A%2F%2Fpt.wikipedia.org%2Fwiki%2FFileiro%3ANavio_Negreiro_by_Johann_Moritz_Rugendas_(1830).jpg&psig=AOvVaw19cPdIbB5kcZAl-jA0MBTu&ust=1555525177019251) acessado no dia 05 de abril de 2019.

Uma das primeiras respostas que analisei referente a essa questão trazia a versão clássica de que os negros foram muito importantes para o desenvolvimento da economia colonial, fazendo referência à necessidade da sua mão-de-obra. Essa é uma narrativa que está presente em grande parte dos livros didáticos, mas agora, para além dessa análise econômica, a resposta apresentava um novo fator, pois não tratava mais apenas da economia, mas da importância de sua contribuição cultural para a formação Brasil, me fazendo acreditar que de alguma forma a estrutura de conhecimento histórico a respeito da participação do negro africano na História do Brasil havia se modificado, apresentando uma nova perspectiva, a cultural.

A partir dessa imagem, eu posso concluir que a participação do negro foi de muita importância pois com a vinda deles, a economia da colônia na época teve um aumento por conta do trabalho escravo, e também o ganho do país foi na parte cultural trazida por eles.

A resposta seguinte construiu uma relação direta com a oficina, chegando a fazer referência à primeira música trabalhada em sala de aula. Apresentando a perspectiva de que o negro não possui o devido reconhecimento histórico, ressaltava a sua importância na cultura não apenas nacional, mas mundial, e que muitas vezes só são lembrados pelo trabalho escravo e pela utilização de sua força de trabalho, que na resposta a aluna apresenta como “força bruta”. À sua maneira, a aluna tentou nos apresentar outra forma de analisar a história e a participação do negro africano no Brasil, para além da perspectiva do trabalho escravo.

Nessa imagem retrata o alojamento dos negros nos navios negreiros, no qual eles limpavam e conduzia as máquinas manuais. Os negros tem grande influência, tanto cultural quando em mão de obra, pois a cultura negra é muito rica em todos os pontos de vista. Racionais em diversas música retrata essa importância, mas em um, em especial, na qual ele diz "Então olha o castelo e não, Foi você quem fez cuzão," quando Mano Brown faz essa citação, ele quer trazer a tona essa questão na importância do negro em todos as culturas, infelizmente mesmo que o negro tenha/tem desempenhado um papel muito importante em nossa história, ele infelizmente só são protagonistas no fato de ser oprimido e como escravo, claro que isso não é generalizando, mas quando Mano Brown faz aquela citação acima, ele tá querendo falar exatamente só isso, a força bruta.

Continuando as análises das respostas, a que apresentou a questão de maneira complexa discutindo não somente a imagem, mas diversas questões que perpassam a escravidão no Brasil, foi a resposta que se segue:

Foram a grande massa escravizada. Um grande tráfico de pessoas. Pode-se dizer que um grande genocídio. Um massacre. As pessoas que foram tratadas como bichos. Mas sua cultura ajudou a construir a cultura brasileira, como nas comidas, práticas como capoeira e as religiões. O que me leva a falar também sobre a miscigenação, que NÃO FOI PACÍFICA! As escravas eram estupradas por seu senhores. Hoje somos essa mistura. Essa miscigenação.

O estudante propõe encararmos o processo de tráfico negreiro como um genocídio de um povo; fala ainda da condição sub-humana como foram tratadas essas pessoas, construindo uma narrativa de que esse processo não foi pacífico, mas que mesmo com essa categorização do negro como sendo um ser inferior houve trocas culturais em diversos âmbitos da sociedade, como na forma de se alimentarem, nas práticas religiosas, algo que pode ser percebido através do sincretismo religioso e também nas questões artísticas e marciais como a capoeira. Percebemos ainda que essa resposta propôs uma versão menos romantizada da questão da miscigenação tanto falada para justificar que nosso país não é racista: afirmando em letras maiúsculas que essa miscigenação não foi pacífica, que somos frutos de um processo de miscigenação que tratavam os negros como inferiores, fazendo menção direta às práticas de estupro. Pude perceber com essa resposta que a autonomia em termos de conhecimento histórico começava a se desenvolver nos alunos, pois a resposta apresentava questões não trabalhadas na oficina, um processo de se tornarem sujeitos históricos de sua própria jornada. Muito me emociona ver adolescentes da escola pública com um pensamento tão crítico em relação a questões raciais presentes em nosso cotidiano.

A última resposta analisada em relação a essa questão foi uma resposta mais descritiva, mas que mesmo sendo muito descritiva, mostra um posicionamento crítico por parte do aluno quando ele nos apresenta que “segundo essa imagem e alguns livros de história”, apresentam que o negro africano só serviu para ser escravo. Isso nos dá a entender que existe outra versão, que não são todos os livros que fazem essa abordagem. Como podemos ver a seguir:

Segundo essa imagem e alguns livros de histórias, os negros só serviram para ser escravos, para fazer trabalhos braçais, que eram pessoas sem inteligência. A primeira coisa que penso quando olho essa imagem é que eles eram pessoas que só sofriam, que passavam fome, e que não eram capazes de fazer outras coisas a não ser as coisas que seus patrões mandavam.

Após esse início reflexivo o aluno apenas descreve que tipo de sentimentos aquela imagem representa para ele, mostrando que aquele tipo de imagem reduzia o papel do negro a simples criados que não tinham vontade e acabavam fazendo apenas o que os seus donos mandavam.

Ao convidar os alunos a analisarem essa imagem não quis negar parte dessa história, mas convidei-os para a reflexão de que essa não é a única história possível, nem que a contribuição dos negros africanos em nossa sociedade se resumira a seu papel como mão-de-obra, mas que eles tiveram parte ativa no processo de formação da sociedade brasileira,

mesmo que em grande parte do tempo participando de uma maneira desigual no processo de formação da sociedade brasileira.

A última pergunta do questionário vem com a intenção de tentar identificar que outra interpretação histórica eles visualizam para além desse legado do trabalho escravo. Alguns acabaram mostrando essa possibilidade de perspectiva já na análise da imagem, mas possuíram mais uma oportunidade na questão seguinte: “Essa é a única interpretação da história? A quem essa versão interessa? Quais mudanças poderiam ser feitas?” Onde além de perguntar qual seria a outra possibilidade interpretativa: ousei perguntar a quem aquela versão histórica se mostrava interessante.

Como apresentado nas respostas anteriores, houve uma heterogeneidade nas narrativas das respostas, algumas com reflexões mais profundas e outras com uma construção de reflexão mais simples como poderemos presenciar a seguir. A primeira resposta que vamos apresentar é uma resposta que constrói uma análise dualista, onde existiria a história dos negros e brancos.

Creio eu que não, essa versão pertencem aos brancos escritas pelos branco, deviam ter as mudanças de ter as duas versão da história, dos negros que venceram na vida que fizeram alguma contribuição para a história.

Mesmo construindo sua resposta na ideia de dualidade, ele demonstra ter o conhecimento de que os negros não apenas sofreram, mas exige que ganhem voz as narrativas de negros que mesmo com todas as adversidades conseguiram conquistar seu espaço dentro da sociedade, e essas conquistas deveriam ser mencionadas, outras narrativas historiográficas deveriam ganhar voz.

A resposta a seguir, para além da dualidade entre a escrita da História, sugere que seja apresentada a luta por direitos como sendo um assunto de interesse para toda a sociedade brasileira. Faz ainda uma crítica a respeito do material didático por ser um aluno do ensino médio e ter mais contato com a leitura através dos livros didáticos da escola, a respeito do número de páginas onde se encontra a história do negro no Brasil. O aluno mostra um exercício reflexivo que parte da escrita e leva em consideração o número de páginas que tratam do assunto no material didático.

Não, porque a história do negro no Brasil não foi somente a escravidão, mas sim a luta pelos seus direitos. Essa versão é de interesse a toda a sociedade brasileira. Aumentando o número de páginas nos livros de história que falem sobre o povo negro e não somente sobre a escravidão.



O fato de apontar problemas com o material didático é interessante, pois essa não foi a única resposta a tratar do assunto. A resposta a ser analisada a seguir sugere, para além da escrita da história, uma mudança na metodologia das aulas e apresenta a necessidade de valorização da História local. Como podemos observar em sua escrita.

Não. Essa interpretação interessa a quem é negro principalmente, que sofre racismo, mas deveria ser de todos. As mudanças deveriam começar dentro da escola. Não necessariamente dentro da sala de aula, mas também fora, em rodas de conversas, aulas de campo à lugares onde aconteceram escravidão. (por exemplo em Redenção aqui no Ceará). Expandir a história começando da escola, levando pra casa, pro ambiente de trabalho, pros amigos, pessoas que pensam diferente por falta de informação.

A resposta nos apresenta a necessidade do assunto extrapolar o espaço da sala de aula, sugerindo de maneira informal que o assunto seja discutido em outro formato que não a aula expositiva, sugerindo rodas de conversa e que fosse falado também do papel do estado do Ceará na questão da luta do povo negro.

Há um consenso na historiografia clássica do estado que no Ceará não existe negro, pois durante o período imperial teria sido a primeira província a libertá-los. Um dos autores que cita o Ceará como terra da luz é José do Patrocínio. Quando o aluno faz referência na resposta a aulas de campo, é que em Redenção, cidade próxima a capital, existe o *Museu do negro liberto*, onde é falado sobre o processo de libertação dos escravos e apresentando algumas questões a respeito da religião afro-brasileira, do serviço feito pelos escravos e determinados castigos.

Nos mostra que uma das formas de mudar essa realidade seria, ao final da sua resposta, disseminando o conhecimento em outros ambientes na tentativa de levar informação para quem desconhece. Mais uma vez as respostas mostram a necessidade de se repensar o espaço escolar e demonstram como os alunos começam a relacionar a história com seu cotidiano de diversas formas.

Através da construção e instrumentalização de conceitos que se relacionam com o conhecimento histórico aliado ao exercício de reflexão, começam a propor uma análise dos fatos mais complexas que tentem abordar o maior número de possibilidades possíveis. Como o exemplo da resposta a seguir:

Não, é aquele ditado né "o lado vencedor manipula a história como quiser". Os negros trazidos da África para cá, não eram escravos, eles tinham suas tribos, alguns eram importantes : reis, rainhas, princesas, príncipes etc. Porém vieram para cá e foram "transformados" em escravos. As mudanças que devem ser feitas, é realmente mostrar a história dos negros, antes de vir para cá, mostra como era sua cultura, cotidiano e etc. Nós brasileiros temos muito da África, e a maioria de nós não sabe, por conta da "censura" que tem. Voltando a repetir são temas que devem ser abordados não só nas escolas, mas em casa, com a família dentre outros . Deveriam ter várias leis as que já tem, devem ser reforçadas e deveriam haver mais leis a

respeito. O dia da consciência Negra por exemplo, devia ser usado para debatermos sobre isso, um dia especial .

Um fato interessante é que a lei que obriga o estudo de História africana e afro-brasileira data de 2003, tendo sido modificada em 2008. Passaram-se mais de dez anos e o problema não foi resolvido. A reflexão desse momento não parte de professores ou de estudiosos do assunto, mas está presente na resposta de um aluno do Ensino Médio que tem por volta dos seu dezesseis anos e que despertou para a importância do tema. Não pretendo aqui discutir a ineficácia ou a falta de aplicabilidade da lei. Estou apenas mostrando que a percepção está partindo de quem é formado por esse sistema educacional.

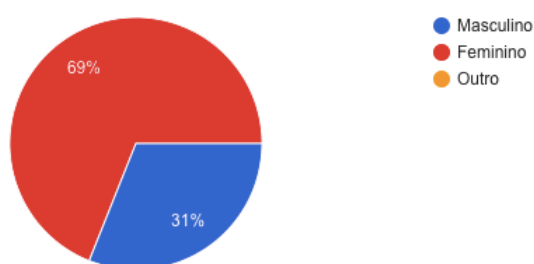
Para além dessa questão, o estudante demonstra um entendimento muito consciente a respeito do trabalho escravo, pois ele utiliza a categoria com muita delicadeza ao informar que eles não eram, mas se tornaram escravos. Demonstra respeito ao falar da importância de ser discutida a história de quem eram esses africanos antes de chegaram ao Brasil, demonstrando incômodo por essa parte da História não estar presente nos livros. Coroa sua interpretação ao problematizar a utilização do dia da consciência negra, não para comemorarmos, mas para ser utilizado de maneira crítica, debatendo problemas presentes em nosso cotidiano referente ao tema.

Depois de apresentado o resultado dos alunos que participaram da oficina, apliquei o mesmo questionário em uma turma do segundo ano da mesma escola que não havia participado da oficina para analisar se apresentavam alguma diferença das respostas dos alunos que participaram. Uma tentativa de mensurar até que ponto existiu diferença interpretativa do assunto antes e depois da realização da oficina.

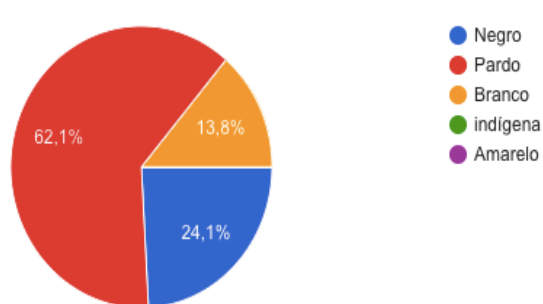
Os dados coletados da turma em que foi aplicado foram os seguintes. Um total de vinte e nove alunos responderam ao questionário. Fiz da mesma forma que com o grupo de alunos que haviam participado da outra oficina: reservei o laboratório de informática da escola durante as aulas de história e convidei os alunos a responderem o questionário. Alguns não quiseram responder, um total de cinco alunos.

Na identificação de gênero já percebemos uma grande diferença: enquanto na oficina havia o mesmo número de alunos do gênero masculino e feminino, na sala de aula aplicada a grande maioria era do gênero feminino. Os valores foram os seguintes: sessenta e nove por cento da turma se identificou como gênero feminino, um total de vinte alunas; e trinta e um por cento como gênero masculino, um total de nove alunos. Nenhum dos estudantes presentes nessa turma se identificou com outro gênero como podemos ver nos gráficos abaixo.

A resposta referente à identificação de cor/etnia também apresentou resultado bem diferente do aplicado aos alunos da oficina. Enquanto na oficina ninguém se identificou como branco, mesmo tendo pessoas com tal fenótipo, na turma já aparecem identificações com a cor. Não houve ninguém que se declarasse indígena e o número de pessoas que se declararam negras também foi menor em relação à porcentagem da oficina. A grande maioria dos estudantes se declararam como pardos, como podemos ver nos gráficos a seguir. Em números foram dezoito alunos que se identificaram como pardos, sete como negros e quatro como brancos.



*Gráfico da identificação de gênero*



*Gráfico da identificação de cor/etnia*

A identificação é pessoal e não cabe a mim julgar se é certa ou errada a forma como os alunos se identificam, já que esse é um processo individual. Mas, o fato dos estudantes que participaram da oficina se identificarem mais com a raça negra me leva a crer que no processo de desenvolvimento das discussões, de alguma forma eles começaram a se identificar com o que era apresentado e discutido. As falas de uma aluna e de um aluno em específico apresentaram um exercício de reflexão belíssimo ao final da oficina.

A aluna disse que no começo não se sentia muito à vontade de falar a respeito da questão racial por ter o fenótipo branco, mas que se identificava com a cultura; que em sua família existiam negros, então por isso ela também se considerava negra, pois tinha uma descendência familiar. Houve uma sensibilização para o combate de determinadas práticas e ao mesmo tempo uma percepção a respeito do local de fala.

O aluno que também apresentava o fenótipo branco também chegou ao final da oficina dizendo que não se identificava como tal, pois possuía além de familiares negros, a questão da família inter-raciais apresentado anteriormente, mas identificava traços da raça negra como o fato do seu cabelo ser crespo, a questão do nariz não ser tão afilado. Essa percepção partiu dele, talvez se me perguntassem não identificaria como tal.

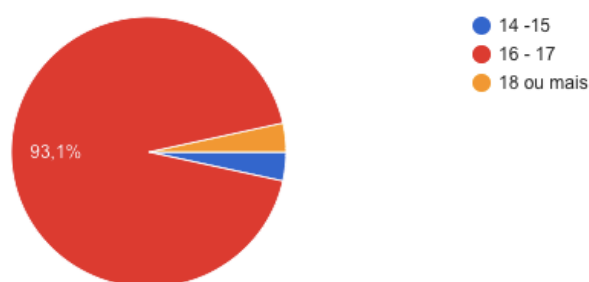
Essas questões mostram como o processo de identificação é pessoal e cada um percorre um caminho específico. O que consigo identificar é que o fato deles terem

conhecimento a respeito da cultura afro-brasileira através de um movimento social e cultural como o hip-hop os fez refletirem a respeito de sua identificação, apresentando algumas perspectivas de interpretação que talvez antes não estivessem presentes em suas análises pessoais.

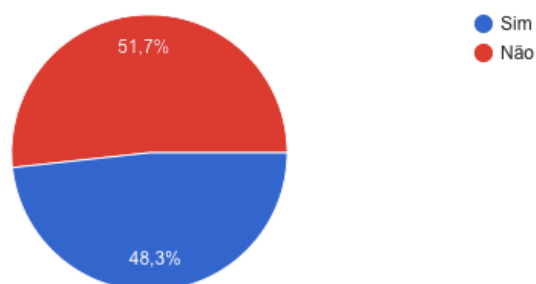
Os estudantes da turma que não participou da oficina talvez tenham se identificado em sua grande maioria como pardos, por ser a forma naturalizada por eles, pois é comum os alunos se identificarem como morenos sem fazer a reflexão do significado da palavra. A partir do momento em que essa questão de identificação é problematizada como fazendo parte de um processo histórico amplo e que refletimos sobre o papel do negro na história do Brasil sob uma nova perspectiva, acabamos propondo aos alunos a reflexão crítica em relação a seu papel na sociedade, e por conseguinte a repensarem como se identificam.

Em relação à faixa etária, os números foram bem parecidos com os dos alunos que frequentaram a oficina: a grande maioria estava na faixa dos dezesseis e dezessete anos de idade. Foram identificadas as seguintes porcentagens: noventa e três por cento se encontravam na faixa de dezesseis e dezessete anos, com um número de vinte e sete alunos; três por cento na faixa dos quatorze e quinze anos, correspondendo a um aluno; e os outros três por cento na faixa de dezoito anos ou mais, correspondendo também a um aluno.

Outro dado coletado que apresentou um resultado diferente da oficina foi a respeito de se os alunos escutavam o gênero musical hip-hop. Na oficina, a grande maioria marcou que escutava o gênero; na turma o resultado foi mais balanceado, pois quase metade dos alunos disse que escutavam, e um pouco mais da metade responderam que não escutavam o gênero. Em números, quinze alunos disseram que não escutavam o estilo musical, enquanto quatorze responderam que escutavam o gênero.



*Qual sua faixa etária?*



*Você escuta o gênero musical hip-hop?*

A última pergunta do questionário que era “Se eles consideravam o Brasil um país racista?”, também apresentou uma pequena diferença. Enquanto na oficina a resposta foi

unânime de que o racismo existia no país, na turma que não participou da oficina um estudante respondeu que não considerava o Brasil um país racista.

Nas perguntas que exigiam o uso da interpretação histórica e da narrativa histórica, as respostas dos alunos que não participaram da oficina foram bem menores; a grande maioria não passou de duas linhas. Num aspecto geral elas foram menos desenvolvidas em relação à dos alunos participantes da oficina. Além das respostas serem menores, a grande maioria tratou que a mudança deveria ser feita através da educação, mas não aprofundou ou propôs como mudar essa realidade.

A primeira pergunta apresentou respostas no seguinte estilo.

A Educação além da escola, vim dos pais também. desde pequeno.

Uma enorme reeducação a partir dos pais até os professores nas escolas, mudando hábitos que tornam a população brasileira muito racista.

Acho que isso vai de cada consciência, cada um tem sua opinião, quem é racista deve repensar mais o seu conceito e também a questão de uma melhor educação reeducar o nosso país.

A mudança tem que partir das pessoas. Porque o problema vem de quem se considera superior a alguém apenas pela cor da pele.

Mais conhecimento sobre o assunto o racismo também vem através da ignorância.

Na análise das respostas da primeira pergunta percebemos que os alunos concordam que o assunto é importante. Foi quase unanimidade que essa mudança deveria partir da educação, não só a escolar, mas também como responsabilidade dos pais. Mas a análise feita se mostrou um pouco simples, onde identificam o problema, mas não aprofundam os questionamentos existentes no problema, como se houvesse um distanciamento do tema.

Porém, uma das respostas me chamou a atenção. Um estudante disse que seria necessária uma reeducação desde a família e até mesmo de professores da escola. Essa reflexão é um ponto interessante, pois como a escola é de ensino profissionalizante, muitas vezes existem conflitos entre as bases regulares e técnica, existindo episódios de sugerirem alunos a mudarem o estilo de cabelo, tirarem brincos, que as meninas se maquiassem, entre outras situações, para poderem fazer entrevistas de estágio. Esse problema apareceu em ambos os grupos que participaram da pesquisa nos obrigando a repensar quê escola queremos e qual a função da escola.

Essa questão sempre aparece nos planejamentos anuais, pois há uma crise de identidade sobre qual seria a função daquele modelo de escola, inclusive por parte da própria Secretaria de Educação, que exige cem por cento de inscrição dos alunos no ENEM, mas que

leva em consideração para a avaliação da escola a quantidade de alunos inseridos no mercado de trabalho.

Há uma linha muito tênue entre fortalecimento de comportamentos preconceituosos e sugestões de apresentação para uma entrevista de estágio. Se em mais de um momento os alunos mencionam tais comportamentos se faz necessário a vigilância, tanto a nível de vocabulário como comportamentais para não reproduzirmos crenças e valores que diminuam e critiquem características pessoais do outro.

São em momentos como esse que percebemos a importância de formarmos alunos para que sejam protagonistas de suas decisões, na busca de que consigam identificar determinados comportamentos que muitas vezes passam despercebidos em nosso cotidiano, para assim tornarem-se cidadãos críticos e ativos na mudança da realidade nacional.

As respostas referentes às análises da imagem proposta no questionário também foram curtas e apresentaram em sua grande maioria apenas a descrição do que era retratado. Como podemos ver a seguir:

Eles eram subordinados aos brancos que tinham mais poder.

De escravos, dominados pelos brancos.

Como fonte de trabalho para o Brasil no tempo colonial, com a vinda deles também ocorreu uma grande miscigenação para o Brasil até os tempos atuais.

Escravizados e sofridos

Os negros durante muito tempo "sustentaram" a economia do país, no Brasil colônia, com todo o mercado de escravos e o trabalho nos canaviais.

Essa imagem mostra que desde muito cedo os negros são rebaixados pela cor, que por serem negros viravam escravos e hoje as pessoas ainda espelham isso.

Estão sendo colocados em cargos inferiores a mais de 500 anos, em um sistema de humilhação e exploração, mais a muito tempo estão lutando para ter seu espaço em uma sociedade com mente de ameba.

Um grande número de respostas apenas descreveu o que estava presente na imagem, sem contextualizar nem problematizar o que era visto. O fato de falarem da miscigenação ou da importância para a economia colonial mostra que a visão da historiografia clássica, que durante muito tempo privilegiou uma análise econômica, ainda está muito presente nos materiais didáticos da atualidade.

Mesmo prevalecendo a importância econômica quando ultrapassavam a questão da simples descrição, presenciemos uma visão de que foram eles os verdadeiros responsáveis pelo desenvolvimento das plantações de cana-de-açúcar, que há um processo de exploração que perdura um longo tempo histórico. Mesmo não aprofundando essas questões em suas

análises elas surgem de alguma forma em sua escrita, o que demonstra que há uma sensibilidade quando se fala da temática.

O último item presente no questionário, que perguntava se poderia haver outra interpretação da história e a quem essa versão interessava também apresentou respostas curtas e com menos reflexões se comparada com as dos alunos da oficina. Muitas falavam apenas que era uma versão que interessava aos brancos. Como feito anteriormente apresentarei algumas dessas respostas.

Não interessa muito as pessoas, pois muitas não tem interesse em saber sobre o passado dos negros.

Sim. Principalmente a população branca. A forma como os negros eram utilizados e maltratados ao vim para o Brasil.

Não, existe várias coisas a se contar. A todas as etnias, poderiam ser feita as mudanças em questão aos valores dos negros.

Não, essa versão interessa aqueles que colonizaram. A história poderia ser divulgada em todas as suas faces e versões.

Não, teve vários fatos envolvendo negros na história, aos negros, houve muita luta para os negros hoje adquirir os direitos de hoje em dia, as mudanças que poderiam ser feitas era a maior aceitação na sociedade na minha opinião.

Não, ocorreram várias mudanças no decorrer da história dos negros no Brasil até chegar na sua "liberdade" (da escravidão pois o racismo ainda é presente). A conscientização tem que começar em cada um de nós e colocarmos um fim nas práticas do bullying e do preconceito racial.

A maioria das respostas apresentou que podem existir outras formas de escrita da História. Mesmo havendo essa percepção, muitas opções de interpretações não mudavam o foco, mas sugeriam acrescentar informações sobre a luta desse povo explorado para conquistar seus direitos, não dinamizando essa interpretação com as práticas culturais, religiosas ou mesmo sociais.

Uma das respostas apresenta o conceito de colonização, falando que essa versão da história havia sido escrita pelos colonizadores. Essa percepção é interessante, pois o estudante conseguiu identificar que essa é uma das versões do processo de escrita da história da colonização do Brasil. Outro aluno construiu a referência de que o preconceito racial é um fator que existe desde os tempos coloniais e quem tem uma longa duração, ou seja essa característica social está presente dentro do nosso cotidiano por muito tempo.

Outro assunto que apareceu de forma interessante nas respostas foi a questão do *bullying* como sendo um comportamento para ser combatido dentro da escola. Muitos alunos acreditam que esse é um processo de mudança pessoal, demonstrando também que muitos

entendem que suas ações influenciam os outros ao seu redor e como se faz necessário, pelos próprios relatos dos alunos, trabalhar esse tema no espaço escolar.

As respostas dos alunos que participaram e dos que não participaram da oficina se mostraram bem diferentes, nos apresentando que trabalhar o tema de uma outra forma produz resultados. A mudança na forma de analisar determinados fatos históricos podem não ser radicais, mas apresenta uma instrumentalização no mínimo interessante de alguns conceitos históricos, como a questão do tempo, a importância da cultura na formação da sociedade e fornece elementos identitários importantes para os alunos.

Num primeiro momento quando entrei em contato com a teoria de Rüsen, pensei que o caminho a ser tomado seria classificar determinadas interpretações e construções de narrativas históricas, mas durante reflexões, análises e releituras percebo que a função não seria escalonar o nível de conhecimento histórico, mas mostrar ou apresentar as diversas linhas de interpretações possíveis.

Os alunos podem não ter apresentado o nível genético de consciência histórica mencionado anteriormente, mas a vivência fez que incluíssem em suas interpretações novas visões a respeito de determinados fatos históricos, no caso específico o da participação do negros na História do Brasil. O simples fato deles começarem a incluir em suas construções narrativas e interpretações históricas que há uma grande influência cultural de matriz africana, que acaba por muitos momentos ser silenciada, já é um grande avanço na sua interpretação histórica.

A simples atitude de reconhecimento, e da tentativa de conexão por meio da cultura com a ancestralidade africana já é outro ganho no sentido de desenvolvimento da alteridade, de buscar entender o que outro enxerga, para assim entender suas reivindicações. A percepção de que essa discussão deve sair dos muros da escola e entrar dentro das casas, se difundir em diversos espaços da sociedade para que assim seja naturalizado também demonstra um avanço no sentido de entender e encarar a História para além de uma disciplina presente no currículo, mas que ela faz parte de nossa vida e mais, que está presente em diversos momentos do nosso dia-a-dia e que faz parte de um grande processo de construção da nossa sociedade. É incrível perceber os alunos construírem tal percepção.

Não precisamos formar pequenos historiadores, mas devemos instrumentalizar nossos alunos para que eles entendam a importância da história para sua vida e como parte de um conhecimento primordial para a vida em sociedade. Se nesse processo conseguirmos uma valorização dos elementos identitários com o qual eles valorizem uma parte da cultura que é tão silenciada e desvalorizada torna-se um processo importante na busca de uma modificação real de nosso cotidiano.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolver desse trabalho foi repleto de desafios, mas o caminho foi muito gratificante, desde a decisão de se inscrever na seleção de um mestrado profissional em outro estado, até a luta para ir assistir as aulas semanalmente sem ajuda de uma bolsa de pesquisas. Nada foi fácil, mas ao mesmo tempo tudo valeu muito a pena. Como disse na introdução durante esse trabalho me redescobri como pessoa, como professor e como pesquisador.

No início dessa trajetória me encontrava com muitas dúvidas em relação à minha profissão, o ser professor. A realidade da sala de aula e do espaço escolar em muitos momentos me desanimava, não acreditava que estava promovendo a mudança tão sonhada durante os anos de faculdade. Questões do modelo de ensino, práticas pedagógicas, entre outras, estavam sempre presentes em meus questionamentos.

Nas primeiras aulas do ProfHistória, entrando em contato com colegas de profissão de estados vizinhos mas com realidades tão distintas e com professores do meio acadêmico preocupados em pensar e repensar o ensino de história na educação básica, me deram um novo ânimo a repensar o fazer diário no chão da escola. Me convidaram a repensar minha prática enquanto professor de história do início do século XXI.

Durante as disciplinas onde fomos convidados a repensar o Ensino de História e a teoria da História, sendo apresentados a novos autores, pesquisas dedicadas exclusivamente ao desenvolvimento de metodologias do ensino de história, desenvolvidas por historiadores tudo isso teve um significado muito importante para mim e ajudaram na construção dessa pesquisa.

A escolha de uma temática, que trata de um assunto tão sensível à nossa sociedade me fez perceber como ainda há um grande caminho a ser trilhado quando falamos em combate ao preconceito racial e visibilidade do negro na História. A educação brasileira passa por um momento de muitas mudanças, o Ensino de História passa por um momento que exige de seus profissionais a reinvenção da sua prática cotidiana, seja por causa da noção de tempo que foi acelerada nos últimos anos devido à tecnologia da informação, seja pelas ameaças que a reforma do Ensino Médio proposta pelo atual governo, trazem para seu currículo.

Me encontrar defendendo um trabalho que repensa o Ensino de História em relação o papel do negro na História do Brasil e como sua influência cultural se encontra presente no dias atuais através das mensagens presentes nas letras de música de rap reforça a minha crença de que a construção de uma nova realidade é possível e de que o Ensino de História, assim como a educação e a cultura são caminhos para a resistência e para luta que nos aguarda nos próximos anos.

Perceber o envolvimento dos alunos durante a oficina, o seu processo de identificação com o tema, o seu caminhar para o desenvolvimento de uma construção de conhecimento mais autônoma é muito gratificante. Saber que de alguma forma sou parte desse processo também é muito reconfortante. Nos mostra como a educação tem o poder de transformar minimamente a realidade desses jovens que são tão desacreditados cotidianamente.

O espaço escolar pode se modificar a partir do momento que os alunos ganhem voz ativa e se sintam parte do ambiente escolar. Essa perspectiva que Paulo Freire (1996) tanto falou em seus livros, como na pedagogia da autonomia de que ensinar não se trata apenas em transmitir, mas em construir conhecimento, foi o caminho buscado durante o processo de desenvolvimento e execução da oficina hip-hop, identidade e história.

Aqueles dias de trabalhos foram leves, reconfortantes, perceber os alunos se envolvendo, participando, dividindo suas opiniões, sem aquela barreira hierárquica de ter medo de falar o que pensa ao professor, foi uma das coisas mais incríveis que vivi enquanto educador. Dialogar com novas obras, ter conhecido a psicologia social levando em consideração a questão da formação identitária como um processo interno do aluno que pode vir a ser influenciado pela educação, principalmente pelo ensino de História, me fez perceber a responsabilidade de ser professor.

Identificar, após a oficina, que houve alguma mudança na forma dos alunos interpretarem a história, mas para além disso a mudança na forma de como eles percebem a história em suas vidas, no seu cotidiano é um resultado incrível. As relações construídas no processo, de respeito, mas também de carinho e afeição junto aos alunos foi outra experiência gratificante. Podemos aprender muito com eles, basta escutá-los.

Ao final da oficina, conversei com os alunos sobre a experiência vivida e da proposta de criarmos uma rádio na escola para tratar daqueles assuntos. A escola estava passando por um momento interessante para pensarmos o funcionamento de uma rádio, que era a implementação do grêmio estudantil. A rádio seria uma forma de desenvolver o conhecimento histórico fora das paredes da sala de aula. Mais interessante ainda seria essa temática sendo debatida com alunos como protagonistas do processo.

A ideia foi aceita pelos alunos e a proposta de nome para essa rádio seria rádio Griot, pois como foi apresentado na oficina, os Griots são os contadores de história que passavam o conhecimento através de narrativas para as tribos. O interessante é que uma grade inicial de programas já poderia ser desenvolvida, pois ao final da oficina a escola teve sua Mostra Técnico, Científica e Cultural, intitulada Saberes e diversidades. Os alunos que haviam participado da oficina produziram três trabalhos para serem apresentados na mostra: um que debatia a questão do movimento negro, outro que falava sobre a questão da implementação da

lei 10.639/03 e outro que falava sobre a história do hip-hop. Esses trabalhos foram apresentados numa sala temática. Os alunos que visitaram a sala demonstraram um certo interesse a respeito dos temas apresentados.

Por quê pensar numa rádio como produto educacional? A ideia surgiu depois de refletir um pouco de como trabalhar o tema de uma maneira que fosse atraente para os alunos e envolvesse a questão musical, já que o caminho trilhado para sensibilizar os alunos foi a análise de fontes históricas ligadas à música e cultura negra.

Muitos trabalhos foram desenvolvidos na área educacional, envolvendo rádio e protagonismo dos alunos, como o caso do trabalho de Dismael Sagás em sua dissertação também do profHistória “Rádio #TMJ: História e ensino de História no CEM Morar Bem – São José, SC”. Esse trabalho buscou através da linguagem radiofônica construir uma identificação dos alunos da escola com o bairro onde eles moravam, que também era o mesmo bairro onde se localizava a escola. Tratava-se de um bairro novo composto por moradores que tinham passado por um processo de desocupação de suas antigas casas. O professor identificou como um dos problemas dos alunos o fato de não se identificarem com a escola nem com o local onde moravam atualmente. O autor optou pela estratégia da rádio por acreditar que:

O espaço escolar possui um grande potencial neste sentido e a participação dos estudantes no processo de elaboração dos programas pode garantir bons frutos ao trabalho, tanto no sentido de desenvolvimento das habilidades das crianças e jovens envolvidos, como na reflexão e valorização da história local. (SAGÁS, 2016 pág.33)

Ao enxergar o espaço escolar como um grande potencial e que a participação dos alunos pode trazer resultados quanto à reflexão e valorização do conhecimento histórico esse meio adquire grande importância. Percebemos que essa linguagem radiofônica também sempre esteve presente no processo de difusão da cultura hip-hop, inclusive participando da história do bairro onde a escola está inserida como nos mostra Teperman em seu livro.

Em 1991, a Associação dos Moradores do Bairro Éllery, em Fortaleza, criou um sistema de alto-falantes para divulgar as pautas e horários de suas assembléias, além de realizar outros pequenos serviços, como informar sobre as atividades dos mutirões e chamar moradores para atender chamadas no telefone público. Com o sistema de som montado, surgiu a ideia de aproveitá-lo para tocar música. Assim nasceu, em 1998, a Rádio Mandacaru. Um dos programas mais populares era Hip-hop cultura de rua (...). (SAGÁS, 2016 pág.89)

No site da Secretaria de Educação do Estado, a escola vai constar como estando localizada no bairro Monte Castelo, mas há uma grande confusão entre os limites desse bairro com o bairro Éllery, sendo comum os alunos identificarem a escola com este bairro, pois

muitos deles ali residem. No trecho do referido trabalho a questão da utilização do rádio como difusor de informações e também da mensagem de conhecimento que está presente no movimento hip-hop é uma prática já familiarizada pelos moradores do bairro onde a escola se localiza, tornando a possibilidade do funcionamento de uma rádio uma boa forma de trabalhar a questão racial no ambiente escolar.

Outra evidência que fortalece a ideia de utilizar a rádio como um espaço para difusão de tal temática através do diálogo com as músicas do movimento hip-hop também é apresentada no mesmo trabalho já antes citado pelo fato da rádio universitária da cidade desenvolver já há quase duas décadas em sua grade de programação um programa que divulga os artistas locais e notícias ligadas à questão do movimento hip-hop, como nos mostra o autor no seguinte trecho de seu texto:

O rap é uma música que reivindica seu lugar “no mundo”. Em Fortaleza, a ligação do rap com os movimentos sociais se mostrou particularmente forte. Um evidência disso é a penetração da Cufa, que criou bases em diversas sociedades e está por trás da perenidade de outro importante programa de rádio da região: *Se liga! O som do hip-hop*, da rádio Universitária FM, no ar desde 1999. (SAGÁS, 2016 pág.89)

A relação do hip-hop com o universo radiofônico já se mostrou viável e já realizado por um bom tempo. O que fortaleceu ainda mais a ideia da rádio foi que no trabalho de Sagás ele nos apresenta ainda duas outras experiências que se mostraram eficientes a respeito da utilização de rádio no ambiente escolar. Nos mostrou ainda como é possível construir esse diálogo com o Ensino de História.

A criação de rádios em escolas se mostrou uma ótima ferramenta para o desenvolvimento global dos estudantes e sobretudo para despertar elementos que melhorem a sua autoestima. No entanto, para que o processo de aprendizagem seja completo, a apropriação dos meios é o primeiro passo, até porque, apenas o uso da tecnologia não garante que os objetivos educacionais sejam completamente atingidos (WOLTON, 2001). Por essa razão, é primordial a participação de professores no comando das rádios escolares. Os profissionais envolvidos precisam conhecer esta ferramenta e estar motivados para criar novas estratégias de ensino, caso contrário, a rádio será apenas mais um conjunto de equipamentos encostados num canto do colégio. Uma rádio escolar não deve ser um fim, mas um meio para o processo de ensino e aprendizagem. (SAGÁS, 2016 pág.38)

No nosso caso, além da questão de desenvolver um conhecimento técnico com os alunos, a oficina foi de grande relevância ao desempenhar um papel de instrumentalização dos alunos com referências da cultura afro-brasileira, para depois propormos a criação de uma rádio. Esse processo de valorização e reconhecimento da cultura negra africana fazer parte do processo de formação da cultura brasileira foi importante, pois através dele buscamos também ressignificar por um momento o espaço escolar. Como nos mostra Sagás no seu texto, a rádio

pode nos auxiliar e muito na busca da construção de um novo significado para o espaço escolar.

A escola deve ser um local rico em ações que estimulem o desenvolvimento dos estudantes e que propicie atividades coletivas, onde as decisões são tomadas em conjunto e as diferentes opiniões são aceitas. As rádios escolares possibilitam isto, e sobretudo corroboram com o conceito mais recente sobre o espaço escolar, que entende os estabelecimentos de ensino como lugares onde novas ideias são criadas. (SAGÁS, 2016 pág.39)

Outra questão interessante a respeito da rádio é seu alcance. Como a linguagem utilizada por ela é universal, no sentido de ser falada, ela se torna um meio muito democrático, pois até os que não dominam perfeitamente a escrita podem participar das programações. Para além disso, a questão do seu baixo custo apresenta uma saída viável para o ambiente escolar. Quando me refiro a baixo custo digo isso pelo fato de geralmente as escolas possuírem um equipamento de som mínimo para os eventos da escola, como caixas de som, mesa e microfones.

Na atualidade outra saída para a produção de um programa de rádio são os *podcast's*<sup>31</sup>, que podem ser gravados através dos smartphones e disponibilizados os arquivos na internet ou mesmo no laboratório de informática da escola, o que torna a apreciação dos programas produzidos muito mais democrático, já que o ouvinte pode acessar o arquivo no momento que achar mais conveniente para ele.

Com o desenvolvimento e popularização da internet em banda larga, as web rádios se multiplicaram. Existem muitos pontos a favor desta prática de transmissão radiofônica. A primeira delas é liberdade de criação, pois ao contrário das rádios convencionais, as transmissões via internet não precisam da concessão estatal para funcionarem. Outro fator fundamental é o baixo custo para manter a rádio no ar, por último, a interação com os ouvintes - que pode ser instantânea - e a amplitude de horários que os programas podem ser escutados. Portanto, uma rádio escolar pode facilmente transmitir seus programas além dos muros do colégio via web e atingir um número maior de ouvintes. (SAGÁS, 2016 pág50-51)

Essa possibilidade de transpor os muros da escola é outra característica que torna o trabalho instigante, pois os alunos podem ser promotores de mudança em diversos ambientes, talvez até para os próprios pais em casa, já que durante a resposta dos questionários muitos apontaram que a mudança na forma de pensar deveria ser na escola e na própria família. A rádio *online*, ou os *podcasts* podem fazer essa mensagem chegar facilmente em outros locais.

---

<sup>31</sup> Podcast é uma forma de transmissão de arquivos multimídia na Internet criados pelos próprios usuários. Nestes arquivos, as pessoas disponibilizam listas e seleções de músicas ou simplesmente falam e expõem suas opiniões sobre os mais diversos assuntos, como política ou o capítulo da novela.

Um dos casos de sucesso de rádio-escola apresentado ainda no referido trabalho é uma rádio de uma escola do Paraná, projeto executado por alunos do sexto ano, mostrando que a questão da idade não é uma barreira para a execução do projeto.

Existem diversas experiências de rádios escolares espalhadas pelo Brasil. Uma delas, a Rádio Canoas, um trabalho desenvolvido com um grupo de 40 alunos do 6º ano do ensino fundamental ao 1º ano do ensino médio em uma escola particular em São Mateus do Sul, no Paraná, foi descrita e estudada por Ruth Azambuja Langaro em sua dissertação de mestrado. Neste estudo, a autora informa os procedimentos que decorreram em ótimos resultados pedagógicos durante implementação desta rádio no colégio Integral. (SAGÁS, 2016 pág.52)

Outro ponto interessante é que a rádio funcionava em um colégio de tempo integral, que é a mesma realidade da escola onde a oficina foi desenvolvida. No caso acima a rádio não falava somente de assuntos históricos, mas apresentava em sua grade diversos programas voltados para os temas de história. Outro caso de rádio que também foi bem sucedido foi o caso de uma escola no Estado da Bahia:

Outro caso de utilização da rádio como ferramenta educacional, é o projeto Rádio ETM'26, no Colégio Eraldo Tinoco Melo, em Itabuna, na Bahia. A rádio coordenada pela professora Catarina Alves Sousa promoveu o uso da linguagem radiofônica para a produção de programas vinculados aos interesses dos estudantes. Seu “estúdio” funcionava de forma improvisada na sala de informática e os alunos participavam integralmente da elaboração das produções. A rádio funcionou entre os anos de 2009 e 2010 e sua programação era divulgada em caixas de som distribuídas pela escola ligadas durante os recreios. (SAGÁS, 2016 pág.53)

Como apresentado nesse caso, mesmo a rádio funcionando de forma improvisada na sala de informática e somente na hora dos intervalos, os resultados foram percebidos, pois um dos fatores decisivos para o sucesso desse modelo de projeto é o fato dos alunos se tornarem protagonistas e portadores de uma mensagem numa linguagem que seja facilmente identificada por outros alunos. A existência de uma rádio-escola transforma o espaço escolar em um local onde o diálogo acontece de uma forma onde se cria uma nova ordem na hierarquia do saber, mostrando que esse saber também surge de suas interpretações da realidade.

Esse seria o momento de dar voz aos alunos, que agora começavam a implantar o grêmio na escola e poderiam ter um equipamento ao seu favor - a rádio da escola-, que passaria a modificar o ambiente e as formas como os diálogos eram construídos no ambiente escolar. Conversado com os alunos, pensamos em construir uma grade de programação da rádio. Já nessa primeira conversa, percebemos que a Rádio Griot poderia ser desenvolvida no formato de um programa.

Pensando no formato de um programa foi discutido junto aos alunos que participaram da oficina que o programa tivesse por volta de trinta minutos e que a execução do programa poderia ser feito durante o intervalo do almoço. Os alunos propuseram que a atividade da rádio poderia ser quinzenal, tendo em vista que por a escola ser de ensino profissional e de tempo integral eles teriam um pouco mais de tempo para pensar e organizar os programas.

O formato do programa desenvolvido na conversa com os alunos foi um programa que envolvesse a execução de músicas, assim como foi feito na oficina, onde os alunos iriam analisar juntamente com os espectadores. Então sugeri que o programa para além da análise das músicas também tivesse assuntos referente a História. Como haviam surgido três trabalhos para a mostra técnico-científica da escola, dei a sugestão de que eles apresentassem seus trabalhos para os alunos que não puderam assistir sua apresentação na mostra.

Dessa forma estaríamos valorizando o trabalho de pesquisa feito pelos alunos e ao mesmo tempo divulgando esse conhecimento como uma forma de mostrar para os alunos que o processo de pesquisa e ensino não estão separados, mas que caminham lado a lado, sempre buscando desenvolver a autonomia do aluno nesse processo, mostrando que o ensino básico também é local onde pode se desenvolver pesquisas.

A rádio funcionaria como uma forma de divulgar e de despertar o interesse dos alunos para os temas. Estes poderiam ser melhor debatidos em outros programas que poderiam ser criados, ou mesmo em eventos organizados pela própria rádio juntamente com o grêmio. É uma prática da escola desenvolver saraus com temáticas específicas, saraus acontecem ao final das aulas.

E assim surgiram as três primeiras propostas de programas para rádio que seguiriam a seguinte ordem. O primeiro programa seria para falar da História do Movimento Negro, onde os alunos que participaram do desenvolvimento do tema iriam proporcionar uma apresentação do assunto e escolheriam três músicas para serem executadas. Apresentariam de forma breve os autores e os assuntos abordados por elas, tendo em vista que uma análise mais aprofundada igual à desenvolvida na oficina exigiria mais do que os trinta minutos pensados. O segundo programa seria referente à história do movimento hip-hop, como ele se relaciona com a cultura afro-brasileira. O terceiro programa trataria da implementação da lei 10.639/03. Os três programas iniciais foram discutidos; pensamos num primeiro momento fazer de uma forma mais simples com as caixas de som, os microfones e a mesa de som da escola. Mas mudamos de ideia, pois temíamos a interferência externa. Então pensamos em fazê-los em forma de *podcasts*, que envolveria tecnologias já conhecida dos alunos que seria a captação de som pelos *smartphones* e execução das músicas.

Em meio a esse processo de formação da grade de programação o núcleo gestor da escola achou melhor que a rádio começasse a funcionar juntamente com o grêmio da escola. Isso seria aproximadamente no mês de setembro do ano de dois mil e dezoito, que foi quando aconteceu o processo de formação da chapa e de eleição do grêmio. O processo todo com apuração dos votos, divulgação do resultado e posse da chapa eleita terminou próximo do início do mês de outubro. Assim, não restando tempo hábil para o funcionamento da rádio e produção e análise dos resultados obtidos com sua aplicação, ficou para ser aplicada no início do próximo ano letivo, juntamente com as atividades do grêmio.

Acredito ter mostrado ser viável a execução de tal proposta de produto educacional, tendo em vista a relação da linguagem radiofônica com o movimento hip-hop, como também com os exemplos apresentados, que obtiveram sucesso na modificação do espaço escolar através do funcionamento de uma rádio escola.

Ao final a proposta da rádio ter sido bem aceita e termos conseguido fazer uma grade programação, mesmo que breve, me mostrou que as sementes foram plantadas e as raízes começam a se desenvolver dentro do seu tempo. O protagonismo dos estudantes em produzir pesquisas relacionadas ao tema, sugerirem músicas para serem analisadas, buscaram por referências da cultura africana me faz acreditar que o trabalho realmente foi significativo não só para eles, mas para mim também.



## REFERÊNCIAS

- BARCA, Isabel. Aula Oficina: do Projeto à Avaliação. In. Para uma educação de qualidade: Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica. Braga, Centro de Investigação em Educação (CIED)/ Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2004, p. 131 – 144.
- BARCA, Isabel. Investigar em educação histórica: da epistemologia às implicações para as práticas de ensino. *Revista Portuguesa de História*. 2007 nº 39 p. 53-66.
- BLOCH, Marc. Apologia da história ou o ofício de historiador Rio de Janeiro. Ed. Zahar/2001.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Conselho Nacional da Educação. Câmara Nacional de Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013, 562p.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Conselho Nacional da Educação. Câmara Nacional de Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013, 562p.
- CAIMI, F. E. Por que os alunos (não) aprendem História? Reflexões sobre ensino, aprendizagem e formação de professores de História. **Tempo**. Revista do Departamento de História da UFF, v. 11, p. 27-42, 2006.
- CERRI, Luis Fernando. Ensino de História e a Consciência Histórica.
- CONTIER, Arnaldo Darya. O rap brasileiro e os Racionais MC's. 1º Simpósio Internacional do Adolescente Maio de 2005. 09 p.
- DIÓGENES, Glória Maria dos Santos. Cartografia da cultura e da violência: gangues, galeras e o movimento Hip-Hop. Tese de doutorado 1998 381p
- DOMINGOS, Petrônio. Movimento Negro Brasileiro Brasileiro: Alguns Apontamentos Históricos. Rio de Janeiro: Revista Tempo, 2006. p. 100 a 123.
- FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. / Frantz Fanon; tradução Renato da Silveira. – Salvador EDUFBA, 2008. P.194
- FERREIRA, Máira Soares. A Rima na escola, o verso na história. São Paulo: Boi Tempo, 2012.
- FERREIRA, Martins. Como usar a música na sala de aula. São Paulo: Contexto, 2008. 7 ed. 1ª Reimpressão (Coleção como usar na sala de aula).

FLAUZINA, Ana Luiza Pinheiro. Corpo negro caído no chão: o sistema penal e o projeto genocida do Estado brasileiro. 2006. 14 pág. Dissertação – Universidade de Brasília, Faculdade de Direito.

FONSECA, Selva Guimarães. Caminhos da História Ensinada. Campinas. Papirus 1993. P. 85 – 109.

FONSECA, Thaís Nívia de Lima. História e Ensino de História. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

GOMES, Nilma Lino. Movimento negro e educação: ressignificando e politizando a raça. Educação & Sociedade (Impresso), v. 33, p. 727-744, 2012.

HALL, Stuart A identidade cultural na pós-modernidade / tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaraeira Lopes Louro – 11 ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

JOVCHELOVITCH, S. (2004). Psicologia social, saber, comunidade e cultura [Versão eletrônica]. *Psicologia & Sociedade*, 16(2), 20-31

LEE, Peter. Por que aprender História?. **Educ. rev.**, Curitiba , n. 42, p. 19-42, dez. 2011.

LOCH, Marc. Apologia da história ou o ofício de historiador Rio de Janeiro. Ed. Zahar/2001.

MACEDO, Iolanda. Movimento Hip Hop e Educação: possibilidades de construção de conhecimento. In: I Simpósio Nacional de Educação e XX Semana de Pedagogia, 2008, Cascavel -PR. I Simpósio Nacional de Educação e XX Semana de Pedagogia, 2008.

MAGRO, Viviane Melo de Mendonça. Adolescentes como autores de si próprios: cotidiano, educação e hip-hop. Cad. Cedes, Campinas, v. 22, n. 57, agosto/2002, p. 63-75.

NAPOLITANO, Marcos. História & música – história cultural da música popular. Belo Horizonte: Autêntica 2002

NEVES, Joana. Educação no Brasil: O Que Há de Novo?. In: Margarida Maria Dias de Oliveira. (Org.). Contra o Consenso: LDB, DCN, PCN e Reformas no Ensino. João Pessoa: Sal da Terra, 2000, v. único, p. 37-72.

OLIVEIRA, Margarida Maria Dias. História : ensino fundamental / Coordenação Margarida Maria Dias de Oliveira. - Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. 212 p. : il. (Coleção Explorando o Ensino ; v. 21).

ROZA, Luciano Magela. Entre sons e silêncios: apropriações da música no livro didático no ensino de História afro-brasileira. Belo Horizonte: Nandyla 2013. 144p.

SAGÁS, Dismael. Rádio #TMJ: história e ensino de história no CEM Morar bem – São José, SC 2016

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende. *Jörn Rüsen e o ensino de história*. Curitiba: Ed. UFPR, 2010.

- SCHMIDT, Maria Auxiliadora; URBAN, Ana Claudia. Aprendizagem e formação da consciência histórica: possibilidades de pesquisa em Educação Histórica. *Educ. rev.*, Curitiba, n. 60, p. 17-42, June 2016.
- SCHUMAN, L. V.; Mandelbaum, B.P. H.; Fachim, F. L. Minha mãe pintou meu pai de branco: afetos e negação da raça em famílias inter-raciais. *Revista de Ciências HUMANAS*, Florianópolis, v. 51, n. 2, p. 439-455, jul-dez 2017.
- SIMAN, Lana M. de Castro. Representações e memórias sociais compartilhadas: desafios para os processos de ensino e aprendizagem da história. *Cad. Cedes*, Campinas, vol. 25, n. 67, p. 348-364, set./dez. 2005
- TEPERMAN, Ricardo. Se liga no som: as transformações do rap no Brasil. São Paulo: Claro enigma. 1ª Ed. 2015
- WELLER, William. A construção de identidades através do hip-hop: uma análise comparativa entre rappers negros em São Paulo e rappers turcos-alemães em Berlim. *CADERNO CRH*, Salvador, n. 32, p. 213-232, jan./jun. 2000

## APÊNDICE

### ANEXO 1

#### Oficina de História, identidade e hip-hop

Com que gênero você se identifica?

Masculino ( )

Feminino ( )

Outro ( )

De que cor (ou etnia) você se considera?

Negro ( )

Pardo ( )

Branco ( )

Indígena ( )

Amarelo ( )

Qual sua faixa etária?

14 -15 ( )

16 - 17 ( )

18 ou mais ( )

Você escuta o gênero musical hip-hop? \*

Sim ( )

Não ( )

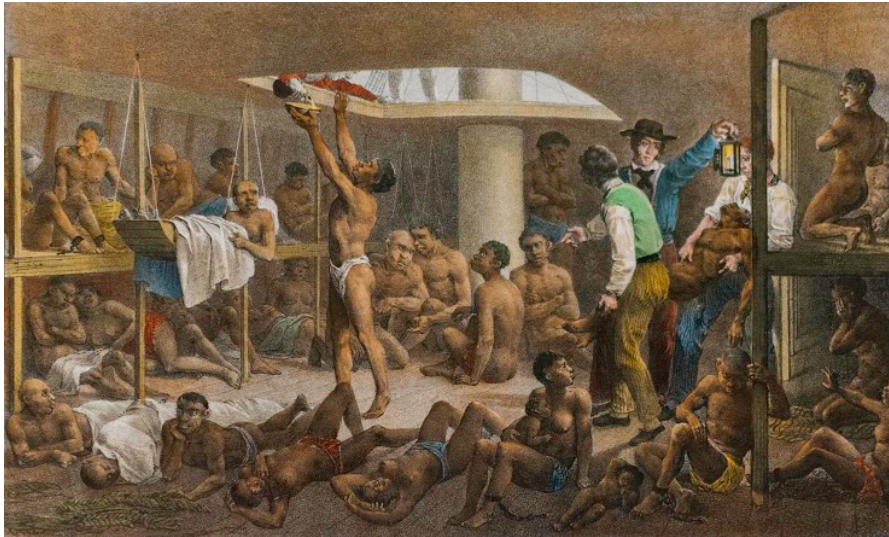
Você considera o Brasil um país Racista? \*

Sim ( )

Não ( )

Se sua resposta anterior foi positiva, quais mudanças poderiam ser feitas para mudar essa realidade? \*

Como você descreveria a participação dos negros na História do Brasil a partir dessa imagem? \*



Essa é a única interpretação da história? A quem essa versão interessa? Quais mudanças poderiam ser feitas? \*

## ANEXO 2

SAPIÊNCIA, RINCON. **Coisas de Brasil**. São Paulo: Boia Fria, 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Kwpb6zJqeKY>>. Acesso em 05 de abril de 2019.

<sup>1</sup> INQUÉRITO. **Eu só peço a Deus**. São Paulo: SaxSoFunny, 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=GJpvK7CjIvo>>. Acesso em 05 de abril de 2019.

<sup>1</sup> EMICIDA. **Boa Esperança**. São Paulo: Laboratório Fantasma, 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=AauVal4ODbE>>. Acesso em 05 de abril de 2019.

<sup>1</sup> RENEGADO, FLÁVIO. **Black Star**. Rio de Janeiro: SomLivre, 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Z34nHgrzUQA>>. Acesso em 05 de abril de 2019.

<sup>1</sup> RACIONAIS. **Negro Drama**. São Paulo: Boogie Nipe, 2006. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3pTzAo-FnMQ>>. Acesso em 05 de abril de 2019.

<sup>1</sup> CONKA, KAROL. **Bate Poeira**. Rio de Janeiro: DeckDisc, 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fJavt47hpk8>>. Acesso em 05 de abril de 2019.

### **Black Star**

#### **Flávio Renegado**

Pra justiça, chama Xangô  
Pra batalha, Ogum é o mais forte  
Ontem fui caça hoje, caçador  
Quem me guia nessa trilhas é Oxossi

Sou pele preta vigiada  
As sentinelas estão montadas  
Pensam que vão me deter  
Não sabem nada  
É o cinza, é o verde, é o quente, é o frio  
É a seca, é o rio, bem vindos ao Brasil  
O preto, o branco, o indígena, mixa  
Europa, África, acarajé, pizza  
Música, lenda, os fato e as fita  
O crime, Lampião, Maria Bonita  
Fazendo avião, os menor tem o dom

Já venci a fome e a farda

Cara feia dos caretas não me faz tremer  
Sobrevivente no Brasil  
Putá de país hostil  
Aonde é crime preto e pobre ter poder  
Meu passado é meu presente  
Já arrastei corrente  
Mas hoje entrei no game pra vencer

Ecoou  
Grito forte na senzala  
Negro canta, negro dança  
Não existe mais chibata

Querem que a humildade  
seja a virtude de todo negão  
Migalhas pro meu povo  
a pauta desse jogo presídio e prisão  
Sou preto rebelado  
que não aceitou ser chamado de ladrão  
Hoje BlackStar sonho de consumo da filha  
do patrão

### **Coisas de Brasil**

#### **Rincon Sapiência**

Pera lá, não confunda com Santos Dumont  
São coisas de Brasil, arte sem cachê  
São coisas de Brasil, sem forçá, sem clichê  
Tio Sam insinua que as mina anda nua  
Que os caras tão armado e os macaco tão  
na rua  
Câmeras, gruas, filmou, põe na tela

Cinemas, novelas, bundas e favelas  
Elite no comando, aproveitadores lucram  
O povo se virando, trabalhadores lutam

Na rua a gente vê a real, negô  
São coisas de Brasil, não é mole não  
Sentado no sofá não vai dar, negô  
Nem tudo é verdade na televisão

São coisas de Brasil, os pretos, os dreads  
Zumbi vive, não é Walking Dead  
Não procede o pensamento fútil  
Que resume o Brasil em futebol e glúteo  
Luta! Tivemos os nossos guerrilheiros  
Salve Marighella, Antônio Conselheiro!  
Pega no batente a mão do povo pobre  
Que a alegra povo nobre, batendo no  
pandeiro

Pra larica tem um bom serviço  
Tapioca com café, amo muito tudo isso  
Do sudeste para o norte muito bom saí  
Sol raiando forte e a tigela de açaí

É Tupi Guarani, é Tupiniquim  
Taco o fogo no bruxo, que se foda o  
Halloween

Educação nosso adversário  
Estádios perfeitos, ensino precário

Mãos à obra, na mão o calo  
Acordar antes da cantiga do galo  
Água fria vai da cabeça ao ralo  
Retrato do meu povo, é dele que eu falo

À procura da paz, sempre pronto pra  
guerra  
Atrás dos seus sonhos, no campo de terra  
No bar dia de jogo, é olho na tela  
Tem gol do rapaz que nasceu na favela

O bom samba cura, batucada pura  
Do tambor de um revólver, munição  
perfura  
Tristeza, sirene, corpo, fratura  
Alegria, família unida e fartura

Viatura de olho nos seus trago  
São, quatro homens armados e mal pagos  
Jão, a boca que prova do amargo  
É a mesma que abre o sorriso mais largo

Igrejas e bar, cultos e doses  
Conclusão: bendita seja a neurose  
Massa de manobra, não, mãos à obra  
Quero mão na massa, não mão na sobra

Os preto na cela se comprime  
Boneca preta é raro nas vitrine  
Bundas, biquinis, praias, carnavais  
Mulher, seu brilho vale muito mais

Entre quatro paredes o meu limite  
Pior é tá no limite dos madeirite  
Ow! Silêncio na hora do protesto  
Gol! O grito que gera amidalite  
Elite, controla o ensino da escola  
No livro são leigos e gênios com a bola  
Brasil, vivemos à margem desse lugar  
Onde os Marcola surgem à Beira-Mar

## **Eu Só Peço a Deus**

### **Inquérito**

"Eu só peço a Deus"  
Deixa eu te falar, vim te confessar  
Acho que eu também sou poeta e não  
aprendi a amar  
Cruzes que eu já carreguei, cada um com a  
sua é a lei  
Ontem mesmo eu perguntei: "Por que que  
eu nunca parei? Hein? "  
Quer saber o que me move? Quer saber o  
que me prende?  
São correntes sanguíneas, não contas  
correntes  
Não conta com a gente pra assinar seu  
jornal  
Vocês descobriram o Brasil, né? Conta  
outra Cabral  
É um país cordial, carnaval, tudo igual  
Preconceito racial mais profundo que o  
Pré-Sal  
Tira os pobre do centro, faz um cartão  
postal  
É o governo trampando, Photoshop social  
Bandeirantes, Anhanguera, Raposo,  
Castelo  
São heróis ou algoz? Vai ver o que eles  
fizeram  
Botar o nome desses cara nas estrada é  
cruel  
É o mesmo que Rodovia Hitler em Israel

### **Boa Esperança**

Por mais que você corra, irmão  
Pra sua guerra vão nem se lixar

Também quero a revolução, mas não sou  
imbecil  
Quem não sabe usar um lápis, não vai  
saber usar um fuzil  
Por isso os mic, as Mk e os spray pra  
mostrar  
Quem vai tá preparado pra segurar as AK  
Mas vem cá, ó na rua é salve geral e os  
moleque, sobe os PM  
E o rap tenta ser legal, se esvazia e sobe os  
BPM  
E quanto mais as velocidade  
Vê-ve-velocidade das batida aumenta  
Maior viagem, mas as mensagens  
São entendidas em câmera lenta  
Nosso esporte predileto ainda é lotar os  
bares  
Esvaziar os lares, mano, nós somos  
milhares  
Miseráveis na arquibancada se matando  
E os 22 milionários se divertindo em  
campo  
Violência vicia soldado e eu sei bem  
(Bem!)  
A guerra não é santa nem aqui e nem em  
Jerusalém  
É o Brasil da mistura, miscigenação  
Quem não tem sangue de preto na veia  
deve ter na mão  
Eu só peço a Deus!

### **Emicida**

Esse é o xis da questão  
Já viu eles chorar pela cor do orixá?



E os camburão o que são?  
Negreiros a retraficar  
Favela ainda é senzala, Jão!  
Bomba relógio prestes a estourar

O tempero do mar foi lágrima de preto  
Papo reto como esqueletos de outro dialeto  
Só desafeto, vida de inseto, imundo  
Indenização? Fama de vagabundo  
Nação sem teto, Angola, Keto, Congo,  
Soweto

A cor de Eto'o, maioria nos gueto  
Monstro sequestro, capta-tês, rapta  
Violência se adapta, um dia ela volta pu  
cêis

Tipo campos de concentração, prantos em  
vão

Quis vida digna, estigma, indignação  
O trabalho liberta (ou não)  
Com essa frase quase que os nazi, varre os  
judeu – extinção

Depressão no convés  
Há quanto tempo nóiz se fode e tem que rir  
depois

Pique Jack-ass, mistério tipo lago Ness  
Sério és, tema da faculdade em que não  
pode por os pés

Vocês sabem, eu sei  
Que até Bin Laden é made in USA  
Tempo doido onde a KKK, veste Obey (é  
quente memo)

Pode olhar num falei?

Aê, nessa equação, chata, polícia mata –  
Plow!

Médico salva? Não!

Por quê? Cor de ladrão

Desacato, invenção, maldosa intenção  
Cabulosa inversão, jornal distorção  
Meu sangue na mão dos radical cristão  
Transcendental questão, não choca opinião  
Silêncio e cara no chão, conhece?  
Perseguição se esquece? Tanta agressão  
enlouquece

Vence o Datena com luto e audiência  
Cura, baixa escolaridade com auto de  
resistência

Pois na era Cyber, cêis vai ler  
Os livro que roubou nosso passado igual  
alzheimer, e vai ver

Que eu faço igual burkina faso  
Nóiz quer ser dono do circo

Cansamos da vida de palhaço  
É tipo Moisés e os Hebreus, pés no breu  
Onde o inimigo é quem decide quando  
ofendeu

(Cê é loco meu!)

No veneno igual água e sódio (vai, vai,  
vai)

Vai vendo sem custódio  
Aguarde cenas no próximo episódio  
Cês diz que nosso pau é grande  
Espera até ver nosso ódio

Por mais que você corra, irmão  
Pra sua guerra vão nem se lixar  
Esse é o xis da questão  
Já viu eles chorar pela cor do orixá?

E os camburão o que são?  
Negreiros a retraficar

### **Negro Drama**

Negro drama  
Entre o sucesso e a lama  
Dinheiro, problemas  
Inveja, luxo, fama

Negro drama  
Cabelo crespo  
E a pele escura  
A ferida, a chaga  
À procura da cura

Negro drama  
Tenta ver  
E não vê nada  
A não ser uma estrela  
Longe, meio ofuscada

Sente o drama  
O preço, a cobrança  
No amor, no ódio  
A insana vingança

Negro drama  
Eu sei quem trama  
E quem tá comigo  
O trauma que eu carrego  
Pra não ser mais um preto fodido

O drama da cadeia e favela  
Túmulo, sangue

Favela ainda é senzala, Jão  
Bomba relógio prestes a estourar

### **Racionais Mc's**

Sirene, choros e vela

Passageiro do Brasil  
São Paulo  
Agonia que sobrevivem  
Em meia às honras e covardias  
  
Periferias, vielas e cortiços  
Você deve tá pensando  
O que você tem a ver com isso

Desde o início  
Por ouro e prata  
Olha quem morre  
Então veja você quem mata

Recebe o mérito, a farda  
Que pratica o mal  
Me ver  
Pobre, preso ou morto  
Já é cultural

Histórias, registros  
Escritos  
Não é conto  
Nem fábula  
Lenda ou mito

Não foi sempre dito  
Que preto não tem vez

Então olha o castelo irmão  
Foi você quem fez cuzão

Eu sou irmão  
Dos meus trutas de batalha  
Eu era a carne  
Agora sou a própria navalha

Tin, tin  
Um brinde pra mim  
Sou exemplo de vitórias  
Trajetos e glórias, glórias

O dinheiro tira um homem da miséria  
Mas não pode arrancar  
De dentro dele  
A favela

São poucos  
Que entram em campo pra vencer  
A alma guarda  
O que a mente tenta esquecer

Olho pra trás  
Vejo a estrada que eu trilhei  
Mó cota  
Quem teve lado a lado  
E quem só fico na bota

Entre as frases  
Fases e várias etapas  
Do quem é quem  
Dos mano e das mina fraca

Negro drama de estilo

Pra ser  
E se for  
Tem que ser  
Se temer é milho

Entre o gatilho e a tempestade  
Sempre a provar  
Que sou homem e não um covarde

Que Deus me guarde  
Pois eu sei  
Que ele não é neutro  
Vigia os rico  
Mas ama os que vem do gueto

Eu visto preto  
Por dentro e por fora  
Guerreiro  
Poeta entre o tempo e a memória

Ora  
Nessa história  
Vejo o dólar  
E vários quilates  
Falo pro mano  
Que não morra e também não mate

O tic-tac  
Não espera veja o ponteiro  
Essa estrada é venenosa  
E cheia de morteiro

Pesadelo  
É um elogio  
Pra quem vive na guerra

A paz nunca existiu

Num clima quente

A minha gente sua frio

Vi um pretinho

Seu caderno era um fuzil

Um fuzil

Negro drama

Crime, futebol, música, caraio

Eu também não consegui fugir disso aí

Eu só mais um

Forrest Gump é mato

Eu prefiro conta uma história real

Vô conta a minha

Daria um filme

Uma negra

E uma criança nos braços

Solitária na floresta

De concreto e aço

Veja

Olha outra vez

O rosto na multidão

A multidão é um monstro

Sem rosto e coração

Ei, São Paulo

Terra de arranha-céu

A garoa rasga a carne

É a Torre de Babel

Família brasileira

Dois contra o mundo

Mãe solteira

De um promissor

Vagabundo

Luz, câmera e ação

Gravando a cena vai

Um bastardo

Mais um filho pardo

Sem pai

Ei, Senhor de engenho

Eu sei bem quem você é

Sozinho, cê num guenta sozinho

Cê num entra a pé

Cê disse que era bom

E a favela te ouviu

Lá também tem

Whisky, Red Bull

Tênis Nike e fuzil

Admito

Seus carro é bonito

É, eu não sei fazê

Internet, videocassete

Os carro loco

Atrasado

Eu tô um pouco sim

Tô, eu acho

Só que tem que

Seu jogo é sujo

E eu não me encaixo

Eu sô problema de montão  
De carnaval a carnaval  
Eu vim da selva  
Sou leão  
Sou demais pro seu quintal

Problema com escola  
Eu tenho mil, mil fitas  
Inacreditável, mas seu filho me imita  
No meio de vocês  
Ele é o mais esperto  
Ginga e fala gíria  
Gíria não, dialeto

Esse não é mais seu  
Ó, subiu  
Entrei pelo seu rádio  
Tomei, cê nem viu  
Nós é isso ou aquilo

O quê?  
Cê não dizia?  
Seu filho quer ser preto  
Rááá  
Que ironia

Cola o pôster do 2Pac aí  
Que tal?  
Que cê diz?  
Sente o negro drama  
Vai  
Tenta ser feliz

Ei bacana  
Quem te fez tão bom assim?

O que cê deu  
O que cê faz,  
O que cê fez por mim?

Eu recebi seu tic  
Quer dizer kit  
De esgoto a céu aberto  
E parede madeirite

De vergonha eu não morri  
To firmão  
Eis-me aqui

Você, não  
Cê não passa  
Quando o mar vermelho abrir

Eu sou o mano  
Homem duro  
Do gueto, Brown  
Obá

Aquele louco que não pode errar  
Aquele que você odeia  
Amar nesse instante  
Pele parda  
Ouço funk  
E de onde vem  
Os diamantes  
Da lama

Valeu mãe

Negro drama  
Drama, drama, drama

Aê, na época dos barracos de pau lá na  
Pedreira, onde vocês tavam?  
O que vocês deram por mim?  
O que vocês fizeram por mim?  
Agora tá de olho no dinheiro que eu ganho  
Agora tá de olho no carro que eu dirijo  
Demorou, eu quero é mais  
Eu quero até sua alma  
Aí, o rap fez eu ser o que sou

Ice Blue, Edy Rock e KL Jay e toda a  
família  
E toda geração que faz o rap  
A geração que revolucionou  
A geração que vai revolucionar  
Anos 90, século 21  
É desse jeito

Aê, você sai do gueto, mas o gueto nunca  
sai de você, morou irmão?

### **Bate a Poeira**

Os perturbados se prevalecem  
Enquanto atingidos adoecem  
Palavras soltas que aborrecem  
Esperança depois de uma prece  
Um povo com crise de abstinência  
Procura explicação pra existência  
Num mundo onde dão mais valor pra  
aparência  
Tem sua conseqüência  
  
Negro, branco, rico, pobre

Você tá dirigindo um carro  
O mundo todo tá de olho em você, morou?  
Sabe por quê?  
Pela sua origem, morou irmão?  
É desse jeito que você vive  
É o negro drama  
Eu não li, eu não assisti  
Eu vivo o negro drama, eu sou o negro  
drama  
Eu sou o fruto do negro drama  
Aí dona Ana, sem palavras, a senhora é  
uma rainha, rainha

Mas aê, se tiver que voltar pra favela  
Eu vou voltar de cabeça erguida  
Porque assim é que é  
Renascendo das cinzas  
Firme e forte, guerreiro de fé

Vagabundo nato!

### **Karol Conka**

O sangue é da mesma cor  
Somos todos iguais  
Sentimos calor, alegria e dor  
Krishna, Buda, Jesus, Allah  
Speed Black profetizou  
Nosso Deus é um só  
Vários nomes pro mesmo criador  
Pouco me importa sua etnia  
Religião, crença, filosofia  
Absorvendo sabedoria  
Desenvolvendo meu dia-a-dia

Nesse mundo poucas coisas são certas  
Amor, sorte, morte, a vida que se leva  
Do sul para o norte, da Ásia à América  
Se errar é humano o erro te liberta  
Seja o que tiver que ser, seja o que quiser  
ser  
Bate a poeira, bate a poeira, bate a poeira  
Seja o que quiser ser  
Bate a poeira, bate a poeira, bate a poeira  
Seja o que tiver que

O preconceito velado  
Tem o mesmo efeito, mesmo estrago  
Raciocínio afetado  
Falar uma coisa e ficar do outro lado  
Se o tempo é rei vamos esperar a lei  
Tudo que já passei nunca me intimidei  
Já sofri, já ganhei, aprendi, ensinei  
Tentaram me sufocar mas eu respirei  
Há tanta gente infeliz  
Com vergonha da beleza natural  
É só mais um aprendiz  
Que se esconde atrás de uma vida virtual  
Gorda, preta, loira o que tiver que ser  
Magra, santa, doida somos a força e o  
poder  
Basta, chega, bora, levanta a cabeça e vê  
Vem cá, viva, sinta, o que quiser você  
pode ser

Nesse mundo poucas coisas são certas  
Amor, sorte, morte, a vida que se leva  
Do sul para o norte, da Ásia à América  
Se errar é humano, o erro te liberta

Seja o que tiver que ser, seja o que quiser  
ser  
Bate a poeira, bate a poeira, bate a poeira  
Seja o que quiser ser  
Bate a poeira, bate a poeira, bate a poeira  
Seja o que tiver que

### ANEXO 3



Parte dos alunos que participaram da Oficina.



Alunos na Mostra Técnico Científica da escola